

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ESTRATÉGICOS INTERNACIONAIS**

IGOR ESTIMA SARDO

**O AUMENTO DAS VULNERABILIDADES ECONÔMICAS DOS EUA
FRENTE AO BRICS E SUAS ESTRATÉGIAS DE REVERSÃO (2008-2019)**

Porto Alegre

2024

IGOR ESTIMA SARDO

**O AUMENTO DAS VULNERABILIDADES ECONÔMICAS DOS EUA
FRENTE AO BRICS E SUAS ESTRATÉGIAS DE REVERSÃO (2008-2019)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Milan

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Sardo, Igor Estima

O aumento das vulnerabilidades econômicas dos EUA frente ao BRICS e suas estratégias de reversão (2008-2019) / Igor Estima Sardo. -- 2024.

239 f.

Orientador: Marcelo Milan.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Vulnerabilidade externa. 2. Estados Unidos. 3. Estratégias econômicas. 4. BRICS. I. Milan, Marcelo, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

IGOR ESTIMA SARDO

**O AUMENTO DAS VULNERABILIDADES ECONÔMICAS DOS EUA
FRENTE AO BRICS E SUAS ESTRATÉGIAS DE REVERSÃO (2008-2019)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, 22 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Milan – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini
UFRGS

Prof. Dra. Luiza Peruffo
UFRGS

Prof. Dr. Samuel Costa Peres
UEM

À Maria Helena Nunes Sardo.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de dois anos de estudos e pesquisas amparados pela Universidade Pública e pelo Estado brasileiro. Sendo assim, gostaria de agradecer à sociedade brasileira por contribuir, mediante carga tributária, ao desenvolvimento científico e à pesquisa, investimentos de longo prazo do Brasil. Mais especificamente, agradeço à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) por estes vinte e quatro meses de aprendizado, pesquisa e extensão, e, nesse sentido, estendo meus cumprimentos a todos os professores, servidores e técnicos desta excelente instituição. Concedo um agradecimento carinhoso ao Diretório Acadêmico de Economia, Contábeis e Atuariais (DAECA), espaço que exerci a função de Diretor Acadêmico e que pude realizar atividades de extensão relacionadas aos temas de Economia e Relações Internacionais (RI). Agradeço, também, ao Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE) por me oportunizar à luta por minha categoria e pela representação do profissional de RI na sociedade. Igualmente, agradeço a meus colegas de mestrado, DAECA e ISAPE por me acompanharem nesta caminhada.

Apesar de ter concluído o mestrado em dois anos, estou na UFRGS há sete anos e aprendi o poder edificante e transformados dos mestres em minha vida. Logo, concedo um obrigado especial ao prof. Dr. Marcelo Milan por ter acolhido minha pesquisa na linha de Economia Política Internacional (EPI) no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais (PPGEEI) e, assim, ter me orientado no período do mestrado, me possibilitando oportunidades de ensino, pesquisa e aprendizado. Este trabalho seria impossível sem ele.

Também agradeço ao prof. Dr. Paulo Gilberto Fagundes Visentini por ter me acolhido no Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (Nerint) em novembro de 2021 como pesquisador associado e me possibilitado estar na assistência de edição da conceituada Revista Austral desde janeiro de 2022, experiências que moldaram o acadêmico que sou hoje. Agradeço aos professores Dr. André Moreira Cunha e Dr. José Miguel Quedi Martins pelas experiências de estágio docência e por aprendizados que ultrapassam o espaço da sala de aula. Mais pessoalmente, gostaria de agradecer à Cláudia Silva Estima e a Antonio Ricardo Nunes Sardo, meus pais, por terem me provido apoio material e emocional ao longo de 24 anos de existência. De todos estes mestres, pude perceber como eu sou uma soma de cada um deles e que, portanto, os devo eternamente pelo mosaico pessoal que me tornei. Obrigado!

“In sum, the liberal international order is crumbling”
(Mearsheimer, 2019, p. 30).

RESUMO

O presente trabalho analisa a evolução das vulnerabilidades econômicas externas dos Estados Unidos (EUA) frente ao BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) no período de 2008 a 2019. Portanto, como problema de pesquisa, erige-se a questão sobre se tais vulnerabilidades dos EUA aumentaram, tanto em termos absolutos quanto relativos, no período de análise escolhido (2008-2019). Como a hipótese principal à pergunta de pesquisa, argumenta-se que houve um aumento do Índice de Vulnerabilidade Externa (IVE) estadunidense, tanto em termos absolutos quanto relativos, sobretudo, em relação à República Popular da China. Como hipótese secundária, argumenta-se que os EUA se utilizaram de estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras para conter seus rivais internacionais e tentar frear o aumento de seu IVE. Para esta pesquisa, tem-se como objetivo principal comparar o IVE dos EUA com o de cinco rivais internacionais, isto é, o BRICS, e como objetivo secundário analisar a formulação de estratégias empregadas pelos EUA para tentar frear ou reverter seu IVE em relação a seus principais competidores. No que toca à metodologia da dissertação, trata-se de um trabalho com abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa, por coletar, calcular e avaliar o IVE dos EUA e das economias do BRICS; de um trabalho de natureza de pesquisa aplicada, por aplicar uma ferramenta desenvolvida por Reinaldo Gonçalves (2005) para calcular o IVE; de um trabalho de objetivos exploratórios, descritivos e explicativos, por explorar um tema novo com um método já aplicado anteriormente, descrever resultados e explicar possíveis causas; e de um trabalho de procedimentos experimentais, bibliográficos e documentais, por realizar um experimento estatístico, coletando dados em fontes bibliográficas e documentais oficiais. Como resultado, descobriu-se que o IVE dos EUA variou negativamente 64,11% de 2008 a 2019, aumentando, inclusive, sua vulnerabilidade externa em relação ao BRICS. Conclui-se, finalmente, que estes são possíveis sintomas do fim da ordem liberal internacional construída pelos EUA e do aumento da multipolaridade no Sistema Internacional.

Palavras-chave: Vulnerabilidade externa. Estados Unidos. Estratégias econômicas. BRICS.

ABSTRACT

The present work analyzes the evolution of the external economic vulnerabilities of the United States (USA) in relation to the BRICS (Brazil, Russia, India, China and South Africa) in the period from 2008 to 2019. Therefore, as a research problem, it raises the question of whether such US vulnerabilities increased, both in absolute and in relative terms, in the period of analysis (2008-2019). As the main hypothesis for the research question, it is argued that there was an increase in the American External Vulnerability Index (EVI), both in absolute and in relative terms, especially in relation to the People's Republic of China. As a secondary hypothesis, it is argued that the USA used commercial, productive-technological and monetary-financial strategies to contain its international rivals and to try to slow the increase in its EVI. For this research, the main objective is to compare the US EVI with that of five international rivals, that is, the BRICS, and as a secondary objective to analyze the strategies employed by USA to try to slow down or reverse its EVI in relation to its main competitors. Regarding the methodology of the thesis, it is a work with both a qualitative and quantitative approach, by collecting, calculating and evaluating the EVI of the USA and the BRICS economies; a work of an applied research nature, by applying tools developed by Reinaldo Gonçalves (2005) to calculate the EVI; working with exploratory, descriptive and explanatory objectives, by exploring a new topic with a method already applied previously, describing results and explaining possible causes; and a work on experimental, bibliographic and documentary procedures, for carrying out a statistical experiment collecting data from bibliographic and official document sources. As a result, it was discovered that the US EVI varied negatively by 64.11% from 2008 to 2019, even increasing its external vulnerability in relation to the BRICS. It is concluded, finally, that these are likely symptoms of the end of the liberal international order built by the USA and the increase in multipolarity in the International System.

Keywords: External vulnerability. USA. Economic strategies. BRICS.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa dos Eixos de Poder Mundial	16
Quadro 1 - Formas de estratégias monetária e financeira (<i>financial statecraft</i>)	36
Figura 2 - Cálculo de índice	41
Quadro 2 - Classificação dos indicadores do IVE em tipo de desempenho	43
Gráfico 1 - Evolução do IVE: EUA Vs BRICS - 2008 a 2019	44
Gráfico 2 - Evolução dos índices de vulnerabilidade dos EUA	45
Gráfico 3 - Evolução do IVCO dos EUA e dos BRICS	47
Gráfico 4 - Evolução do IVPT dos EUA e dos BRICS	48
Gráfico 5 - Evolução do IVMF dos EUA e dos BRICS	49
Figura 3 - Relação Dívida/PIB dos EUA em %	53
Figura 4 - Taxa de juros real de curto prazo (%) – Estados Unidos de 2000 a 2012	53
Figura 5 - Taxa de crescimento do PIB dos EUA: 2008 a 2011	54
Figura 6 - Taxa de juros real de curto prazo (%) – Estados Unidos de 2011 a 2019	56
Quadro 3 - Balanço do IVE e dos indicadores dos EUA.....	58
Quadro 4 - Balanço das estratégias estadunidenses.....	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Compilação dos IVEs dos EUA e do BRICS.....	44
Tabela 2 - Índices de vulnerabilidade dos EUA.....	45
Tabela 3 - IVCO dos EUA e dos BRICS.....	47
Tabela 4 - IVPT dos EUA e dos BRICS	48
Tabela 5 - IVMF dos EUA e dos BRICS	49
Tabela 6 - Deterioração relativa do IVE dos EUA para com os BRICS.....	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACA	Patient Protection and Affordable Care Act
ACTA	Anti-Counterfeiting Trade Agreement
AGOA	African Growth and Opportunity Act
CELAC	Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos
BIS	Banco de Compensações Internacionais
BM	Banco Mundial
BRIC	Grupo de Brasil, Rússia, Índia e China
BRICS	Grupo de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
DES	Direitos Especiais de Saque
DIT	Divisão Internacional do Trabalho
EUA	Estados Unidos
Fed	Sistema da Reserva Federal dos Estados Unidos
FFAA	Forças Armadas
FMI	Fundo Monetário Internacional
G7	Grupo de Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Itália, Japão e Reino Unido
G20	Grupo das dezenove maiores economias do mundo mais a União Europeia
IVE	Índice de Vulnerabilidade Econômica
IVCO	Índice de Vulnerabilidade Comercial
IVPT	Índice de Vulnerabilidade Produtivo-Tecnológica
IVMF	Índice de Vulnerabilidade Monetário-Financeira
IED	Investimento Externo Direto
Nafta	Acordo de Livre Comércio da América do Norte, em inglês
OMC	Organização Mundial do Comércio
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
OTSC	Organização do Tratado de Segurança Coletiva
PIB	Produto Interno Bruto
P&D	Pesquisa e Desenvolvimento
RFA	República Federal Alemã
RI	Relações Internacionais
SBW	Sistema de Bretton Woods
SI	Sistema Internacional

SMFI	Sistema Monetário Financeiro Internacional
STEM	Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática, em inglês
TPP	Trans-Pacific Partnership
TTIP	Transatlantic Trade and Investment Partnership
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	VULNERABILIDADES ECONÔMICAS, AJUSTE NO BALANÇO DE PAGAMENTOS E ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO DO IVE.....	19
2.1	COMO MEDIR PODER NA EPI: UMA SUGESTÃO DE USO SISTÊMICO	19
2.2	PODER E VULNERABILIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL E NA ECONOMIA MUNDIAL	25
2.3	VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS ECONÔMICAS.....	34
3	O IVE COMPARADO DOS EUA: 2008-2019.....	40
3.1	O PROCESSO DE CÁLCULO DO IVE E SEUS RESULTADOS PARA O PERÍODO 2008-2019	40
3.2	OS EUA DE 2008 A 2019	51
3.3	OS EUA E OS BRICS DE 2008 A 2019	59
4	AS ESTRATÉGIAS COMERCIAL, PRODUTIVO-TECNOLÓGICA E MONETÁRIO-FINANCEIRA DOS EUA DE 2008 A 2019.....	66
4.1	ESTRATÉGIA COMERCIAL NORTE-AMERICANA: PROTECIONISMO	66
4.2	ESTRATÉGIA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA NORTE-AMERICANA: PROTEÇÃO DE PATENTES	69
4.3	ESTRATÉGIAS MONETÁRIO-FINANCEIRAS NORTE-AMERICANAS: G20, G7, QUANTITATIVE EASING E TAPERING	71
4.4	UM BALANÇO DAS ESTRATÉGIAS ESTADUNIDENSES: RESULTADOS NO IVE E NA ESTRUTURA.....	75
5	CONCLUSÃO.....	87
	REFERÊNCIAS	91
	APÊNDICE A – UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO TEÓRICA DA EPI... 98	
	APÊNDICE B – FONTES PARA COLETA DE DADOS DOS COEFICIENTES DOS INDICADORES	102
	APÊNDICE C – CÁLCULO DOS 14 INDICADORES	108
	APÊNDICE D – TRANSFORMAÇÃO DOS INDICADORES EM ÍNDICES.....	180

1 INTRODUÇÃO

Este estudo se insere no campo de pesquisa da Economia Política Internacional (EPI) e investiga as vulnerabilidades econômicas externas, de ordem comercial, produtivo-tecnológica e monetário-financeira dos Estados Unidos (EUA) em termos absolutos e relativos no período de janeiro de 2008 a dezembro de 2019. Indaga-se se tais vulnerabilidades dos EUA aumentaram, tanto em termos absolutos quanto relativos, no período de análise escolhido (2008-2019).

No que toca à hipótese principal à pergunta desta pesquisa, argumenta-se que houve um aumento do IVE estadunidense tanto em termos absolutos quanto relativos, sobretudo, em relação à República Popular da China. Como hipótese secundária, argumenta-se que os EUA se utilizaram de estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras para conter seus rivais internacionais e tentar frear o aumento de seu índice de vulnerabilidade externa (IVE), concentrando-se, respectivamente, em medidas protecionistas, proteção de patentes e manobras monetárias multilaterais e unilaterais. Para esta pesquisa, tem-se como objetivo principal comparar o IVE dos EUA e com o IVE de cinco rivais internacionais, e como objetivo secundário analisar a formulação de estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras e produtivo-tecnológicas aplicadas pelos EUA para tentar frear ou reverter seu IVE em relação a seus principais competidores.

No aspecto metodológico (Gerhardt; Silveira, 2009), esta pesquisa possui várias clivagens:

- a) quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa que une elementos quantitativos, ao calcular e comparar índices de vulnerabilidades, e qualitativos, ao se qualificar as estratégias norte-americanas para tentar reverter seus índices relativos;
- b) quanto à natureza, trata-se de uma pesquisa aplicada, pois aplica uma análise e um método já desenvolvidos por outro autor;
- c) quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa que combina elementos exploratórios, descritivos e explicativos, porque levanta bibliografia sobre EPI para debatê-la, descreve fenômenos de competição econômica estratégica e, ao fazê-lo, tenta explicar relações causais;
- d) quanto aos procedimentos, a pesquisa se utiliza de instrumento experimental, por se propor a aplicar um experimento da EPI, de aspecto bibliográfico, por debater diferentes autores na categorização de poder e vulnerabilidade externa na EPI, e de aspecto documental, por recorrer a fontes oficiais para compilar dados e números.

Ademais, esta pesquisa tenta se justificar mediante seu aspecto acadêmico e social. Pelo viés acadêmico, ao se fazer uma procura, até maio de 2023, nos motores de busca da SciELO, do Portal Periódico CAPES e do Google Scholar pelas palavras-chave “vulnerabilidade externa Estados Unidos” e “*external vulnerability United States*”, não se encontrou trabalho semelhante ao proposto nesta dissertação, seja no problema de pesquisa, sejam nos objetivos. Pelo lado social, o presente trabalho pode oferecer um instrumental analítico interessante para futuros pesquisadores e tomadores de decisão brasileiros que lidem com estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras para reverter situações de vulnerabilidade. Toda pesquisa é feita por alguém e para alguém, e com esta não seria diferente. Espera-se que este trabalho seja útil e relevante para o desenvolvimento econômico e social da República Federativa do Brasil.

A escolha desta pergunta de pesquisa se deve a uma série de condicionantes. Primeiro, ao se escolher o campo de pesquisa da EPI, trabalha-se com a noção de poder entre os Estados nas relações internacionais, tendo como o fio condutor as relações econômicas, isto é, os fluxos de bens e serviços (comércio internacional) na Divisão Internacional do Trabalho (DIT) (produção e tecnologia) e de capitais (moedas e finanças) no Sistema Monetário e Financeiro Internacional (SMFI).

Ao se trabalhar com esta noção de modo quantitativo, é importante estabelecer parâmetros de mensuração da mesma a fim de entender quais foram, e são, as dinâmicas preponderantes no concerto mundial de Estados, tendo por interesse suas relações econômicas. Assim, compreendendo como o comércio, a produção e as finanças mundiais se distribuem entre os Estados, é possível analisar as vulnerabilidades econômicas entre eles.

A vulnerabilidade utilizada neste trabalho é a empregada por Gonçalves (2005), que, em poucas palavras, é a capacidade de resistir a pressões causadas por choques externos, que uma economia enfrenta ao se inserir na economia internacional¹. Neste sentido, a fim de aumentar seu poder efetivo e assegurar prosperidade e segurança, isto é, reduzir suas vulnerabilidades, os Estados se preocupam com suas fragilidades externas frente a seus competidores. Para este trabalho, escolheu-se a ferramenta do Índice de Vulnerabilidade Externa (IVE), desenvolvida por Reinaldo Gonçalves (2005), para analisar e explicar a diferença entre poder potencial e poder efetivo frente aos demais Estados. O índice se baseia em uma média simples entre três outros índices: “vulnerabilidade comercial (IVCO), vulnerabilidade produtivo-tecnológica (IVPT) e vulnerabilidade monetário-financeira (IVMF)”

¹ Escolheu-se esta abordagem de mensuração de poder a fim de se prestigiar a literatura de EPI feita no Brasil. Eleger tal abordagem não significa supor que esta é superior às demais, mas significa engajar no debate nacional da literatura de EPI.

(Gonçalves, 2005, p. 131). Para se obter o índice, é preciso obter a média dos índices de desempenho dos indicadores macroeconômicos² delimitados por Gonçalves (2005, p. 131-132) a seguir:

- Esfera comercial (5 indicadores): exportação de bens e serviços/PIB; crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços – crescimento do PIB real; índice de concentração das exportações; reservas internacionais líquidas [exclusive recursos do FMI]/importação de bens e serviços; e taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens.
- Esfera produtivo-tecnológica (6 indicadores): estoque de investimento externo direto [IED]/PIB; estoque de IED/exportação de bens e serviços; estoque de IED em serviços/estoque de IED total; gastos com pesquisa e desenvolvimento tecnológico/PIB; exportação de produtos intensivos em tecnologia/exportação de manufaturados; e pagamento de tecnologia/ gastos com P&D.
- Esfera monetário-financeira (5 indicadores): dívida externa total/exportação de bens e serviços; dívida com FMI/dívida externa total; renda líquida/exportação de bens e serviços; serviço da dívida pública e garantida pelo setor público/exportação de bens e serviços; e ajuda externa/importação de bens e serviços.

A fim de responder à pergunta de como obter estes dados, é preciso explicar a escolha do objeto de pesquisa ser os EUA e quais seriam seus competidores. A escolha do Estado em questão leva em conta que o Produto Interno Bruto (PIB) estadunidense, em dólares correntes (não em paridade do poder de compra), ainda é o maior da economia mundial, e sua moeda, o dólar americano, ainda é a mais utilizada no comércio e nos mercados de câmbio e de capitais globais. Assim, a escolha dos EUA para análise se justifica por sua relevância na economia mundial. Com relação a seus competidores, para a fase de comparação, o recorte é mais complexo e leva em conta elementos mais políticos. Em primeiro lugar, ainda que o discurso de política externa estadunidense mencione parceiros, seja em foros como o G7 ou em outros arranjos, no limite, todas as demais grandes potências do Sistema Internacional (SI) são seus competidores.

Em se tratando de EPI, não é possível se ater a apenas aspectos econômicos ou a aspectos de poder, mas cotejar ambos de forma entrelaçada. Utilizando-se do conceito de hegemonia regional de Mearsheimer (2001), a política externa dos EUA se preocupa em impedir que qualquer Estado, além de sua região, torne-se uma hegemonia regional. Instrumentalizando Buzan e Waever (2003), pode-se afirmar que uma região é um espaço terrestre delimitado por grandes corpos d'água ou barreiras físicas de difícil transposição, como cordilheiras e desertos, logo, configurando um Complexo Regional de Segurança. Parte desta visão foi antecipada por Spykman (1942), ao argumentar que as principais regiões do mundo estavam na periferia da

²Em função de limitações conhecidas, o indicador de Estoque do IED em serviços como proporção do estoque total de IED não foi considerado para o cálculo do IVPT nesta pesquisa, uma vez que o estoque de IED em serviços é um coeficiente de difícil acesso para a maioria dos Estados em qualquer período de análise. Ademais, o indicador de Ajuda externa/Importação de bens e serviços foi, igualmente, desconsiderado, porque os seis Estados em análise não receberam ajuda externa no período de 2008 a 2019.

Eurásia, isto é, segundo ele, o *Rimland*. A obra de Spykman, por sua vez, influenciou profundamente a política externa dos EUA no pós-1945 (Anderson, 2015). Desta forma, se os EUA conseguirem balancear e enfraquecer seus rivais nesta região, manter-se-ão como a única hegemonia regional do SI (Mearsheimer, 2001; Spykman, 1942).

Levando-se em conta esta preocupação, as estratégias comerciais, produtivo-tecnológica e monetário-financeira dos EUA são mais orientadas em direção a países no, ou próximo ao, *Rimland*. No entanto, apenas uma definição política não seria suficiente para se separar os principais adversários dos EUA na arena da EPI, porque há Estados no *Rimland* que não representam ameaça ao poder norte-americano, como a Alemanha e o Japão, e há Estados que não estão no *Rimland*, mas são candidatos a serem hegemônias regionais de suas próprias regiões, como o Brasil, na América do Sul, e África do Sul, na África Austral. Sendo assim, em conjunto a uma definição política, é preciso concatenar uma definição econômico-política e, para tal, a definição de Visentini (2019) sobre os Eixos de Poder Mundial pode servir aos propósitos deste trabalho.

De acordo com Visentini (2019), há quatro eixos do poder mundial, os quais agregariam as posições político-econômicas dos Estados:

- a) *eixo militar-rentista anglo-saxão*, composto, sobretudo, por EUA, Canadá, Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia;
- b) *eixo industrial desenvolvido*, composto, sobretudo, por União Europeia, Japão e Tigres Asiáticos;
- c) *eixo industrial heterodoxo emergente*, composto, sobretudo, pelo BRICS;
- d) *eixo agrário, mineral e demográfico periférico*, composto, sobretudo, por Estados latino-americanos, africanos e asiáticos de baixa renda nacional.

Figura 1 - Mapa dos Eixos de Poder Mundial



Fonte: Visentini (2019, p. 23).

Cada eixo representa um conjunto de Estados que guarda semelhanças e complementaridades entre si. Por exemplo, embora não sejam aliados incondicionalmente, as economias norte-americana e britânica dificilmente seriam concorrentes, justamente porque se encontram no mesmo eixo de desenvolvimento. Ademais, ainda que as economias do eixo industrial desenvolvido representem uma ameaça potencial tanto financeira quanto industrial aos EUA, não oferecem ameaça militar, porquanto se encontram sob tutela norte-americana em arranjos militares aliados, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Contudo, os Estados do eixo industrial heterodoxo emergente, de fato, representam uma ameaça aos interesses estadunidenses por gozarem de maior soberania comercial, produtiva, financeira e militar, sobretudo, no que diz respeito ao caso do BRICS, grupo de países emergentes (Visentini, 2019).

Além de cada um destes Estados concentrar riqueza, população, território e capacidades militares, estão localizados em regiões próprias que lhes permitem ambicionar a hegemonia regional. O Brasil na América do Sul; a República Popular da China no leste asiático; a Índia na Ásia Meridional; a Rússia se encontra entre a região europeia e a asiática; e África do Sul na África Austral. Sendo assim, haja vista esta percepção de política externa norte-americana (Anderson, 2015) e das posições político-econômicas dos eixos de poder mundial (Visentini, 2019), pode-se considerar um universo mais restrito de contendores potenciais formado pelo BRICS³. Não por acaso, estes países são definidos como economias emergentes desde 2001 pelo Goldman Sachs (Visentini, 2015). Portanto, a escolha de comparação de índices de vulnerabilidade entre os EUA e estes cinco contendores se explica pela preocupação da própria política externa dos EUA.

Neste sentido, para compilar os dados dos índices de vulnerabilidade a respeito destes seis países – os EUA e seus cinco contendores –, são utilizadas como fontes principais o Banco Mundial (BM) e a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD). Por fim, no que concerne ao problema desta pesquisa, o recorte temporal de janeiro de 2008 a dezembro de 2019 foi escolhido por estar inserido no início da crise do subprime nos EUA, em março de 2008, com a liquidação do Bear Stearns, até o início da crise da pandemia de Covid-19 naquele país, em março de 2020. Foi escolhido este período por estar delimitado entre duas graves crises, momento no qual as vulnerabilidades econômicas externas dos Estados ficam mais evidentes e variam de grau, alterando a correlação de poder entre os principais atores internacionais.

Para testar as hipóteses e cumprir os objetivos deste estudo, a dissertação se dividiu em três principais capítulos, versando respectivamente sobre:

³ Por questão de espaço, apesar de o trabalho mensurar o IVE de todos os membros do BRICS até 2019, preferiu-se focar na China, haja vista que sua economia representa o maior desafio aos EUA.

- a) questões conceituais: Vulnerabilidades econômicas, ajuste no Balanço de Pagamentos e estratégias de contenção do IVE;
- b) questões empíricas: IVE comparado dos EUA de 2008 a 2019;
- c) questões analíticas: As estratégias comercial, produtivo-tecnológica e monetário-financeira dos EUA de 2008 a 2019.

No primeiro capítulo, se fez uma revisão de literatura sobre os conceitos de poder e vulnerabilidade no campo da EPI, cotejando com os conceitos de IVE de Gonçalves (2005). Para tal, foram abordados os principais autores de EPI, tais como os da linha realista (Strange, 1998; Cohen, 2015, 2018), da estabilidade hegemônica (Gilpin, 2002; 1981), do institucionalismo neoliberal (Keohane, 2005; 2012; Nye, 2004), do Sistema-mundo (Amin, 1976; Baran, 1967; Wallerstein, 1974) além de outros autores referenciais nos estudos da história da economia mundial (Eichengreen, 2011, 2012).

No segundo capítulo, se abordou a evolução do IVE estadunidense de março de 2008 a março de 2020, levando em consideração sua política macroeconômica doméstica para reerguer a economia da crise do subprime e comparando seu índice com o de seus contendores. Sendo assim, neste capítulo, são apresentados os dados, organizados e compilados, de cada um dos seis Estados analisados, procedimentos de cálculo para obtenção dos IVEs e comparação de cada um deles. Deu-se destaque especial à evolução do IVE dos EUA, lançando luz, mediante diferentes mandatos presidenciais e políticas econômicas, a como os EUA atuaram domesticamente para reverter suas vulnerabilidades pós-2008 (Moraes, 2017; Stiglitz, 2010).

Tendo comparado os índices no capítulo anterior, o capítulo terceiro analisou as estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras empregadas pelos norte-americanos para reverter sua situação de vulnerabilidade pós-2008 frente a seus cinco rivais. Cada uma das estratégias envolve um conjunto de atitudes de política externa que se coordenam para mitigar um tipo de vulnerabilidade diferente, seja comercial, seja produtivo-tecnológica, seja monetário-financeira (Gonçalves, 2005). Finalmente, concluiu-se o trabalho com um capítulo final, retomando brevemente os pontos trazidos nesta introdução e debatidos nos capítulos do desenvolvimento da dissertação.

Finalmente, a interlocução deste trabalho é, sobretudo, com os pesquisadores brasileiros de EPI que há décadas travam um debate sobre o quão poderosos são os EUA. Se por um lado, há um grupo desenvolvimentista e nacionalista que defende que os EUA estão em declínio desde 1973, por outro, há um grupo liberal e americanófilo que argumenta que os EUA nunca estiveram tão poderosos. Por outras vias, esta visão da resiliência estadunidense também é compartilhada por membros do primeiro grupo (Tavares; Melin, 1997). Desta forma, busca-se contribuir com este debate por meio de uma abordagem que emprega o método quantitativo e o qualitativo e, assim, permite mensurar, de fato, quão poderosos os EUA são ou estão.

2 VULNERABILIDADES ECONÔMICAS, AJUSTE NO BALANÇO DE PAGAMENTOS E ESTRATÉGIAS DE CONTENÇÃO DO IVE

Na seção inicial deste capítulo 2, busca-se fazer uma sugestão do uso do IVE de Gonçalves (2005) como medida inversa de poder em nível sistêmico, ou seja, a principal variável que os Estados parecem levar em conta a partir do enfoque econômico para medir poder, haja vista que o ajuste que os Estados precisam fazer em seus Balanços de Pagamentos (BP), na maioria dos casos, incorre em custos indesejáveis. Na seção 2 do capítulo, aprofunda-se como o IVE pode representar esta medida inversa de poder, levando-se em conta que os Estados agem de maneira autointeressada no ambiente competitivo da economia internacional. Finalmente, na seção 3, propõe-se fazer uma classificação geral das estratégias adotadas pelos Estados tendo em vista a oscilação de seus respectivos IVEs.

2.1 COMO MEDIR PODER NA EPI: UMA SUGESTÃO DE USO SISTÊMICO

Há relativo consenso que um dos principais atores da Economia Política Internacional (EPI) é o Estado. Por exemplo, para Gilpin (2005) e Strange (1994), o Estado, na verdade, é o ator central da EPI, embora existam outros agentes que influenciem seu comportamento. Mesmo Gonçalves (2005), que aceita uma gama maior de atores na análise de EPI, reconhece que “[...] no cenário internacional o ator político com papel predominante é o Estado. Então, a questão de maior relevância consiste em analisar o poder do Estado no sistema internacional” (Gonçalves, 2005, p. 126).

Isto não é coincidência, uma vez que a EPI se insere no campo maior das Relações Internacionais (RI), que, para a maioria dos autores, também considera o Estado como ator central de análise (Keohane, 1984; Mearsheimer, 2001; Waltz, 2002). Para a maioria destes autores de RI, os Estados têm uma preocupação maior em acumular capacidades militares, porém, manter uma economia próspera é, igualmente, de seu interesse, porquanto a base do poder militar é a economia da nação. Mearsheimer (2001) argumenta que os Estados atuam em três frentes: diplomática, militar e econômica, sendo esta última frente um poder potencial que tende a se transformar em capacidade militar. Ademais, Waltz (2002), além de concordar com a existência destas três frentes, argumenta que “Os Estados usam meios econômicos para fins militares e políticos; e meios militares e políticos para alcançar interesses econômicos” (Waltz, 2002, p. 133-134).

Porém, nem sempre uma economia forte é sinônimo de muito poder no Sistema Internacional (SI). No início do século XXI, Mearsheimer (2001) desclassificou o Japão como uma Grande Potência, em função de seu baixo poder militar, apesar de alto poder na frente econômica. Assim, o autor advoga que riqueza e capacidade militar são coisas distintas. Ainda que a riqueza seja importante para manter grandes exércitos, sobretudo, em tempos de guerra, a não conversão em capacidades militares não configura poder no SI. Por exemplo, nas palavras de Strange (1994, p. 31-32, tradução própria)¹, “[...] a escola de pensamento realista nas relações internacionais tem defendido que, em último recurso, o poder militar e a capacidade de usar a força coerciva para obrigar o cumprimento dos outros devem sempre prevalecer. Em última instância, isso é inegavelmente verdade”.

Não obstante, para Paul Kennedy (1989), há uma interação clara entre economia e estratégia na história das RI e nas mudanças de polaridade, mas nenhuma delas sendo a variável determinante para tais mudanças. Para o autor, é claro que a capacidade produtiva ampliada é um sinal de poder para arcar com o ônus dos armamentos em grande escala, tanto em tempos de paz, quanto de manter e abastecer grandes exércitos e armadas durante a guerra, porque uma nação rica gera receitas ao Estado. Ademais, ainda que a economia não determine a correlação de forças, uma longa e arrastada guerra sempre dá vitória ao lado com uma base produtiva mais sólida (Kennedy, 1989).

Entretanto, é importante lembrar que a economia é apenas um dos aspectos das RI. Tanto Mearsheimer (2001) quanto Kennedy (1989) alertam para casos na história em que a estratégia militar sobrepujou um adversário economicamente mais forte, como quando a Prússia derrotou a França em 1871. Além disto, ambos os autores reconhecem que converter somas cada vez maiores da riqueza da nação em poder militar pode, também, levar à ruína da potência, como a Grã-Bretanha no final do século XIX ou a União Soviética no final do século XX (Kennedy, 1989; Mearsheimer, 2001).

Desta forma, se os atores centrais em análise de EPI, neste trabalho, são os Estados, seu comportamento com os demais Estados na frente econômica pode fornecer um elemento em nível de sistema, ou seja, em nível sistêmico, útil para comparação de poder². Mearsheimer (2001) sintetiza, por exemplo, que os objetivos dos Estados incluem: ser uma hegemonia

¹ No original: “[...] the realist school of thought in international relations has held that in the last resort military power and the ability to use coercive force to compel the compliance of others must always prevail. In the last resort, this is undeniably true” (Strange, 1994, p. 31-32).

² Uma análise complementar sobre a EPI pode ser encontrada no Apêndice A da dissertação. Nele, é feita uma sugestão de aproximação teórica entre as teorias que trabalham com agentes maximizadores de utilidade tanto nas RI quanto nas ciências econômicas. O apêndice A se propõe a fazer reflexões sobre os fundamentos destas duas áreas e suas influências na EPI.

regional, ser próspero, possuir as maiores forças terrestres e obter superioridade nuclear. Com relação à prosperidade econômica, o autor enfatiza o objetivo de aumentar a parcela relativa que o Estado em questão tem na economia mundial, maximizando sua riqueza. No entanto, autores de RI, tal como Mearsheimer (2001), não se aprofundam no tema da frente econômica de disputa entre Estados. Para entender o sistema de Estados que a EPI mais vislumbra é preciso entender as interações de poder entre os Estados, sobretudo, poder econômico.

Poder, de maneira sucinta, é “[...] a probabilidade de que um ator dentro de uma relação social esteja em posição de realizar a sua própria vontade apesar da resistência, independentemente da base sobre a qual esta probabilidade se baseia” (Weber, 1964, p. 152, tradução própria)³. Neste sentido, Strange (1994) argumenta que os Estados na economia mundial exercem dois tipos de poder, um relacional e outro estrutural. O do tipo relacional é o poder que um Estado consegue exercer em relação a outro Estado, de maneira bilateral; entretanto, o de tipo estrutural é o poder que um Estado consegue exercer sobre toda a estrutura da economia mundial. Indo além, estes poderes podem ser sobre segurança, crédito, produção ou conhecimento⁴. O poder, para Strange (1994), é a autoridade que se expressa na arena internacional, em contraposição às forças indomadas do mercado.

O esquema analítico proposto pela autora britânica, conquanto sofisticado, ainda trata pouco sobre a natureza do sistema da EPI. Ela concorda, em certa medida, com autores de RI de que:

Numa economia internacional em que a autoridade é difusa e não centralizada, e em que o poder está distribuído de forma desigual entre os Estados, o domínio de um Estado que baseia a sua economia política em qualquer um dos três modelos irá naturalmente, se for capaz, tentar influenciar a economia política global no mesmo padrão (Strange, 1994, p. 6, tradução própria)⁵.

Já para Gilpin (2002), ao tentar definir o que seria EPI, argumenta que se trata de uma área do conhecimento cujo principal objeto de estudo é o impacto da economia mundial de mercado sobre as relações dos Estados e as formas pelas quais os Estados procuram influenciar as forças de mercado para sua própria vantagem. Esta ideia está presente, na verdade, desde o fundamento da economia política com Adam Smith, para quem, segundo ele, “[...] o grande

³ No original: “[...] the probability that one actor within a social relationship will be in a position to carry out his own will despite resistance, regardless of the basis on which this probability rests” (Weber, 1964, p. 152).

⁴ Conhecimento (*knowledge*) pode ser entendido como inovação, patente tecnológica e teoria acadêmica, por exemplo (Strange, 1994).

⁵ No original: “In an international economy in which authority is diffused and not centralized, and in which power is unequally distributed among states, the dominance of a state basing its political economy on any one of the three models naturally will, if it is able, try to bias the global political economy towards the same pattern”. (Strange, 1994, p. 6).

objectivo da economia política em cada país é aumentar a riqueza e o poder desse país” (Smith, 2014, p. 643).

Seguindo o raciocínio de Gilpin (2002), para entender o comportamento dos Estados em nível sistêmico, pela lente da EPI, o autor identifica três principais abordagens teóricas principais da EPI:

- a) a Teoria da Economia Dual (Hicks, 1969);
- b) a Teoria do Sistema Mundial Moderno (Amin, 1976; Baran, 1967; Wallerstein, 1974);
- c) a Teoria da Estabilidade Hegemônica (Gilpin, 2002; Kindleberger, 1970).

A Teoria da Economia Dual é derivada da ideologia liberal e “[...] considera a evolução do mercado como uma reação ao desejo universal de aumentar a eficiência e de maximizar a riqueza” (Gilpin, 2002, p. 86). Já a Teoria do Sistema Mundial Moderno (*Modern World-System*) é derivada da corrente marxista e interpreta que “[...] o mercado mundial seria essencialmente um mecanismo para a exploração econômica dos países menos desenvolvidos pelas economias mais industrializadas avançadas” (Gilpin, 2002, p. 86). Por fim, o autor se apresenta como um defensor da Teoria da Estabilidade Hegemônica, uma teoria derivada do realismo político, que percebe a história das RI como uma sucessão de potências liberais dominantes, uma corrente teórica que já vinha se desenvolvendo com outros autores (Kennedy, 1989; Kindleberger, 1970; Modelski, 1987).

Apesar do esforço interessante de compilar as teorias, Gilpin (2002, p. 50) admite que, no entanto, “[...] em todas essas manifestações encontramos um conjunto de temas e de atitudes, em lugar de uma teoria política ou econômica sistematizada”. Por um lado, a Teoria da Economia Dual foge do SI ao colocar como ator principal os agentes econômicos, assim, aproximando-se mais de um enfoque econômico da EPI. Por outro lado, a Teoria do Moderno Sistema Mundial, conquanto reconheça a importância do Estado na arena internacional, coloca a classe social e, portanto, a luta de classes, no centro da análise, assim, aproximando-se mais de um enfoque sociológico da EPI.

Por fim, a Teoria da Estabilidade Hegemônica nada mais é do que outra teoria específica de RI, uma vez que coloca o Estado como ator principal e seu conjunto como o SI. No entanto, diferentemente das teorias sistêmicas, esta teoria não foca no equilíbrio dos agentes, mas na assunção de que há, ou pode haver, um Estado mais poderoso militarmente que os demais. Além disso, tal Estado consegue galvanizar uma ampla gama de outros Estados em volta de sua liderança moral, promovendo regimes que propaguem os valores de sua ordem hegemônica – valores liberais normalmente – e ofertando bens públicos que legitimem esta ordem. Na

ausência de uma hegemonia no SI, a competição interestatal se acirra e um futuro Estado hegemônico pode surgir (Gilpin, 2002).

A teoria, a princípio, parece se encaixar mais no escopo da EPI por se basear na concepção de que a ordem hegemônica é calcada em regimes e bens coletivos que facilitam as trocas comerciais, o fluxo internacional de capitais, o crescimento e a interdependência econômica. Críticos da teoria, como Robert Keohane (1984), no entanto, argumentam que a existência de uma hegemonia, militar e moral, não é condição *sine qua non* para o aumento da interdependência econômica e da mitigação da anarquia internacional. Além disso, mesmo com a existência de uma hegemonia liberal, como nos casos da Grã-Bretanha no século XIX e dos EUA na Guerra Fria, a competição militar não foi diminuída, uma vez que vários Estados usavam dos regimes e bens públicos promovidos pelo líder para benefício próprio, em um comportamento conhecido como *free rider* (pegar carona) (Gilpin, 2002; Kennedy, 1989; Mearsheimer, 2001; Waltz, 2002).

Gilpin (2002) questiona se a Teoria da Estabilidade Hegemônica seria uma tentativa de teoria geral de EPI, chegando à conclusão de que, na verdade, ela é um complemento às teorias da Economia Dual e do Moderno Sistema Mundial e, reiterando que usa o termo EPI “[...] apenas para indicar um conjunto de questões que devem ser examinadas com uma mistura eclética de métodos analíticos e perspectivas teóricas” (Gilpin, 2002, p. 26).

Em realidade, esta percepção eclética da EPI também é compartilhada por Gonçalves (2005), uma vez que a EPI “[...] procura superar essas limitações específicas de cada campo teórico [das RI e das ciências econômicas] ao apresentar um enfoque analítico eclético ou abrangente para os fenômenos próprios do sistema internacional, em geral, e do sistema econômico internacional, em particular” (Gonçalves, 2005, p. 4). O autor vai além e infere que “[...] é ainda mais verdadeiro que não há um campo teórico específico do que pode ser denominado Economia Política Internacional” (Gonçalves, 2005, p. 8), e de que a EPI nada mais é do que um “[...] enfoque analítico” (Gonçalves, 2005, p. 8).

Fica patente, portanto, que a EPI possui atores em comum às RI, mas com um enfoque analítico diferenciado, ao se dar mais atenção à economia mundial, ao processo de acumulação de capital e ao desenvolvimento econômico dos Estados. O que é interessante, porém, entre as duas áreas é um aspecto presente nas RI que pode ser útil a este trabalho na mensuração de poder sistêmico na EPI: a noção de equilíbrio entre os agentes do sistema. Se para as RI, o equilíbrio é determinado pela distribuição de capacidades entre os Estados, isto é, justamente aquilo que lhes é comum, um fator semelhante poderia ser atribuído, neste trabalho, ao se comparar poder, tendo a EPI como enfoque analítico.

Embora autores das RI, como Mearsheimer (2001), utilizem variáveis econômicas como o PIB enquanto indicadores de poder, isto ainda não aponta para um equilíbrio, ou desequilíbrio, entre atores que não seja o mesmo já usado nas próprias RI. Pensando de maneira semelhante às duas ciências constituintes à EPI, cada uma tem um desequilíbrio próprio: a crise para a ciência econômica e a guerra para as RI. Desta forma, o desequilíbrio que é único a qualquer Estado do SI, mas é típico de suas relações econômicas externas, é o ajuste no Balanço de Pagamentos (BP)⁶, o mecanismo pelo qual os Estados mantêm relações de compensação entre residentes e não residentes do território do Estado.

Gonçalves (2005) aponta para direção semelhante ao constatar que, no longo prazo, os Estados atuam no SI com o objetivo de acumular capital, o que se coaduna com os argumentos do acúmulo de riqueza para finalidades militares, contudo, no “[...] curto prazo, o Estado tem como função a estabilização macroeconômica. Ele tem a responsabilidade da gestão das crises econômicas (recessão, desemprego, inflação etc.); mais especificamente, cabe ao Estado administrar a conjuntura econômica” (Gonçalves, 2005, p. 83), ou seja, o “[...] desequilíbrio do balanço de pagamentos [...]” (Gonçalves, 2005, p. 19).

De fato, o que geralmente predomina na literatura de economia internacional sobre o ajuste no BP é seu aspecto monetário-financeiro, negligenciando-se aspectos importantes de outras esferas da economia internacional. Isto ocorre porque a economia monetária é muito mais célere que a economia real, sendo muito mais preferível aos Estados realizar ajustes no BP mediante instrumentos monetário-financeiros, tais como políticas monetárias e cambiais, internacionalização da moeda, flexibilização do mercado de capitais, variação de reservas etc. (Andrews, 2006; Cohen, 2015, 2019). Porém, o ajuste no BP se dá de maneira holística, impactando variáveis reais da economia nacional. Sendo assim, depender somente do ajuste monetário-financeiro pode significar pagar um alto custo em esferas como a comercial ou a produtivo-tecnológica (Gonçalves, 2005).

Desta forma, é preciso levar em conta quatro esferas que podem ajudar a entender o ajuste do BP. Nas palavras de Gonçalves (2005, p. 11), “[...] a dinâmica do sistema econômico internacional compreende relações, processos e estruturas. As relações significam interação. As esferas são a comercial, a produtivo-real, a tecnológica e a monetário-financeira”. Portanto:

- a) a esfera comercial diz respeito “ao sistema mundial de comércio de bens e serviços” (Gonçalves, 2005, p. 17);

⁶ É importante frisar que o BP é uma via de mão dupla ou de soma zero, isto é, o superávit em uma economia requer déficits em outras.

- b) a esfera produtivo-real diz respeito “ao deslocamento de produtores de bens e serviços de um país para outro via investimento externo direto” (Gonçalves, 2005, p. 18);
- c) a esfera tecnológica diz respeito à “transferência internacional de ativos intangíveis e conhecimento. Trata-se também dos direitos de propriedade intelectual e industrial e de know-how” (Gonçalves, 2005, p. 18);
- d) a esfera monetário-financeiro diz respeito “aos fluxos de capitais internacionais, na forma de empréstimos, financiamentos e investimentos” (Gonçalves, 2005, p. 18) e “[...] significa para o investidor a aquisição de direitos e para o receptor, a cessão de direitos” (Gonçalves, 2005, p. 18).

Entretanto, diferentemente de Estados que conseguem projetar poder e perturbar o equilíbrio de SI, o ajuste no BP é uma medida defensiva que os Estados tendem a empurrar para os demais, mediante a diminuição de sua vulnerabilidade frente a um possível ajuste. Nas palavras de Gonçalves, em um “[...] mundo onde os conflitos de interesses e valores predominam (em detrimento da solidariedade e da cooperação), os atores sociais procuram reduzir sua vulnerabilidade externa – os Estados com relação a outros Estados [...]” (Gonçalves, 2005, p. 89). Logo, é preciso entender como os Estados percebem suas vulnerabilidades e que estratégias utilizam para minimizá-las frente a seus concorrentes no SI.

2.2 PODER E VULNERABILIDADE NO SISTEMA INTERNACIONAL E NA ECONOMIA MUNDIAL

Uma vez estabelecido, para este trabalho, que os atores centrais da EPI são os Estados, seu sistema o SI e o (des)equilíbrio comum aos atores o (des)ajuste no BP, cabe elucidar dois conceitos dentro do estudo de EPI aqui proposto: poder e vulnerabilidade no SI e na economia mundial. A noção de poder está presente em várias ciências sociais, como a ciência política e as RI, e, retomando Weber (1964), pode ser entendida como a capacidade de fazer valer a própria vontade, a despeito de resistência de terceiros. Inclusive, ao caracterizar a política nacional, Weber (1974) a percebia como um sistema de distribuição de poder, tal como o SI e a economia, uma vez que a política se trata da “[...] participação no poder ou a luta para influir na distribuição de poder, seja entre Estados ou entre grupos dentro de um Estado” (Weber, 1974, p. 98). Todavia, é importante enfatizar a dificuldade que há, em qualquer ciência social, de se mensurar o poder. Este trabalho, mediante o IVE, oferece apenas uma alternativa entre várias.

Como discutido anteriormente, a distribuição de poder no SI já é bem estabelecida na literatura de RI como a distribuição de capacidades entre os Estados. No entanto, no binômio proposto pela EPI, constituído pelo SI e pela economia mundial, a distribuição de poder se torna tema mais complexo. Como o ajuste no BP, neste trabalho, é a disputa interestatal comum no enfoque econômico, a aplicação do conceito weberiano de poder fica um pouco comprometida, uma vez que o ajuste é, normalmente, passivo. Por isso, a noção de vulnerabilidade externa de Gonçalves (2005) oferece uma solução a esta condição, sendo possível comparar o poder entre os Estados pela lente da EPI, utilizando sua contraparte, ou seja, a vulnerabilidade. Para Gonçalves (2005, p. 19), “[...] vulnerabilidade externa é a probabilidade de resistência a pressões, fatores desestabilizadores e choques externos, bem como o custo dessa resistência”. Ademais, “[a] vulnerabilidade externa é multidimensional e abarca os custos da resistência relativos aos efeitos dos fluxos financeiros, do investimento, da tecnologia e do comércio no sistema internacional” (Gonçalves, 2005, p. 19).

A fim de se calcular tais vulnerabilidades, Gonçalves (2005) recorreu à estatística descritiva e organizou um método de cálculo utilizando-se de números-índice, estimando, assim, índices de vulnerabilidades baseados em indicadores macroeconômicos. Desta forma, Índice de Vulnerabilidade Externa (IVE) é a média simples dos índices de vulnerabilidade comercial (IVCO), produtivo-tecnológica (IVPT)⁷ e monetário-financeira (IVMF). Sendo assim, para cada índice, é necessário calcular a média dos índices de cada um destes indicadores macroeconômicos⁸ (Gonçalves, 2005, p. 131-132) a seguir:

- Esfera comercial (5 indicadores): exportação de bens e serviços/PIB; crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços – crescimento do PIB real; índice de concentração das exportações; reservas internacionais líquidas [exclusive recursos do FMI] /importação de bens e serviços; e taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens.
- Esfera produtivo-tecnológica (6 indicadores): estoque de investimento externo direto [IED]/PIB; estoque de IED/exportação de bens e serviços; estoque de IED em serviços/estoque de IED total; gastos com pesquisa e desenvolvimento tecnológico/PIB; exportação de produtos intensivos em tecnologia/exportação de manufaturados; e pagamento de tecnologia/ gastos com P&D.
- Esfera monetário-financeira (5 indicadores): dívida externa total/exportação de bens e serviços; dívida com FMI/dívida externa total; renda líquida/exportação de bens e serviços; serviço da dívida pública e garantida pelo setor público/exportação de bens e serviços; e ajuda externa/importação de bens e serviços.

⁷ Gonçalves (2005) preferiu unir as esferas produtivo-real e a tecnológica por serem próximas, inclusive na maneira como são computadas no BP.

⁸ Assim como é explicado na introdução, o indicador de Estoque do IED em serviços como proporção do estoque total de IED não foi considerado para o cálculo do IVPT, uma vez que o estoque de IED em serviços é um coeficiente de difícil acesso para a maioria dos Estados em qualquer período de análise. Ademais, o indicador de Ajuda externa/Importação de bens e serviços foi, igualmente, desconsiderado, porque os seis Estados em análise não receberam ajuda externa no período de 2008 a 2019.

Neste sentido, para maximizar seu poder em relação aos demais pares, o Estado busca minimizar sua vulnerabilidade mediante estratégias de ação econômica, que possam melhorar os indicadores que compõem o IVE, ou piorar os indicadores de Estados rivais. Gonçalves (2005, p. 20), de maneira concisa, elucida com propriedade este ponto:

O conceito de vulnerabilidade externa nos remete ao conceito de poder no sistema internacional. O poder efetivo é inversamente proporcional à vulnerabilidade externa. Quanto mais elevada a probabilidade de um ator social, sujeito político ou agente econômico realizar a sua própria vontade ou resistir a pressões, fatores desestabilizadores e choques externos, maior é o seu poder efetivo no sistema internacional.

Antes de se adentrar no tópico das estratégias, contudo, cumpre salientar que há casos específicos de Estados que conseguem superar vulnerabilidades, por meio de estratégias extraeconômicas e poderes sobre a estrutura econômica internacional (Strange, 1994). Este é o caso dos EUA, que têm poder estrutural sobre o crédito internacional por ter a moeda dominante no SMFI (Strange, 1994), poder estrutural sobre a segurança internacional por ter projeção militar em todos os continentes do mundo (Posen, 2003) e poder estrutural sobre o conhecimento por concentrar muitos centros de pesquisa aplicada e teórica (Strange, 1994)⁹.

O poder estrutural dos EUA sobre o crédito internacional faz com que eventuais ajustes em seu BP possam ser repassados para o resto do mundo e, logo, postergados (Cohen, 2015). Porém, o que muitas vezes é esquecido pela literatura convencional sobre o SMFI é que esse poder, ao mitigar uma das esferas da vulnerabilidade – a monetário-financeira – negligência as demais esferas, sobretudo, a esfera comercial. Por exemplo, após o fim do Sistema de Bretton Woods (SBW), o papel do dólar no SMFI aumentou significativamente, e, ao enfrentar problemas no BP, os EUA preferiram uma estratégia de financeirização que fortaleceu seu poder estrutural sobre o crédito internacional¹⁰, mas desindustrializou o país e enfraqueceu seu poder estrutural sobre a produção mundial de manufaturas, e, logo, aumentou sua vulnerabilidade comercial (Eichengreen, 2000).

Além disso, o poder estrutural estadunidense sobre a segurança mundial lhe dá a capacidade de influir nas políticas monetárias de aliados dependentes de tal segurança, simulando uma coordenação de políticas no mundo em geral, mas, principalmente, no mundo

⁹ Este trabalho reconhece que o IVE é uma medida com maior poder explicativo para economias em desenvolvimento, como aponta Peres (2019). Reconhece também os limites do cálculo do IVE, sobretudo na esfera monetário-financeira, uma vez que os EUA são o emissor da moeda líder do SMFI, sendo capazes de emitir e pagar dívidas em sua própria moeda. Entretanto, o IVE ainda tem poder explicativo ao mostrar o ajuste que ocorre nas esferas comercial e produtivo-tecnológica de economias desenvolvidas, como é o caso dos EUA.

¹⁰ Neste quesito, Hudson (2003) explora como os EUA foram capazes de inverter as relações de poder, rapidamente, na economia mundial, repassando a conta de seus gastos militares para o resto do mundo capitalista.

desenvolvido. Basicamente, há dois mecanismos pelos quais os EUA conseguem realizar, ou, pelo menos, tentar, essa coordenação de políticas: o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o G7 (Gilpin, 2002).

O FMI é uma das instituições de Bretton Woods, proposta em 1944 para sustentar a estabilidade monetária do dólar americano em nível internacional e das taxas de câmbio das moedas atreladas ao dólar, por meio de empréstimos de socorro para o ajuste de BPs que estivessem enfrentando dificuldades. Porém, longe de ser um cheque em branco, em suas mais de sete décadas de existência, o FMI provou ser “[...] um instrumento de política econômica externa dos Estados Unidos, mais especificamente do Tesouro desse país” (Gonçalves, 2005, p. 146). O FMI, antes de liberar seus recursos, exige contrapartidas que, supostamente, melhorariam a saúde financeira do país receptor, tais como ajuste fiscal, liberalização cambial e financeira, privatizações, reformas estruturais liberalizantes e mudanças institucionais no Banco Central. Além disto, o FMI sempre esteve mais interessado em ajudar países cuja dívida externa estivesse mais alavancada em bancos norte-americanos. “Assim, o FMI é uma instituição multilateral usada para ‘enquadrar’ países em desenvolvimento mergulhados em crises cambiais” (Gonçalves, 2005, p. 167).

Neste sentido, instituições como o FMI suscitam a pergunta se é possível haver uma capacidade de governança multilateral em assuntos macroeconômicos globais. Entretanto, isto só seria possível se houvesse uma instituição financeira que coordenasse tais políticas de maneira hierarquizada. O FMI, neste aspecto, não é um banco central mundial, tal como idealizado por John M. Keynes, podendo ser caracterizado, no máximo, como uma “cooperativa” de crédito entre os Estados do SI. Ademais, as decisões são votadas pelos Estados-membros que mais controlam as reservas do fundo, sendo os EUA o membro com maiores reservas e votos e, logo, na prática, com poder de veto sobre as decisões da instituição. Todavia, ainda que, desde 1967, o FMI emita Direitos Especiais de Saque (DES), este mecanismo só é usado para fins oficiais entre Estados e o FMI. Nas palavras de Eichengreen (2011, p. 7, tradução própria)¹¹, “[...] DES é dinheiro de brincadeira”. Assim sendo, na falta de um banco central dos bancos centrais, o *Federal Reserve* (Fed) dos EUA desempenhou e, no curto prazo continuará desempenhando, o papel de prover às transações interestatais a devida liquidez necessária, uma vez que o dólar era e ainda é a moeda doméstica mais demandada do mundo por entes privados e estatais para realizar tais transações (Eichengreen, 2011).

¹¹ No original: “The SDR is funny money.” (Eichengreen, 2011, p. 7).

À parte do sistema multilateral, a gestão dos assuntos internacionais mediante regimes e reuniões entre as nações é um tema bastante debatido na literatura de RI. Como Waltz (2002) já demonstrou, a gestão dos assuntos internacionais é endereçada pela agenda das Grandes Potências e tal gestão pode ser melhor feita pela oferta de bens públicos, que, normalmente, ocorre em equilíbrios com menos polos, como na Guerra Fria, período bipolar, e no pós-Guerra Fria, período, muitas vezes, considerado, unipolar (Wohlforth, 1999). Nas palavras de Waltz (2002, p. 270), “[...] quanto menor o grupo, e quanto menos iguais forem os interesses dos seus membros, mais provável se torna que alguns membros – os maiores – ajam pelos interesses do grupo, como os definem, e não apenas pelos seus”. No entanto, a “[...] interdependência crescente leva certamente à necessidade crescente da gestão dos assuntos coletivos, mas não produz um gestor capaz de o fazer” (Waltz, 2002, p. 287).

Neste sentido, o segundo mecanismo de tentativa de coordenação global e capacidade de governança dos assuntos monetário-financeiros dos EUA é o G7, o grupo das sete economias desenvolvidas que, em 1976, concentravam mais de dois terços da produção industrial do mundo. Após o fim do SBW, em 1971-1973, uma maneira de conter a volatilidade das taxas de câmbio, regular a liquidez mundial e os fluxos de capitais era coordenar as políticas macroeconômicas dos principais países industrializados do mundo. Desta forma, o G7 foi formado em 1976, como um foro internacional, por Alemanha, Canadá, EUA, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão com este propósito (Gilpin, 2002; Mckinnon, 1984). Porém, ao que parece uma medida genuína de cooperação e governança coletiva à primeira vista, se mostra como mais uma ferramenta do poder estrutural de segurança e de crédito dos EUA (Strange, 1994). Alemanha, Itália e Japão foram ocupados militarmente pelos EUA desde o fim da Segunda Guerra Mundial, sendo suas Forças Armadas (FFAA) dependentes das dos EUA; o Canadá é considerado um Estado cliente americano, uma vez que faz fronteira com o país e tem uma economia dependente da dos estadunidenses (Mearsheimer, 2001); por fim, a libra esterlina, da Grã-Bretanha, e o franco, da França, perdiam cada vez mais valor em relação a seus competidores, o dólar americano, o marco alemão e o iene japonês, fazendo da cooperação uma estratégia desejável (Eichengreen, 2000).

Neste intuito, o G7 levaria em conta “[...] ‘fundamentos econômicos’, tais como taxa de crescimento, inflação, desemprego, déficit orçamentário, balanço de pagamentos, expansão monetária, valor das moedas etc.” (Gilpin, 2002, p. 181). Todavia, o que ocorreu, e continua a ocorrer, é que há problemas inerentes à coordenação de políticas. Segundo Gilpin (2002), há três problemas principais relacionadas à possibilidade de coordenação: a fundamentação teórica, a conveniência da coordenação e o conflito a respeito dos objetivos. Com relação ao

primeiro entrave, trata-se da hegemonia acadêmica que determinada teoria econômica alcançou. Este é o caso, por exemplo, das ideias de Keynes e da Curva de Phillips pós-1945¹². Com relação ao segundo obstáculo, é a possibilidade de realização da coordenação, tendo em vista taxas de câmbio nominais e reais, inflação, mudanças nas políticas internas etc. Por fim, e mais obviamente, há um conflito de objetivos na coordenação, com cada Estado tentando manter altas taxas de crescimento e emprego, em detrimento de seus pares internacionais (Gilpin, 2002).

Como resume bem Gilpin (2002, p. 187), “[...] o problema não está na falta de coordenação das políticas, mas no comportamento autônomo dos Estados em uma economia mundial cada vez mais interdependente”. Portanto, quando cada Estado age por si, realiza políticas macroeconômicas autônomas e não as coordena com os demais parceiros econômicos, “[...] essas políticas podem conflitar entre si, de forma que todos sofram mais do que se tivesse havido uma desejável cooperação” (Gilpin, 2002, p. 192).

Sendo assim, nesse “[...] mundo marcado pela interação estratégica e pelo 'dilema do prisioneiro', cada Estado é tentado a exportar seus problemas econômicos [...]” (Gilpin, 2002, p. 191), exatamente o que os EUA fizeram desde o início ao propor supostas políticas de coordenação, haja vista, que “[...] em vez de alterar sua política, os Estados Unidos preferem que outras economias promovam o ajuste necessário” (Gilpin, 2002, p. 186), uma vez que a causa do problema monetário internacional é o grande déficit orçamentário norte-americano desde 1974, até os dias atuais (Gilpin, 2002).

A governança empenhada pelo G7, entretanto, conseguiu avanços significativos na cooperação monetário-financeira, como a contenção da inflação na década de 1970, “[...] quando o dólar caiu em mais de 11% contra o marco alemão no período de seis meses findo em março de 1975, o Federal Reserve, com o apoio relutante do Bundesbank alemão e do Banco Nacional Suíço, promoveu uma intervenção conjunta” (Eichengreen, 2000, p. 191). Igualmente, na Conferência da Cúpula de Bonn de 1978, Carter anunciou um pacote anti-inflacionário para conter salários e gastos públicos e elevar o preço doméstico do petróleo até os níveis mundiais, acabando com a discrepância que, na visão de europeus e japoneses, agravava os déficits externos responsáveis pela desvalorização do dólar (Eichengreen, 2000).

Apesar dos esforços dos presidentes norte-americanos Richard Nixon, Gerald Ford e Jimmy Carter para manter uma suposta coordenação na década de 1970, o dólar perdia

¹² As ideias de Keynes e a Curva de Phillips ganharam grande aceitação no meio acadêmico no período do pós-guerra, como uma maneira de superar o período de deflação entre guerras e de manter o pleno emprego em economias que se tornaram democracias de massas (Eichengreen, 2000).

credibilidade. Após o Segundo Choque do Petróleo em 1979, no entanto, o Fed elevou as taxas básicas de juros, atraindo capital do resto do mundo, causando ruído entre seus parceiros do G7. Ronald Reagan, presidente norte-americano a partir de 1981, promoveu uma política “[...] keynesiana bastarda e às avessas [...]” (Tavares, 1985, p. 3), aumentando o déficit fiscal, a despeito de protestos alemães e japoneses. Porém, ao perceber que o déficit comercial americano se tornava maior ano após ano, os EUA coagiram seus parceiros alemão, japonês, inglês e francês a valorizarem suas moedas frente ao dólar, em nome da segurança internacional, em setembro de 1985, no que ficou conhecido como Acordo Plaza (Tavares; Melin, 1997). Strange (1980) classificou a República Federal Alemã (RFA), neste cenário, como o aliado obediente, ainda que o adjetivo possa ser replicado ao Japão do mesmo modo. Percebendo, contudo, que a coação gerou insatisfação entre os membros do G7, na primavera de 1986, Reagan propôs uma coordenação de políticas macroeconômicas mais automática, afastando-se decisivamente da posição monetarista anterior. Na cúpula de Tóquio de maio de 1986, todavia, os demais membros do G7 se recusaram a aceitar o conceito da automaticidade (Gilpin, 2002).

Fica nítida, neste aspecto, uma diferença de abordagem na governança de agenda monetário-financeira entre as décadas de 1970 e 1980. Eichengreen (2000, p. 194), neste intuito, resume que a “[...] diferença é que na década de 70 [comparada à de 80] a intervenção foi mais ordenada, baseou-se em maior uso de controles de capital e maior disposição para adaptar as políticas aos imperativos dos mercados de câmbio”. Indo além, o que ocorre, na verdade, é que os EUA sempre perseguiram seus interesses em minimizar sua vulnerabilidade externa, sobretudo, seu IVE frente a problemas em seu BP, mas mudando a abordagem, dependendo da gestão da Casa Branca (Gilpin, 2002).

Conquanto a lógica da Guerra Fria facilitasse a coordenação de políticas macroeconômicas entre EUA, Japão e Europa Ocidental (Eichengreen, 2000), após o fim da ameaça soviética em 1991, o poder estrutural dos EUA e sua coerção em assuntos de política macroeconômica continuaram, como quando:

Em 1995 e 1996 os policy-makers americanos claramente envidaram esforços consideráveis para evitar que a apatia econômica japonesa fosse transmitida à economia mundial. O Federal Reserve Bank (“FED”, o banco central americano) agiu em coordenação com o Banco do Japão em diversas ocasiões para promover maior estabilidade nos mercados cambiais e para evitar que o iene subisse demais. Foram esses esforços que possibilitaram reverter a trajetória de valorização do iene e trazê-lo aos seus níveis atuais [1997] de cerca de ¥115-120 por dólar (Melin, 1997, p. 350-351).

Fato curioso deste episódio pós-Guerra Fria foi que a situação econômica japonesa era, em parte, causada pelo baixo nível do dólar, já em 1992. Isto ocorreu “[...] resultante de considerações domésticas, como a decisão do Fed de cortar as taxas de juro em 1991, em resposta à recessão norte-americana, e uma segunda série de cortes em 1994, novamente decidida para enfrentar os sinais de um esfriamento da economia” (Eichengreen, 2000, p. 202).

Entretanto, é fato que com o fim da Guerra Fria, o poder estrutural dos EUA em coagir seus parceiros a seguir determinadas políticas macroeconômicas diminuiu. Um exemplo disto foi o surgimento do euro, a moeda única entre vários Estados da União Europeia (UE), em 1999. Durante o SBW, os europeus conseguiam manter suas taxas de câmbio estáveis e realizar uma Política Agrícola Comum (PAC), mas, com o fim deste sistema e o início do ‘não’ SMFI pós-1973, a coordenação de políticas monetárias intrabloco se fez necessária para fazer frente ao dólar. Logo, aproveitando um momento de dólar fraco nos anos 1990, surgiu a oportunidade perfeita para criar uma nova moeda forte para a comunidade europeia. Porém, apesar de ser um exemplo interessante de cooperação, a criação do euro em 1999 e sua administração se mostrou problemática, uma vez que foi feita a união monetária de várias economias sem, no entanto, realizar uma união fiscal, dificultando a coordenação de uma política monetária supranacional com várias políticas fiscais nacionais. O exemplo típico disto é o enquadramento da Grécia pelo FMI, pelo Banco Central Europeu (BCE) e pela Comissão Europeia em 2011 (Eichengreen, 2011).

Fica patente pelo exposto, portanto, que se reitera o caráter anárquico e de autoajuda (*selfhelp*) do SI que perpassa, também, pelo enfoque da EPI. Conquanto haja coordenação entre os Estados, esta coordenação é de caráter, muitas vezes, condicionada e coercitiva, e não natural-espontânea. Ademais, apesar do surgimento das economias emergentes no pós-Guerra Fria, “[...] a distribuição contemporânea da influência financeira global e sistêmica ainda favorece esmagadoramente os EUA e as outras grandes potências tradicionais no G7 e, portanto, grande parte da influência para moldar a governação econômica global reside neles” (Armijo; Katada, 2015, p. 56, tradução própria)¹³. Enfatiza-se a centralidade dos EUA e do G7, como apontado por Armijo e Katada (2015), porque, desde a crise financeira global de 2008, o desejo de uma maior governança global projetada no G20, o foro que reúne as vinte maiores

¹³ No original: “[...] the contemporary distribution of global and systemic financial influence still overwhelmingly favours the USA and the other traditional major powers in the G7, and thus much of the leverage to shape global economic governance resides with them” (Armijo; Katada, 2015, p. 56).

economias do mundo, tem, na verdade, sido exagerado. Mais uma vez, de acordo com Armijo e Katada (2014, p. 56, tradução própria)¹⁴:

Desde o colapso do regime multilateral de taxas de câmbio fixas da década de 1970, a consulta informal, mas regular, dos ministros das finanças e dos governadores dos bancos centrais do G7 (inicialmente G5) orientou a governança econômica global (Bergsten; Henning, 1996). Embora o G20 tenha suplantado parcialmente o G7, esta transição continua longe de estar garantida.

Frente a este cenário que caracteriza o SI e a economia mundial, Gilpin (2002) emite três afirmações de caráter geral sobre a EPI que resumem o comportamento dos Estados ao minimizarem vulnerabilidades e maximizarem poder. “A primeira é a de que a distribuição global ou territorial das atividades econômicas, especialmente nos campos da indústria e da tecnologia, constitui uma preocupação fundamental do Estado moderno” (Gilpin, 2002, p. 84). Neste sentido, por trás do comércio, do investimento direto e das finanças para a questão de quem deve produzir o que e onde, uma vez que determinadas indústrias podem minimizar a vulnerabilidade do Estado nas esferas comercial e produtivo-tecnológica e, ademais, servir de Base Industrial de Defesa (BID) para as FFAA do Estado (Gilpin, 2002).

A segunda afirmação de Gilpin (2002) é a de que “[...] a divisão internacional do trabalho decorre tanto da eficiência relativa dos países como das políticas que eles adotam; embora os Estados possam ignorar o mercado, e o façam, procurando influenciar a localização das atividades econômicas, isso tem um custo” (Gilpin, 2002, p. 84). Em outras palavras, os Estados não são passivos em relação aos padrões de comércio internacional e à alocação mundial da produção, adotando políticas que visem mudar tal condição, concentrando produção industrial em seu território e minimizando suas vulnerabilidades e, logo, seu IVE. O terceiro e último ponto de Gilpin (2002) é de que o crescimento desigual leva a instabilidades e conflitos políticos entre velhas e novas potências, entre Estados que conseguem minimizar vulnerabilidades e maximizar poder e Estados que não conseguem.

Neste sentido de dicotomia entre SI e economia mundial, os Estados buscam alterar sua posição relativa frente a seus principais competidores internacionais, utilizando-se de estratégias econômicas para minimizar seu IVE, passar adiante o ajuste do BP e concentrar produção industrial no próprio território. Sendo assim, a “[...] vulnerabilidade tem, então, duas dimensões igualmente importantes. A primeira dimensão envolve as opções de resposta com os

¹⁴ No original: “Since the breakdown of the multilateral fixed exchange rate regime of the 1970s, informal yet regular consultation of G7 (initially G5) finance ministers and central bank governors has guided global economic governance (Bergsten and Henning 1996). While the G20 partially has supplanted the G7, this transition remains far from assured” (Armijo; Katada, 2015, p. 56).

instrumentos de política disponíveis; e a segunda incorpora os custos de enfrentamento ou de ajuste diante dos eventos externos” (Gonçalves, 2005, p. 19). Neste intuito de instrumentos de política disponíveis, faz-se mister analisar as estratégias econômicas no âmbito da EPI.

2.3 VULNERABILIDADES E ESTRATÉGIAS ECONÔMICAS

Estratégias de sobrevivência é um tema recorrente na literatura de RI. Mearsheimer (2001), por exemplo, elenca uma série de estratégias que os Estados lançam mão para manter, ou perturbar, o equilíbrio a fim de maximizarem sua segurança. A maioria das estratégias propostas pelo autor, normalmente, está diretamente relacionada à projeção militar, tais como a guerra, a intimidação¹⁵, a dissuasão, o aticamento, a sangria e o seguidismo (*bandwagoning*), por exemplo. Porém, algumas mantêm um caráter ambíguo de como podem se expressar no SI. Estratégias como balanceamento, apaziguamento, delegação e engajamento¹⁶ deixam em aberto como um Estado pode exercê-las. Relembrando que, tanto para Mearsheimer (2001) e Waltz (2002) quanto para uma miríade de autores em RI, as frentes em que os Estados atuam podem ser militar, política ou econômica.

A maneira como um Estado balanceia outro, se dá mediante, principalmente, duas frentes: militar e econômica. O mesmo ocorre com apaziguamento, quando um Estado concede poder a outro para conformá-lo; com a delegação, quando um Estado delega a função de balanceamento de um terceiro Estado, e com o engajamento, quando um Estado torna outro Estado seu cliente dependente-associado. Como visto anteriormente, no curto prazo, é função do Estado estabilizar variáveis macroeconômicas, sobretudo, minimizar o ajuste no BP, por meio da minimização de seu IVE. Para Gonçalves (2005, p. 19):

A resistência a fatores desestabilizadores externos é exercida, geralmente, com o uso de políticas macroeconômicas tradicionais – políticas monetária, cambial e fiscal. Os governos, também, podem usar controles diretos sobre os fluxos de capital e sobre as operações das subsidiárias de empresas transnacionais. Há, ainda, a opção do uso da política comercial para enfrentar os problemas criados pela dinâmica do sistema mundial de comércio.

Desta forma, Gonçalves (2005) resume as estratégias que um Estado pode empreender para diminuir seu IVE nas políticas monetária, cambial e fiscal para minimizar o IVMF, controles diretos sobre os fluxos de capital e sobre as operações das subsidiárias de empresas transnacionais para minimizar o IVPT, e, por fim, política comercial para minimizar o IVCO.

¹⁵ Intimidação (*compellence*), na verdade, é uma estratégia proposta por Thomas Schelling (1966).

¹⁶ Engajamento (*engagement*), na verdade, é uma estratégia proposta por Evan Resnick (2001).

Posto desta maneira parece simples lidar com a competição interestatal na economia mundial, porém, “[...] a vulnerabilidade externa é tão maior quanto menores forem as opções de política e quanto mais elevados forem os custos do processo de ajuste. A vulnerabilidade externa varia inversamente com as opções de política e diretamente com os custos do ajuste” (Gonçalves, 2005, p. 19-20).

Eichengreen (2011), por outro lado, descreve como é possível usar uma estratégia monetário-financeira, de maneira ofensiva, para atingir resultados políticos. Em seu exemplo, Eichengreen (2011) argumenta que os EUA conseguiram forçar a retirada das tropas britânicas da península do Sinai após a nacionalização do Canal de Suez em julho de 1956, impedindo que os britânicos tivessem acesso a recursos do FMI. Isto ocorre porque a libra esterlina já enfrentava dificuldades após o fim da Segunda Guerra Mundial, principalmente, após uma desvalorização em 1949. Com o fechamento do canal, os preços dos fretes internacionais e do petróleo aumentaram a pressão inflacionária na Grã-Bretanha e desmoralizaram o gabinete do primeiro-ministro Anthony Eden (Yergin, 2010). Sendo assim, Eden, junto aos franceses e israelenses, planejaram retomar o canal pela força. O aumento de gastos militares, somado aos preços de fretes internacionais e do petróleo, desvalorizaria ainda mais a libra esterlina, se a Grã-Bretanha não obtivesse um empréstimo de socorro do FMI. Entretanto, não foi o que ocorreu. O presidente norte-americano Dwight Eisenhower via a ação anglo-francesa como uma aventura imperialista, a qual a nova ordem estadunidense não toleraria. Nas palavras de Eichengreen (2011, p. 157-158, tradução própria)¹⁷:

Mesmo antes da operação de Suez, portanto, o Governo de Eden sabia que, para que a taxa de câmbio de 2,80 libra por dólar se mantivesse, seria necessária a ajuda do FMI. Foi aqui que Eden e Macmillan estavam confiantes de que receberiam apoio americano incondicional. E foi aí que o seu julgamento se revelou fatalmente errado. O Departamento de Estado alertou que os Estados Unidos apoiariam um pedido de assistência apenas em troca de um compromisso do Governo britânico de retirar as suas tropas.

Apesar do exemplo sofisticado de Eichengreen (2011), este parece ser mais um caso do poder estrutural dos EUA sobre o crédito internacional em ação, utilizando-se do FMI como sua ferramenta de política externa. Nesse sentido, outra tentativa interessante de tipificar estratégias econômicas no SI e na economia mundial é proposta por Armijo e Katada (2015). As autoras

¹⁷ No original: “Even before the Suez operation, then, the Eden Government knew that in order for the \$2.80 sterling-dollar exchange rate to hold, it would need help from the IMF. This was where Eden and Macmillan were confident they would receive unconditional American support. And it was where their judgment proved fatally wrong. The State Department warned that the United States would support a request for assistance only in return for a commitment by the British Government to withdraw its troops” (Eichengreen, 2011, p. 157-158).

trabalham com a noção de estadismo financeiro (*financial statecraft*) e a definem como “[...] o uso intencional, pelos governos nacionais, de capacidades monetárias ou financeiras nacionais ou internacionais com o propósito de alcançar objetivos contínuos de política externa, sejam eles políticos, econômicos ou financeiros” (Armijo; Katada, 2015, p. 43, tradução própria)¹⁸

Armijo e Katada (2015) ampliam a definição de política financeira, não se limitando ao conceito tradicional do uso de estratégias econômicas para alterar o comportamento de um Estado interna e/ou externamente. Em realidade, já é extensamente debatido na literatura de RI quais estratégias econômicas com vistas a alterar as políticas domésticas ou externas de um Estado são pouco exitosas (Mearsheimer, 2001; Waltz, 2002). Não obstante, Armijo e Katada (2015) recorrem a Benjamin Cohen (1966) para argumentar que há dois tipos de custos ao se fazer um ajuste no BP: custos contínuos e custos transitórios. Ademais, ainda segundo Cohen (2006), Estados com grandes economias têm a capacidade de exercer poder monetário sobre ajustes no BP, postergando (*delay*) o ajuste ou defletindo (*deflect*) o ajuste para outro(s) Estado(s). Este é o caso típico dos EUA, a quem Armijo e Katada (2015) também reconhecem o poder estrutural de moldar procedimentos, leis e organizações internacionais (Armijo; Katada, 2015), que, porém, preferem chamar de poder sistêmico. Desta maneira, Armijo e Katada (2015) separam o estadismo financeiro em tipos sistêmico ou bilateral; ofensivo ou defensivo e financeiro ou monetário (Quadro 1).

Quadro 1 - Formas de estratégias monetária e financeira (*financial statecraft*)

	Defensiva (Estado A usa escudo)	Ofensiva (Estado A emprega espada)
Bilateral (Estado A busca influenciar ou se defender contra escolhas do Estado B)	<i>Financeira</i>	<i>Financeira</i>
	Nacionalizar IED	Sanções (congelar ativos financeiros ou segurar novos empréstimos)
	Moratória da dívida externa	Suborno (empréstimos ou ajuda para induzir alvo a adotar políticas liberais ou votos nas Nações Unidas (ONU))
	Cartelizar devedores	
	<i>Monetária</i>	<i>Monetária</i>
	Estratégias para defender contra a moeda de um vizinho poderoso (controle de capitais; dolarização)	Manipular taxa de câmbio para obrigar um alvo a ajustar o BP (poder de defletir)
Sistêmica (Estado A busca influenciar ou se defender)	<i>Financeira</i>	<i>Financeira</i>
	Diversificar fontes de capital	

¹⁸ No original: “[...] the intentional use, by national governments, of domestic or international monetary or financial capabilities for the purpose of achieving ongoing foreign policy goals, whether political, economic or financial” (Armijo; Katada, 2015, p. 43).

	Defensiva (Estado A usa escudo)	Ofensiva (Estado A emprega espada)
contra mercados mundiais ou regimes de governança global)	estrangeiro	Promoção de mercados financeiros domésticos como fonte de influência global
	'Margem de política' financeira (bancos públicos, controle de capitais)	
	Promoção de bancos multilaterais	
	<i>Monetária</i>	<i>Monetária</i>
	Acumulação de reservas	Promoção da moeda de um Estado como a moeda de reserva global ou moeda de transações (inclusive como uma maneira de evitar ajustes no BP, ou seja, poder de defletir)
	Promoção de fundo monetário regional	
	Promoção de múltiplas moedas de reservas	
	<i>Ambas</i>	<i>Ambas</i>
	Buscar mais voz na governança global monetária e financeira	Construir instituições de governança global, arrogando-se hegemonia ou influência desproporcional

Fonte: Armijo e Katada (2015, p. 47).

A partir do Quadro 1, percebe-se que a preocupação maior das autoras é com relação à esfera monetário-financeira e que, logo, pode-se elencar uma série de estratégias que os Estados podem lançar mão para reduzir seu IVMF – ainda que algumas estratégias sejam úteis para redução do IVPT, como a nacionalização do IED. Conquanto as estratégias gerais oferecidas por Mearsheimer (2001), ou as estratégias mais econômicas oferecidas por Eichengreen (2001) e Armijo e Katada (2015), sejam relevantes, é preciso, acima de tudo, criatividade para vencer adversários. A exemplo do xadrez, estratégias previsíveis não são eficientes se seu oponente já as conhece.

Neste intuito, propõe-se, para este trabalho, uma sistematização maior de estratégias econômicas para minimização de IVE. Embora, como exposto anteriormente, seja impossível sistematizar todas as estratégias, uma vez que os Estados sempre contam com a criatividade para inovar e surpreender adversários, a tentativa é válida ao se recorrer à história econômica recente no SI. Assim, separam-se as estratégias econômicas em:

- a) defensivas e ofensivas;
- b) direcionadas ou estruturais;
- c) de curto prazo e de longo prazo;
- d) monetário-financeiras, produtivo-tecnológicas ou comerciais.

Pegando de empréstimo a classificação de Armijo e Katada (2015), a primeira caracterização de estratégia pode ser feita quanto a sua intenção: defensiva ou ofensiva. Diferentemente do objetivo dos Estados na mensuração de poder clássica das RI, neste trabalho, considera-se que o Estado deve minimizar seu IVE e, logo, estratégias defensivas são mais comuns e efetivas. O próprio caráter da economia mundial faz com que estratégias ofensivas sejam, na verdade, facilmente contornáveis, como a aplicação de sanções, haja vista que pelo tamanho do mercado internacional sempre haverá um terceiro fornecedor fora do embargo. Todavia, não se deve menosprezar o potencial da ofensiva no enfoque da EPI. Como visto no exemplo exposto por Eichengreen (2011), os EUA obtiveram uma vitória política sobre a Grã-Bretanha em 1956 após lhe negar uma linha de crédito do FMI. Ademais, há uma linha muito tênue entre o que poderia ser considerado ofensivo e defensivo dependendo do tamanho da economia do Estado em questão, de suas capacidades Estatais – tanto militares quanto econômicas – e de sua autonomia no SI. Por exemplo, limitar o acesso à tecnologia sensível pode ser uma medida defensiva se a política é empreendida por um Estado emergente e revisionista e não por uma Grande Potência mantenedora do status quo.

Mediante Strange (1994), é possível identificar a segunda classificação de estratégia, neste caso, quanto à direção, ou seja, direcionada ou estrutural. Como já descrito tanto por Strange (1994) quanto por Armijo e Katada (2015), a relação dos Estados com a economia mundial tem um caráter especial devido às características competitivas do mercado e anárquicas do SI. Neste sentido, é possível um Estado projetar poder de maneira direcionada, ou bilateral, apenas a um Estado ou de maneira estrutural, ou sistêmica, afetando o conjunto da economia mundial. Obviamente, apenas Estados com poder estrutural sobre um aspecto da economia mundial podem se utilizar deste tipo de estratégia. Por exemplo, os EUA têm poder estrutural sobre o crédito, a segurança e o conhecimento internacionais, enquanto a China tem poder estrutural sobre a produção industrial do mundo, ou a Arábia Saudita tem poder estrutural sobre a produção e o mercado de petróleo (Strange, 1994).

Utilizando-se de Gonçalves (2005), a terceira separação de estratégia pode ser feita quanto a seu horizonte, isto é, de curto prazo ou de longo prazo. Como definido pelo autor, no longo prazo, a preocupação do Estado é com a acumulação de capital e, logo, estratégias de desenvolvimento econômico podem ser usadas pelos Estados para atingir uma maior capacidade instalada, maior estoque de capital, maior PIB per capita etc. Normalmente, a principal estratégia de longo prazo diz respeito a políticas industriais que reforcem a base industrial do território nacional que, desta forma, mitigam o IVCO e o IVPT diretamente e o IVMF indiretamente. Ademais, políticas industriais, igualmente, reforçam a BID nacional, que

serve de suporte material à capacidade militar do Estado, a principal fonte de poder do Estado no SI. Contudo, o interesse principal deste trabalho é na preocupação a curto prazo do Estado, isto é, o ajuste no BP e suas vulnerabilidades econômicas. É claro que, se bem planejado, um conjunto de políticas orientadas de curto prazo pode se tornar uma política de longo prazo, mas, ainda assim, o foco do trabalho se mantém apenas em políticas de curto prazo.

Neste sentido, a quarta e última classificação de estratégia pode ser feita quanto a seu objetivo, logo, estratégia monetário-financeira, produtivo-tecnológica ou comercial. E mais importante do que definir a intenção, a direção ou o planejamento, é definir o objetivo da estratégia, isto é, quais coeficientes e indicadores macroeconômicos o Estado objetiva variar para minimizar seu IVE. Embora haja coeficientes que sejam comuns a mais de um índice, o Estado, ao perceber uma maior vulnerabilidade em uma esfera, objetiva minimizá-la por meio da variação dos indicadores que compõem a vulnerabilidade em questão.

Conclui-se, portanto, que para se mensurar o poder dos EUA, objeto de análise desta dissertação, é preciso antes mensurar seu IVE no recorte temporal de 2008 a 2019, período que abrange o intervalo entre duas grandes crises. Feito isto, cabe comparar seu IVE com os IVEs de seus principais competidores, o grupo de nações emergentes BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) que busca alterar a ordem pós-Guerra Fria nas três esferas da EPI e que, igualmente, representam a maior ameaça, tanto militar quanto econômica, aos EUA. Por fim, cumpre verificar qual foi a reação dos EUA à variação de seu IVE frente a de seus competidores, analisando quais estratégias foram aplicadas pelo Estado norte-americano.

Finalmente, as três seções do capítulo atingiram objetivos complementares à pesquisa. Inferiu-se na primeira seção como, pela lente da EPI construída para as finalidades deste trabalho, é possível considerar o ajuste no BP como a variável de equilíbrio sistêmico que os Estados se preocupam em nível do SI. Na segunda seção, sugere-se que, desta forma, para os propósitos deste trabalho, é possível mensurar o poder em termos sistêmicos levando em conta o ajuste no BP, resgatando-se o cálculo de IVE de Gonçalves (2005) como uma medida inversa de poder. Por fim, na terceira seção, constata-se que os Estados, ao perceberem oscilações em seus IVEs e, portanto, uma deterioração em seu BP, reagem a tais oscilações com estratégias econômicas que influenciem os indicadores macroeconômicos que compõem seus IVEs. A seguir, o objetivo da dissertação se desdobra, portanto, em dois:

- a) calcular o IVE norte-americano;
- b) determinar quais foram suas respostas às oscilações de seu IVE.

3 O IVE COMPARADO DOS EUA: 2008-2019

O capítulo 3 desta pesquisa se divide em três seções, sendo a primeira dedicada a explicar, em linhas gerais, como os IVEs de cada Estado da amostra foram obtidos, indicando fontes, métodos e procedimentos. Ainda na mesma seção é feita uma análise, levando-se em conta os IVEs calculados para os EUA e o BRICS para o período de 2008-2019, realizando detalhamentos nas composições de cada índice. Indo mais afundo na dissecação dos índices, a segunda seção do capítulo é dedicada a recapitular as administrações Obama e Trump na condução da política macroeconômica que se reverteu em variações dos componentes que constituem o IVE. Por fim, a última seção se dedica a fazer as comparações entre o IVE estadunidense e o IVE de cada economia do BRICS, mostrando como, de maneira geral e relativa, o IVE dos EUA se deteriorou.

3.1 O PROCESSO DE CÁLCULO DO IVE E SEUS RESULTADOS PARA O PERÍODO 2008-2019

O cálculo geral do IVE é sempre relacional, ou seja, é impossível de calcular o IVE de um Estado de maneira isolada, e, portanto, só é possível calculá-lo comparando-o a outros Estados. Neste trabalho, o conjunto amostral para se fazer o IVE, como exposto anteriormente, é composto pelos EUA e pelos membros do BRICS, no período de 2008 a 2019. Em seu trabalho, Gonçalves (2005) calculou o IVE de 113 Estados no ano de 2002, algo que, embora relevante à época dado seu caráter pioneiro, para este trabalho tal esforço foi reduzido a uma amostra de seis economias. Isto foi possível de ser realizado devido à identificação dos principais competidores dos EUA na arena da economia mundial, entendidos como aqueles Estados soberanos empenhados em transformar as instituições financeiras do *status quo*, isto é, o BRICS. Neste intuito, para se chegar ao IVE geral dos seis Estados, as seguintes etapas foram cumpridas:

- a) coleta de dados dos coeficientes dos indicadores das esferas comercial, produtivo-tecnológica e monetário-financeiro nos sites do BM e da UNCTAD¹;
- b) cálculo dos 14 indicadores a partir dos coeficientes, quando necessário, perfazendo cinco indicadores de IVCO, cinco indicadores de IVPT e quatro indicadores de IVMF;

¹ Por alguma razão desconhecida, o Banco Mundial não fornece dados sobre a Dívida Pública, o Crédito no FMI e Dívida Externa Total dos EUA. Desta forma, foi preciso recorrer ao Departamento do Tesouro Americano (UNITED STATES, 2023a; 2023b) e ao FMI (2023) para conseguir os dados.

- c) ordenação dos indicadores entre aqueles que obtiveram o melhor desempenho na amostra (sendo 0% a menor vulnerabilidade) na amostra e os que obtiveram o pior desempenho (sendo 100% a maior vulnerabilidade);
- d) transformação dos indicadores em índices, para se medir o quão perto, ou distante, estão do indicador de melhor, ou pior, desempenho. Sendo assim, cada indicador possui um índice que varia de 0% a 100%, necessariamente. O cálculo do índice é feito a partir da seguinte fórmula:

Figura 2 - Cálculo de índice

$$\text{Índice} = \frac{X - X_{\text{Min}}}{X_{\text{Máx}} - X_{\text{Min}}} \times 100$$

Fonte: Gonçalves (2005, p. 130).

- e) média simples de cada indicador dentro de sua respectiva esfera para se obter o IVCO, IVPT e IVMF;
- f) por fim, média simples entre os três índices de vulnerabilidade (IVCO, IVPT e IVMF) para se obter o IVE geral.

As duas primeiras etapas, *a* e *b*, estão melhor descritas respectivamente nos apêndices B e C, nos quais são mostradas as fontes das quais se extraíram os dados para o cálculo dos indicadores e como cada indicador foi compilado e calculado para cada Estado em análise ao longo da série histórica². A terceira etapa, item *c*, exigiu uma atenção maior, haja vista que cada índice tem um desempenho e uma leitura diferentes em termos de seus aspectos positivos e negativos, podendo um indicador representar um bom desempenho quanto maior for, enquanto outros operam de forma contrária. Logo, é possível classificar os indicadores, de acordo com Gonçalves (2005), em:

- a) grau de abertura comercial (ou Exportação de bens e serviços/PIB) mede a dependência do comércio internacional como instrumento de expansão da demanda agregada. Estados tendem a diminuir o grau de abertura comercial para minimizar seu IVE;
- b) grau de integração na economia mundial (ou Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços – Crescimento do PIB real) mostra a

² Assim como é explicado na introdução e no capítulo 2, o indicador de Estoque do IED em serviços como proporção do estoque total de IED não foi considerado para o cálculo do IVPT, uma vez que o estoque de IED em serviços é um coeficiente de difícil acesso para a maioria dos Estados em qualquer período de análise. Ademais, o indicador de Ajuda externa/Importação de bens e serviços foi, igualmente, desconsiderado, porque as seis economias em análise não receberam ajuda externa no período de 2008 a 2019.

- dependência do Estado ao comércio exterior e, logo, os Estados tendem a diminuir este indicador para minimizar seu IVE;
- c) índice de concentração das exportações (de Herfindahl-Hirschmann³) indica o quão vulnerável o Estado é diante das oscilações de preço e quantidade do comércio internacional e, assim, estes tendem a diminuí-lo para minimizar seu IVE;
 - d) grau de proteção da atividade econômica (ou Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI] / Importação de bens e serviços) é o nível de cobertura que permite ao Estado se proteger de mudanças na conjuntura externa e, logo, os Estados tendem a aumentá-lo para minimizar seu IVE;
 - e) taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens mostra o quão competitivo o Estado é na esfera comercial. Quanto maior este indicador, menor o IVE;
 - f) grau de desnacionalização econômica (ou Estoque de IED / PIB) expressa o controle do parque produtivo por não residentes. Assim, quanto maior este grau, maior o IVE;
 - g) comprometimento da receita de comércio exterior com o capital externo (ou Estoque de IED / Exportação de bens e serviços) mede o passivo externo do país em relação a sua capacidade de exportar. Quanto maior este indicador, maior o IVE;
 - h) gastos com P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) como proporção do PIB expressa o quanto o Estado inova nas esferas produtiva e tecnológica. Sendo assim, quanto maior este índice, menor o IVE do Estado;
 - i) capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior (Pagamento de tecnologia / Gastos com P&D) se refere à habilidade do país de reverter a condição de periferia tecnológica. Portanto, quanto menor este indicador, menor o IVE;
 - j) influência da tecnologia no padrão de comércio (ou Exportação de produtos intensivos em tecnologia / Exportação de manufaturados) expressa a influência da tecnologia no padrão de comércio e, desta forma, quanto maior o indicador, menor o IVE do Estado;
 - k) desequilíbrio de estoque (ou Dívida externa total / Exportação de bens e serviços) é um *proxy* do endividamento externo. Quanto mais elevado, maior a vulnerabilidade externa;

³ O Índice de Herfindahl-Hirschmann revela o grau de concorrência que um mercado tem, variando de 0 a 1, sendo 1 um monopólio ideal e 0 um mercado de concorrência perfeita. Neste caso, analisa-se o grau de concorrência de empresas exportadoras, avaliando se a economia em questão depende de poucas ou de muitas empresas para exportar (Gonçalves, 2005).

- l) dependência dos recursos do FMI (ou Dívida com FMI / Dívida externa total) revela o grau de dependência a um instrumento financeiro influenciado pelos EUA. Quanto menor o indicador, menor o IVE;
- m) absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo (ou Renda líquida / Exportação de bens e serviços) expressa o quanto o Estado consegue reter de divisas frente ao passivo externo (lucros e juros líquidos remetidos). Logo, quanto maior o indicador, maior o IVE;
- n) comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa (ou Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público / Exportação de bens e serviços) é um termômetro típico de vulnerabilidade financeira externa. Assim, quanto maior o indicador, maior o IVE.

Os indicadores são organizados no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Classificação dos indicadores do IVE em tipo de desempenho

Esfera	Indicador	Interpretação
IVCO	a) Exportação de bens e serviços / PIB	Mais alto, mais vulnerável
	b) Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços – Crescimento do PIB real	Mais alto, mais vulnerável
	c) Índice de concentração das exportações	Mais alto, mais vulnerável
	d) Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI] / Importação de bens e serviços	Mais alto, menos vulnerável
	e) Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens	Mais alto, menos vulnerável
IVPT	f) Estoque de IED / PIB	Mais alto, mais vulnerável
	g) Estoque de IED / Exportação de bens e serviços	Mais alto, mais vulnerável
	h) Gastos com P&D como proporção do PIB	Mais alto, menos vulnerável
	i) Pagamento de tecnologia / Gastos com P&D	Mais alto, mais vulnerável
	j) Exportação de produtos intensivos em tecnologia / Exportação de manufaturados	Mais alto, menos vulnerável
IVMF	k) Dívida externa total / Exportação de bens e serviços	Mais alto, mais vulnerável
	l) Dívida com FMI / Dívida externa total	Mais alto, mais vulnerável
	m) Renda líquida / Exportação de bens e serviços	Mais alto, mais vulnerável
	n) Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público / Exportação de bens e serviços	Mais alto, mais vulnerável

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Gonçalves (2005).

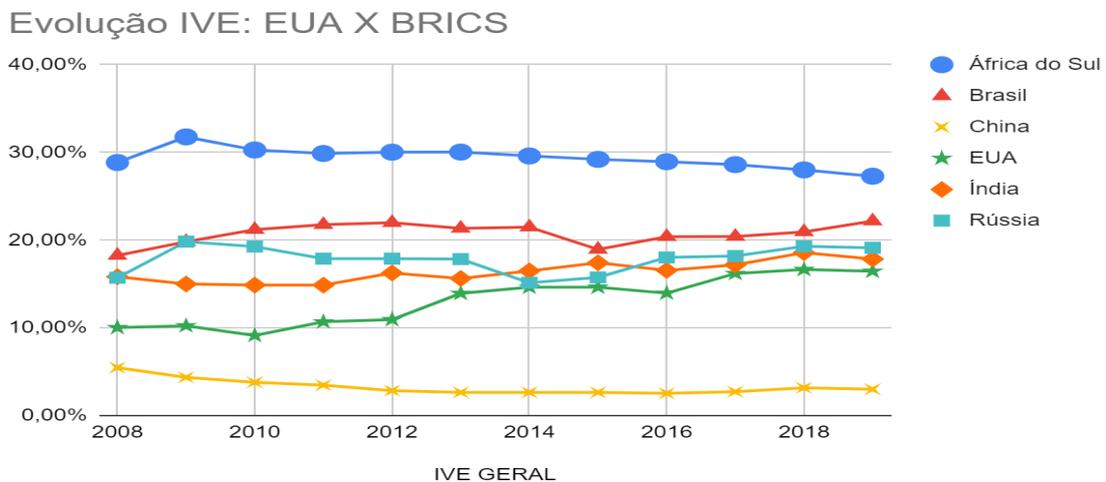
As etapas dos itens *c* e *d* podem ser melhor observadas no Apêndice D, no qual os 14 indicadores dos seis Estados selecionados, ao longo da série histórica, foram compilados, ordenados e transformados em índices. Finalmente, uma vez transformados em índices os indicadores, foi possível calcular os IVCOs, IVPTs, IVMFs e, logo, IVEs dos EUA e dos Estados-membro dos BRICS.

Tabela 1 - Compilação dos IVEs dos EUA e do BRICS

Ano	África do Sul	Brasil	China	EUA	Índia	Rússia
2008	28,85%	18,25%	5,46%	10,03%	15,83%	15,71%
2009	31,77%	19,82%	4,35%	10,24%	15,00%	19,83%
2010	30,28%	21,20%	3,79%	9,13%	14,88%	19,27%
2011	29,88%	21,76%	3,47%	10,69%	14,87%	17,89%
2012	30,03%	21,99%	2,84%	10,94%	16,25%	17,89%
2013	30,04%	21,34%	2,64%	13,93%	15,63%	17,84%
2014	29,60%	21,49%	2,63%	14,63%	16,50%	15,14%
2015	29,21%	18,94%	2,64%	14,63%	17,42%	15,75%
2016	28,94%	20,39%	2,53%	13,96%	16,55%	18,03%
2017	28,61%	20,41%	2,72%	16,20%	17,18%	18,19%
2018	28,01%	20,94%	3,17%	16,65%	18,58%	19,30%
2019	27,29%	22,17%	3,01%	16,46%	17,84%	19,13%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 1 - Evolução do IVE: EUA Vs BRICS - 2008 a 2019



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da tabela 1 e do gráfico 1, é possível observar a evolução do IVE dos EUA comparado aos IVEs de África do Sul, Brasil, China, Índia e Rússia. Nota-se que o desempenho dos EUA em remediar os efeitos da Crise de 2008 em sua vulnerabilidade externa não parece ter sido exitoso. Na verdade, observa-se que o IVE estadunidense de 2008 a 2019 cresceu de

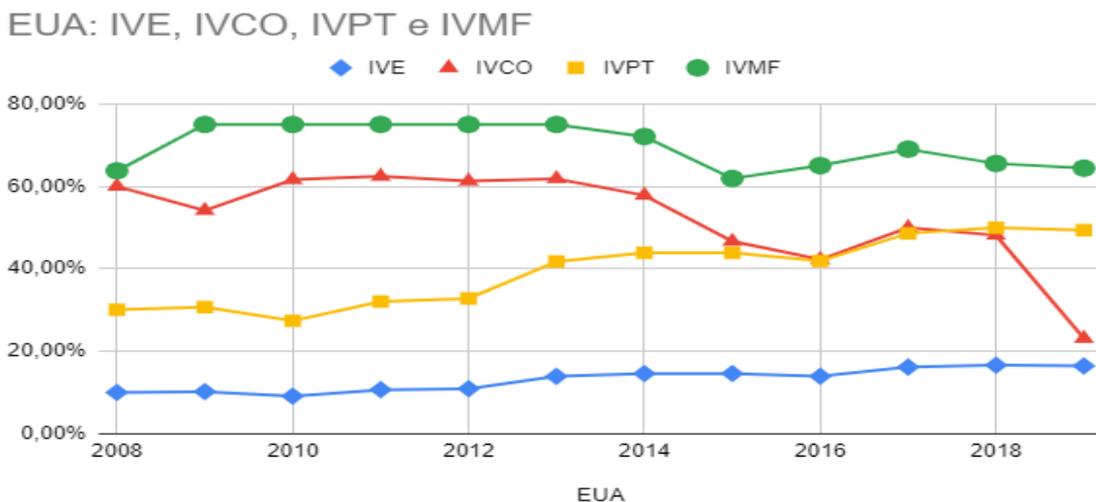
um patamar de 10% para mais de 16%, enquanto a China conseguiu atingir um IVE inferior ao dos EUA ao fim do período de análise. Brasil, Índia e Rússia apresentaram IVEs oscilantes, mas, mantiveram um patamar perto da vulnerabilidade norte-americana. Finalmente, a África do Sul se mostrou ser o elo fraco do BRICS, apresentando um IVE médio de 29,38% ao longo dos 12 anos investigados, ainda que seu índice demonstrasse tendência de queda. Entretanto, para se compreender melhor o resultado geral do IVE dos EUA frente a seus principais competidores atuando em grupo, é preciso realizar uma radiografia de cada índice de vulnerabilidade, ou seja, decompor o IVE dos EUA em seus respectivos IVCO, IVPT e o IVMF na tabela 2 e no gráfico 2.

Tabela 2 - Índices de vulnerabilidade dos EUA

Ano	IVE	IVCO	IVPT	IVMF
2008	10,03%	60,00%	30,09%	63,77%
2009	10,24%	54,15%	30,72%	75,00%
2010	9,13%	61,61%	27,40%	75,00%
2011	10,69%	62,41%	32,06%	75,00%
2012	10,94%	61,26%	32,81%	75,00%
2013	13,93%	61,86%	41,78%	75,00%
2014	14,63%	57,83%	43,89%	72,07%
2015	14,63%	46,66%	43,88%	61,90%
2016	13,96%	42,27%	41,89%	65,02%
2017	16,20%	49,95%	48,60%	69,02%
2018	16,65%	48,16%	49,95%	65,54%
2019	16,46%	23,12%	49,37%	64,40%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 2 - Evolução dos índices de vulnerabilidade dos EUA



Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da análise da tabela 2 e do gráfico 2, é notável que o índice que mais deteriorou o IVE dos EUA foi o da esfera monetário-financeira, embora tenha se mantido estável ao longo do período. Dos quatro indicadores que compõem o IVMF, os EUA só obtiveram desempenho satisfatório na relação entre a dívida com FMI e sua dívida externa total, uma vez que no fim de cada ano, os EUA não acumularam dívidas junto ao organismo internacional, o que só reforça a noção de que o FMI é “[...] um instrumento de política econômica externa dos Estados Unidos, mais especificamente do Tesouro desse país” (Gonçalves, 2005, p. 146).

De resto, o IVMF representa o maior dos índices pelo aumento da dívida externa (149,83%) e da dívida pública dos EUA (226,63%) e pelo descompasso do aumento da Renda Líquida (220,86%) com o aumento das exportações de bens e serviços (137,67%). Logo, isto impactou negativamente nos indicadores de Desequilíbrio de estoque (ou Dívida externa total / Exportação de bens e serviços), de Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa (ou Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público / Exportação de bens e serviços) e de Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo (ou Renda líquida / Exportação de bens e serviços). Este movimento ocorre, em grande medida, em função do aumento dos défices gêmeos – fiscal e externo – operados pelo Tesouro Americano após a crise de 2008, como resposta à diminuição da atividade econômica (Arienti, 2017).

Outro aspecto notável no gráfico 2 é o movimento ascendente da curva IVPT e descendente da curva IVCO, que, a partir de 2018, performam um X, isto é, se encontram e se distanciam em direções opostas. Isto significa, por um lado, um aumento da desnacionalização da indústria estadunidense – em função do aumento do IVPT –, e, por outro lado, um aumento da competitividade das empresas operando em solo estadunidense em conquistar mercados internacionais. Apesar de contraditório e contraintuitivo, esse movimento pode ter três causas: a intensificação da guerra tecnológica com a China e o aumento do estoque de IED nos EUA dão conta de explicar a curva ascendente do IVPT, e o aumento do protecionismo explica a curva descendente do IVCO.

A intensificação da guerra tecnológica com a China se expressa pela diminuição de 65,74% das exportações de alta tecnologia dos EUA de 2008 a 2019, e, também, pelo aumento de 4,95% das exportações de alta tecnologia da China no mesmo período; o aumento de 260% do estoque de IED nos EUA, de 2008 a 2019, explica por si só o aumento da desnacionalização da economia norte-americana; por fim, com o aumento do protecionismo em 2017 na presidência de Donald Trump, as importações aos EUA tiveram uma queda de 0,49% entre 2018 e 2019 que, apesar de tímida, foi suficiente para que os EUA obtivessem o melhor desempenho no indicador de proteção da atividade econômica em 2019, entre os Estados

analisados. Estas constatações do detalhamento do IVE norte-americano se confirmam se cada índice das três esferas é colocado em paralelo com os demais Estados do BRICS.

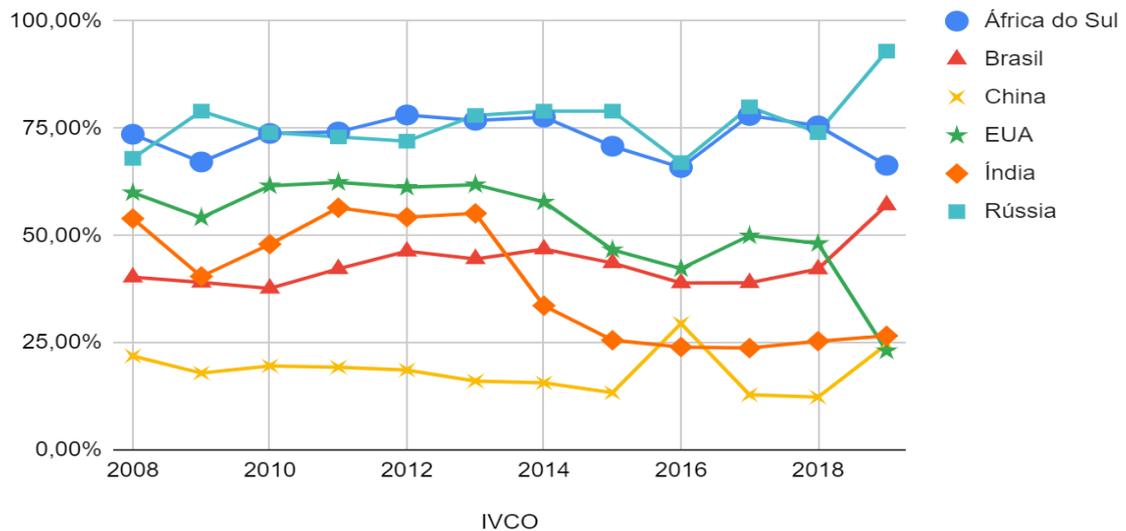
Tabela 3 - IVCO dos EUA e dos BRICS

Ano	África do Sul	Brasil	China	EUA	Índia	Rússia
2008	73,61%	40,26%	21,90%	60,00%	53,96%	68,00%
2009	67,15%	39,05%	17,89%	54,15%	40,45%	79,00%
2010	73,80%	37,66%	19,55%	61,61%	47,97%	74,00%
2011	74,15%	42,21%	19,28%	62,41%	56,48%	73,00%
2012	78,12%	46,31%	18,60%	61,26%	54,27%	72,00%
2013	76,86%	44,54%	16,02%	61,86%	55,15%	78,00%
2014	77,60%	46,81%	15,61%	57,83%	33,62%	79,00%
2015	70,82%	43,59%	13,33%	46,66%	25,58%	79,00%
2016	65,87%	38,91%	29,48%	42,27%	23,97%	67,00%
2017	77,99%	38,94%	12,86%	49,95%	23,75%	80,00%
2018	75,58%	42,15%	12,29%	48,16%	25,35%	74,00%
2019	66,37%	57,09%	24,60%	23,12%	26,61%	93,00%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - Evolução do IVCO dos EUA e dos BRICS

Evolução IVCO: EUA X BRICS



Fonte: elaborado pelo autor.

Pela análise da tabela 3 e do gráfico 3, percebe-se a capacidade de projeção comercial que a China tem frente aos demais países. Entretanto, tanto EUA quanto Índia foram capazes de alcançar índices de vulnerabilidade menores até o fim do período e, para o que mais importa a este trabalho, a política de protecionismo empregada a partir de 2017 nos EUA foi eficiente em reverter, consideravelmente, seu IVCO até o ponto de ser levemente inferior ao da China.

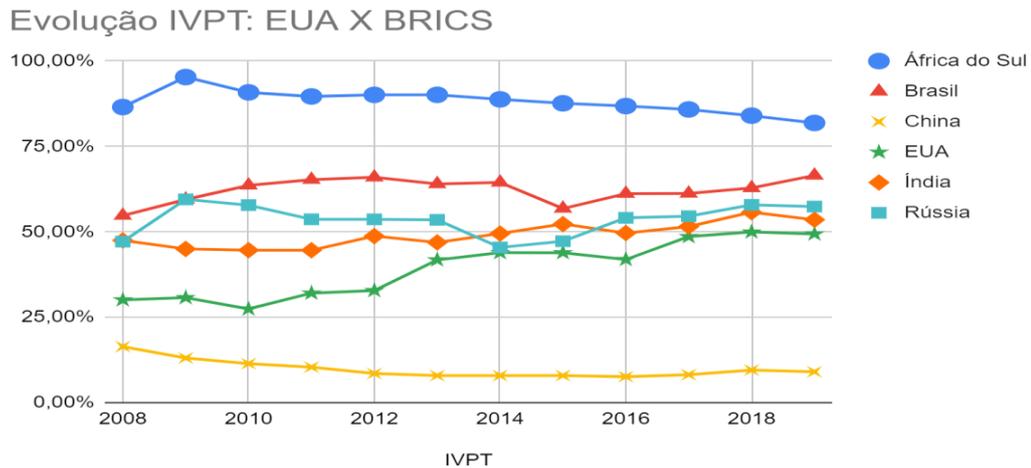
Quanto aos demais Estados do BRICS, o Brasil demonstrou um desempenho mediano, enquanto África do Sul e Rússia apresentaram os piores desempenhos da amostra.

Tabela 4 - IVPT dos EUA e dos BRICS

Ano	África do Sul	Brasil	China	EUA	Índia	Rússia
2008	86,54%	54,76%	16,39%	30,09%	47,50%	47,13%
2009	95,32%	59,47%	13,04%	30,72%	45,00%	59,50%
2010	90,84%	63,61%	11,38%	27,40%	44,63%	57,82%
2011	89,64%	65,27%	10,40%	32,06%	44,61%	53,67%
2012	90,10%	65,96%	8,51%	32,81%	48,75%	53,66%
2013	90,12%	64,01%	7,91%	41,78%	46,90%	53,51%
2014	88,79%	64,46%	7,90%	43,89%	49,51%	45,42%
2015	87,64%	56,83%	7,92%	43,88%	52,27%	47,25%
2016	86,83%	61,18%	7,58%	41,89%	49,64%	54,10%
2017	85,84%	61,23%	8,17%	48,60%	51,54%	54,58%
2018	84,02%	62,83%	9,51%	49,95%	55,75%	57,89%
2019	81,88%	66,50%	9,04%	49,37%	53,53%	57,40%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 4 - Evolução do IVPT dos EUA e dos BRICS



Fonte: elaborado pelo autor.

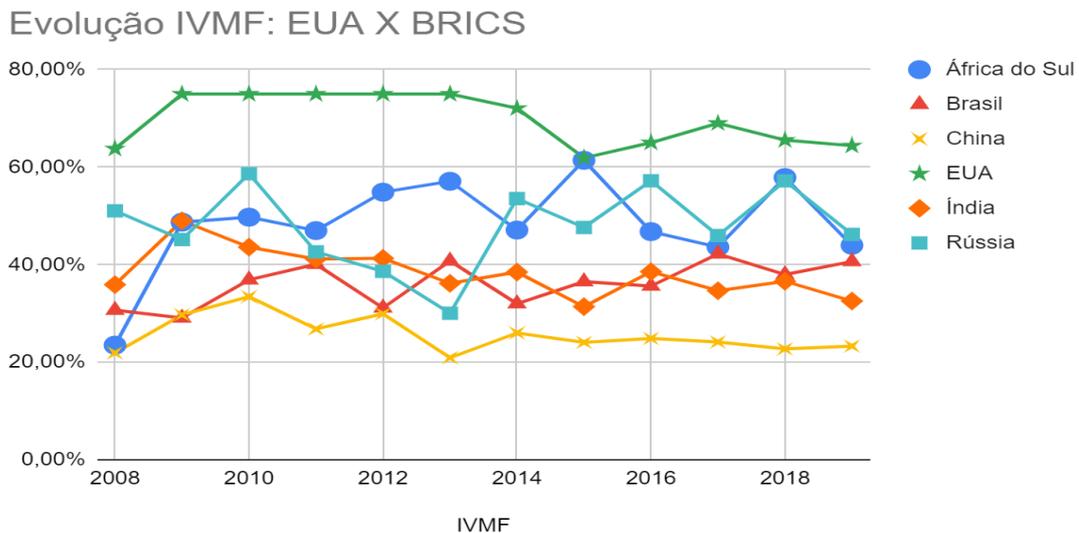
Novamente, pela análise da tabela 4 e do gráfico 4, o desempenho da China frente aos demais Estados da amostra se destaca. Não apenas a China sempre manteve um intervalo de distância dos demais Estados, como também apresentou uma diminuição de seu IVPT de 44,84%. Por outro lado, o IVPT norte-americano apresentou uma oscilação positiva de 64,07%. Ademais, Brasil, Índia e Rússia mantiveram um desempenho mediano e estável, enquanto a África do Sul, ainda que apresentasse o pior desempenho em toda a amostra, logrou diminuir seu IVPT em 5,38%.

Tabela 5 - IVMF dos EUA e dos BRICS

Ano	África do Sul	Brasil	China	EUA	Índia	Rússia
2008	23,49%	30,67%	21,91%	63,77%	35,90%	51,04%
2009	48,72%	29,08%	29,72%	75,00%	48,99%	45,16%
2010	49,74%	36,90%	33,45%	75,00%	43,60%	58,65%
2011	46,99%	40,09%	26,82%	75,00%	41,15%	42,63%
2012	54,87%	31,13%	29,92%	75,00%	41,30%	38,63%
2013	57,10%	40,76%	20,91%	75,00%	36,18%	30,04%
2014	47,10%	32,00%	26,00%	72,07%	38,49%	53,56%
2015	61,40%	36,52%	24,08%	61,90%	31,39%	47,63%
2016	46,78%	35,63%	24,87%	65,02%	38,56%	57,20%
2017	43,60%	42,21%	24,14%	69,02%	34,65%	45,97%
2018	57,87%	37,99%	22,71%	65,54%	36,59%	57,19%
2019	43,98%	40,65%	23,28%	64,40%	32,54%	46,20%

Fonte: elaborado pelo autor.

Gráfico 5 - Evolução do IVMF dos EUA e dos BRICS



Fonte: elaborado pelo autor.

Finalmente, pela análise da tabela 5 e do gráfico 5, percebe-se uma situação mais complicada que no caso dos demais índices. Sem dúvidas, o IVMF de todos os Estados estudados variou bastante ao longo do período devido à própria natureza instável das finanças internacionais e em função de um período conturbado após a crise de 2008, uma crise que impactou mais fortemente o SMFI. Entretanto, nota-se, uma vez mais, o melhor desempenho em praticamente todo o período da China em comparação com os demais Estados, enquanto os EUA, embora tenham conseguido controlar a variação de sua vulnerabilidade, permaneceram, em todo o período, com o pior desempenho. Em relação aos demais Estados, é difícil estabelecer um padrão. Todos conseguiram controlar suas fragilidades para que nenhum aspecto de seus indicadores apresentasse uma piora considerável no longo prazo.

Pela análise dos diferentes índices de vulnerabilidade, foi possível realizar uma classificação de poder relacional entre os principais competidores internacionais na arena da economia mundial. Contudo, ainda que a metodologia de mensuração da vulnerabilidade externa de Gonçalves (2005) tenha se mostrado útil e eficiente, percebe-se seu caráter relacional, isto é, tal metodologia só é funcional na comparação entre Estados. Nesse sentido, é imperativo lembrar que a dicotomia entre economia mundial e SI é carregada de poderes estruturais que, muitas vezes, superam interações de poder relacionais (Strange, 1994). Embora os EUA apresentem o pior IVMF, seu poder estrutural sobre o crédito e as finanças internacionais é sem paralelo na história do SMFI, devido, entre outros, à alavancagem e à senhoriagem do dólar americano (Eichengreen, 2011).

Como mencionado no capítulo anterior, a capacidade de postergar e defletir problemas no BP graças ao caráter de moeda doméstica mais demandada do mundo, deram aos EUA uma situação confortável em relação a seu IVMF (Cohen, 2006). No entanto, a negligência em relação aos principais indicadores que compõem o IVCO, o IVPT e o IVMF podem onerar os EUA no futuro. De acordo com Barry Eichengreen (2011), o dólar estadunidense só se tornou um *player* internacional após a formação do Fed em 1913 e, sobretudo, após a Primeira Guerra Mundial, quando os EUA passaram da condição de maior devedor mundial para maior credor mundial. Antes disso, a moeda norte-americana era inferior a moedas cuja economia era infinitamente menor que a economia dos EUA (Eichengreen, 2011).

A situação do passado do dólar norte-americano é semelhante à situação atual da moeda chinesa: sua baixa capacidade de postergar ou defletir problemas no BP chinês. O renminbi, embora pouco internacionalizado, é lastreado em uma economia industrialmente forte e comercialmente competitiva, mas com instituições financeiras pouco desenvolvidas, ainda que fortalecidas. Ter baixos índices de vulnerabilidade são condições necessárias, mas não suficientes para garantir um poder estrutural sobre o crédito e as finanças internacionais (Cohen, 2015, 2019).

Conquanto os EUA tenham renunciado a seu poder estrutural sobre a produção, aumentando seu IVE de maneira geral, seu poder estrutural sobre a segurança internacional ainda lhes garante preponderância no poder estrutural sobre o crédito e a finança (Strange, 1994). Parafraseando a visão hegeliano-marxista para explicar a diferença entre mudanças incrementais e mudanças revolucionárias, Gilpin (1981, p. 45, tradução própria)⁴ argumenta que “[...] a mudança é descontínua e consequência de uma crise sistêmica que só pode ser

⁴ No original: “Change is believed to be discontinuous and the consequence of a systemic crisis that can be resolved only by the use of force, because no dominant group gives up its privileges without a struggle” (Gilpin, 1981, p. 45).

resolvida pelo uso da força, porque nenhum grupo dominante abre mão dos seus privilégios sem luta”. É fato que os EUA, entretanto, não precisaram desafiar militarmente o Reino Unido para que sua moeda tomasse o lugar da libra esterlina no poder estrutural do SMFI, uma vez que desempenharam uma função de balanceador externo e esperaram o enfraquecimento de seus rivais ultramarinos para, enfim, intervirem militarmente (Eichengreen, 2000; Mearsheimer, 2001). Logo, o mesmo pode ocorrer no caso de uma possível transição de poder entre EUA e China. Todavia, para se entender as oscilações dos indicadores e, logo, do IVE dos EUA é preciso recapitular as transformações pelas quais a economia norte-americana passou e a política externa que duas administrações da Casa Branca empreenderam de 2008 a 2019.

3.2 OS EUA DE 2008 A 2019

Após o fim da Guerra Fria em 1989 e da queda da União Soviética (URSS) em 1991, analistas de RI e economistas se depararam com um momento raro e, quiçá sem precedentes na história moderna: a possibilidade do fim do SI e do ciclo econômico. Por um lado, os EUA emergiam como a maior potência militar que o mundo já havia visto, entretanto seu principal rival, a URSS, ruía após não conseguir acompanhar a corrida armamentista dos anos 1980. Assim, se há apenas uma grande potência no sistema, não há SI, pois não há anarquia, e sim hierarquia (Posen, 2003; Wohlforth, 1999). Por outro lado, a guerra ideológica pelo sistema econômico mais eficiente parecia ter dado ganho de causa ao capitalismo liberal, enquanto a economia planificada, seja de Estados comunistas, seja de Estados desenvolvimentistas, seria relegada aos anais da humanidade. Paul Krugman (2008), citando Robert Lucas, descreve este cenário como a solução do problema central da prevenção da depressão e logo do fim do ciclo econômico. A epítome desta percepção foi o artigo, depois convertido em livro, de Francis Fukuyama (1992) *The end of history and the last man*.

Claramente, esta posição não só foi criticada em termos teóricos, mas, igualmente, superada ao se recorrer às evidências empíricas. Escrevendo no início do século XXI, Mearsheimer (2001) alerta que a melhor maneira de se medir o equilíbrio não é em termos do todo, mas parcialmente. Na Europa, ainda que a Rússia não seja equivalente à antiga URSS, continua havendo um equilíbrio bipolar entre OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) e OTSC (Organização do Tratado de Segurança Coletiva), enquanto no nordeste asiático impera uma multipolaridade equilibrada entre EUA, China e Rússia. Indo além, Mearsheimer (2001) alertou que engajar a China na ordem liberal não daria frutos e que, na verdade, a melhor política seria conter sua expansão pela Ásia e pelo Oceano Pacífico. Finalmente, ainda segundo

o teórico estadunidense, embora as dinâmicas de poder não tivessem transparecido ainda, uma crise econômica poderia engatilhar um aumento da competição interestatal (Mearsheimer, 2001).

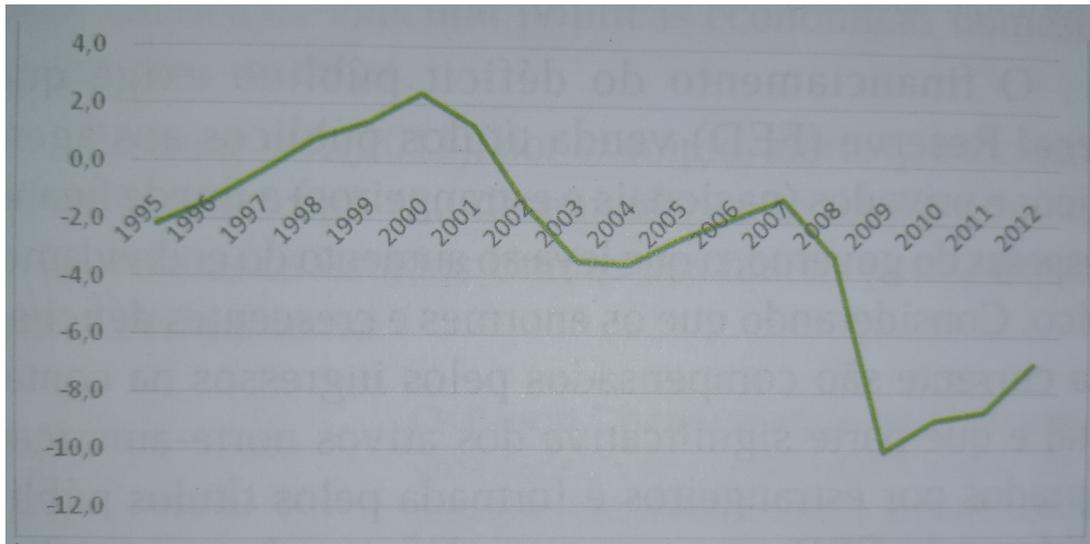
Neste sentido, o ano de 2008 é considerado marcante, como um exemplo de que nem o ciclo econômico e tampouco a competição internacional havia sido superados. Coincidência, ou não, o ano marca a pior crise econômica do mundo desde 1929 e a intervenção da Rússia na Geórgia (Mearsheimer, 2019; Stiglitz, 2010). Porém, ao mesmo tempo, tanto a crise econômica quanto a intervenção russa foram eventos de menor escala quando observados a partir de uma perspectiva de longo prazo. A crise de 2008, apesar de ser um sintoma da vulnerabilidade dos EUA, não impactou a hierarquia de poder da economia mundial (Peruffo, 2020), e a intervenção russa, a despeito de ser uma medida imprevista, não foi tomada com uma ameaça ao equilíbrio internacional pelos EUA (Mearsheimer, 2019). No entanto, ambos os eventos marcam o início de um período de deterioração da *Belle Époque* ocidental.

De 2008 a 2019, os EUA, portanto, tiveram de enfrentar o desafio duplo de manter sua liderança na hierarquia da economia mundial e conter os rivais russo e chinês. Neste período de 12 anos, duas administrações presidenciais tomaram lugar na Casa Branca: dois mandatos consecutivos de Barack Hussein Obama II, de 2009 a 2016, e de Donald John Trump, a partir de 2017. Do ponto de vista da manutenção da liderança norte-americana na hierarquia de poder da economia mundial, o governo Obama se concentrou nas seguintes políticas domésticas:

- a) recuperar a atividade econômica doméstica mediante políticas fiscais e monetárias expansionistas (Arienti, 2017; Coelho; Gaiotto, 2017);
- b) investir na prospecção de gás de xisto como alternativa ao petróleo (Ferreira, 2017);
- c) investir em inovação, P&D e proteção de patentes para recuperar a competitividade da indústria de alta tecnologia (Costa, 2017; Mendonça; Lima, 2017; Menezes, 2017).

Cada política doméstica tinha por objetivo, naquele momento, mitigar algum aspecto deficitário da economia estadunidense, mas, para as finalidades deste trabalho, elas tiveram um efeito ambíguo sobre as vulnerabilidades externas dos EUA no período analisado. A fim de recuperar a atividade econômica doméstica, o Fed e o Tesouro Americano operaram em conjunto para fazerem políticas monetárias e fiscais expansionistas, por meio de aumento do endividamento público norte-americano, emissão de moeda e diminuição das taxas básicas de juro do dólar (Arienti, 2017; Coelho; Gaiotto, 2017).

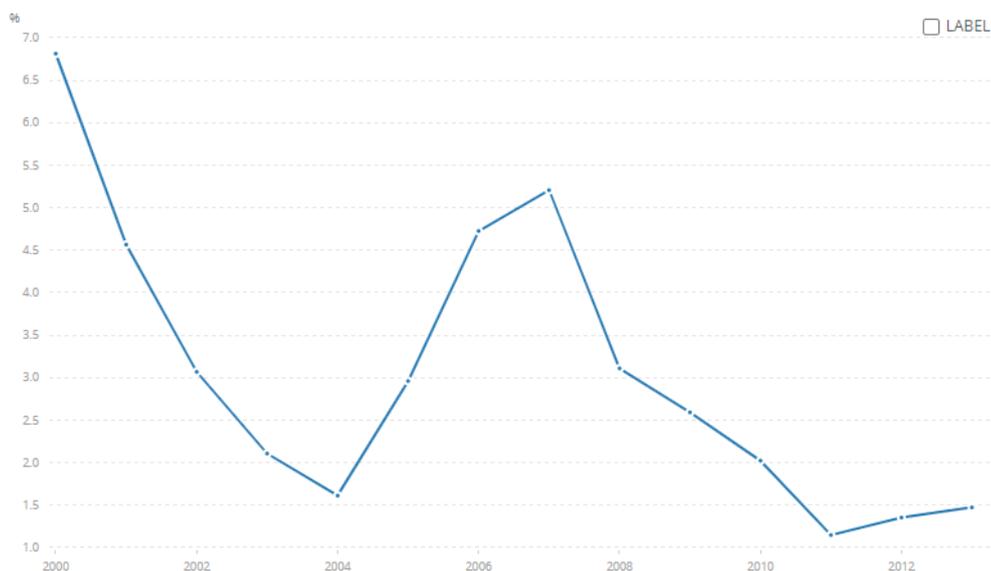
Figura 3 - Relação Dívida/PIB dos EUA em %



Fonte: Arienti (2017, p. 99).

A partir da figura 3, observa-se o aumento da deterioração fiscal dos EUA, após a crise de 2008, quando o governo norte-americano, junto ao Departamento do Tesouro, realizou cortes de impostos e aumento de gastos. Como é mostrado, na sequência, na figura 4, o Fed realizou uma política monetária expansionista, emitindo papel-moeda e dívida, uma política que, à época, ficou conhecida como *Quantitative Easing*. Tal política aproximou as taxas reais de juros a zero depois da quebra do Lehman Brothers em setembro de 2008, mas seus resultados na economia real ficaram aquém das expectativas, ainda que tenha impedido uma queda no crescimento de 2,5% (Arienti, 2017; Coelho; Gaiotto, 2017).

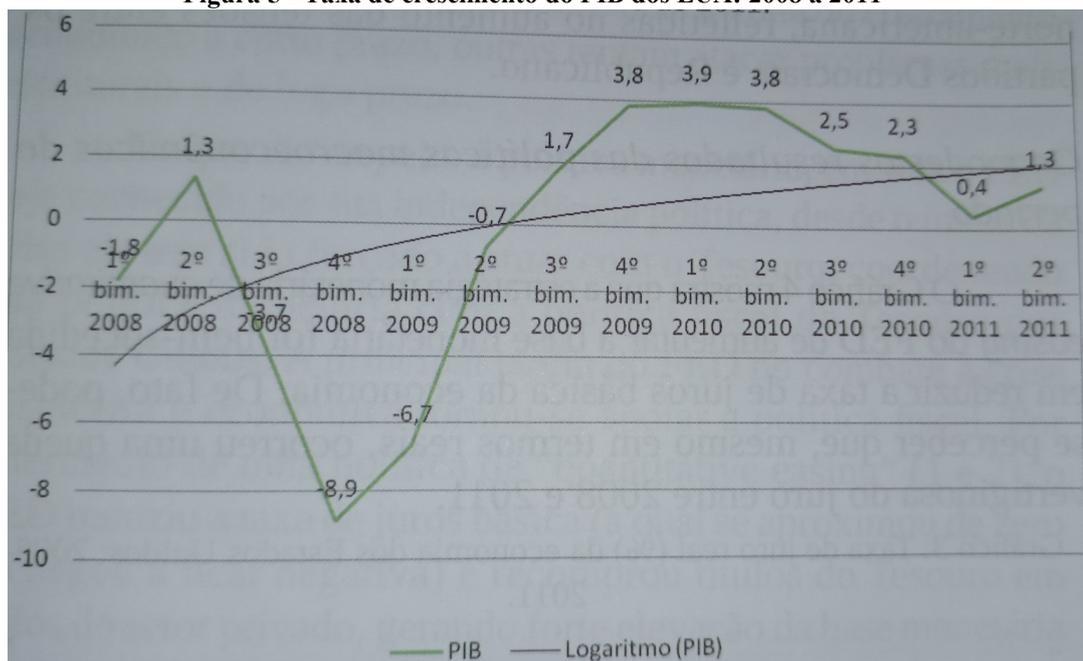
Figura 4 - Taxa de juros real de curto prazo (%) – Estados Unidos de 2000 a 2012



Fonte: World Bank Group (2022).

Simultaneamente às políticas monetária e fiscal expansionistas, outra medida tomada pelo governo Obama em resposta à crise foi o *The American Recovery and Reinvestment Act*, aprovado no Congresso dos EUA em fevereiro de 2009. O pacote serviu de estímulo à economia, orçando um gasto público de US\$ 840 bilhões até 2012 para evitar uma onda de demissões, criar novos empregos, dar incentivos a novos investimentos e ampliar programas sociais e investimentos públicos em P&D, telecomunicações e infraestrutura (Arienti, 2017).

Figura 5 - Taxa de crescimento do PIB dos EUA: 2008 a 2011



Fonte: Arienti (2017, p. 108).

O resultado parcial das políticas macroeconômicas do primeiro mandato de Obama sobre o PIB podem ser observados na figura 5, que revela a evolução do produto estadunidense, puxado, em grande medida, pelo aumento dos investimentos privados e do consumo das famílias (Arienti, 2017). Apesar das promessas de Obama durante sua campanha presidencial, a política de salvamentos de bancos foi herdada de seu sucessor, Bush II, e mantida como política de Estado. Desta forma, infere-se que o primeiro mandato de Obama representou mais continuidades que rupturas. Logo, os grandes bancos dos EUA, excetuando-se Lehman Brothers, foram salvos para preservar o sistema bancário e financeiro estadunidense e, assim, recuperar os níveis de crescimento e emprego, além de não comprometer a posição dominante do dólar na hierarquia do SMFI (Stiglitz, 2010; Coelho; Gaiotto, 2017).

Com relação à inovação, à P&D e à proteção de patentes, a política de promoção da inovação se revelou de sensível importância aos EUA, sobretudo, em períodos de crise. Como observado pelos índices de vulnerabilidade, os EUA sempre apresentaram o melhor

desempenho de gastos de P&D em relação ao PIB e de absorção de tecnologia pelo pagamento de patentes, além de apresentar a segunda posição de desempenho na exportação de alta tecnologia em comparação com o BRICS. Estar na fronteira tecnológica sempre foi uma questão de política de Estado. No caso do governo Obama não foi diferente, uma vez que “[...] Obama elege[u] o tema da Inovação como prioritário, ampli[ou] a agenda da Política de Inovação e [...] consider[ou] tal política um dos pilares fundamentais para a superação da crise” (Costa, 2017, p. 37).

Não à toa, a administração Obama esteve empenhada em lutar contra a pirataria e a falsificação da propriedade intelectual. Em dois momentos, Obama fez da propriedade intelectual parte central da política externa norte-americana: no *Anti-Counterfeiting Trade Agreement* (ACTA) de 2010 e no *Trans-Pacific Partnership* (TPP), a partir de 2009. Embora o ACTA tenha sido sepultado em seguida, o TPP foi assinado em 2015, prevendo salvaguardas à propriedade intelectual (Lima, 2017; Menezes, 2017). Não obstante, os pontos críticos do Sistema de Inovação dos EUA nesse momento foram a força de trabalho, a pesquisa científica e a infraestrutura. Com relação à força de trabalho, foi prioritário incentivar as áreas do STEM (*science, technology, engineering e mathematics*) e, com relação aos focos de pesquisa, a prioridade foram as ciências da vida e da energia, tais como biotecnologia e nanotecnologia (Costa, 2017).

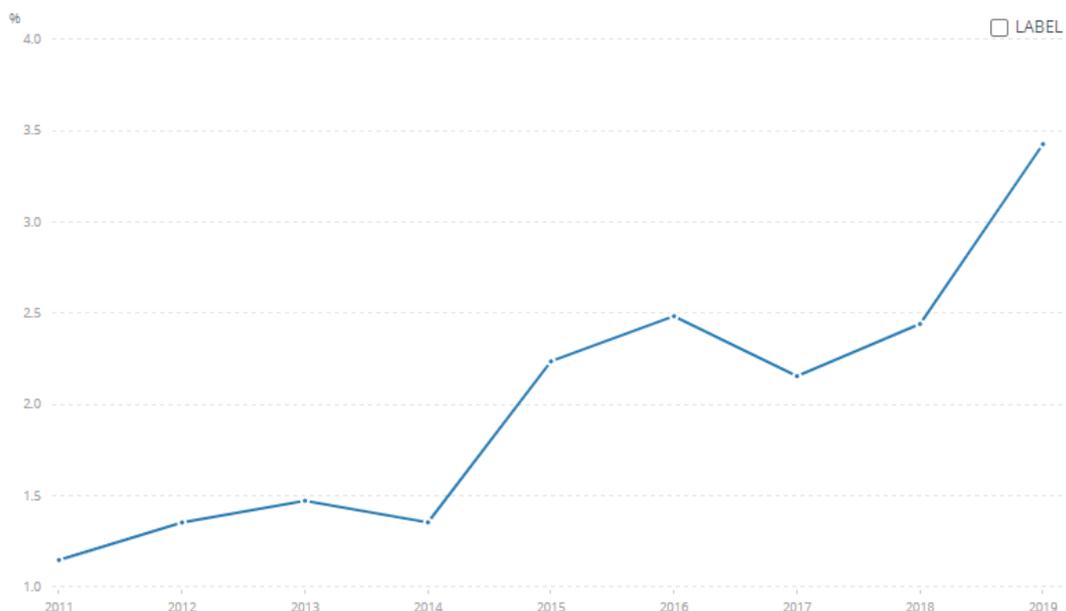
Inclusive, a questão energética voltou a ser de importância estratégica aos EUA após a crise 2008, com um aumento expressivo no preço do barril de petróleo, expondo a vulnerabilidade norte-americana na matéria energética. No passado, os EUA já foram o maior produtor de petróleo do mundo e, mesmo mantendo altos níveis de produção, os formadores de política estadunidense perceberam que as reservas em solo nacional deveriam ser poupadas na eventualidade de uma guerra, tal como acontecera na Segunda Guerra Mundial, quando a escassez do recurso se mostrou de vital importância para derrota das potências do Eixo (Yergin, 2010). Como parte da política de retomada econômica do governo Obama, a exploração de gás de xisto foi uma alternativa energética que ajudou a manter a estabilidade dos preços, no que tange ao risco de inflação de custo, geração de empregos e investimento e alívio da vulnerabilidade energética dos EUA (Ferreira, 2017).

As medidas do segundo mandato do governo Obama (2013-2016) foram, em linhas gerais, uma extensão do primeiro mandato. Logo de início, em janeiro de 2013, a administração Obama teve de lidar com um suposto abismo fiscal (*fiscal cliff*), momento no qual a dívida pública atinge o teto (*debt ceiling*) e, na ocasião, o aumento da arrecadação foi travado devido à legislação passada do governo Bush II, assim, deixando toda a administração direta do país em situação de apreensão. A problemática foi solucionada com o *American Taxpayer Relief Act*

of 2012, aprovado entre os dias 01 e 02 de janeiro de 2013 pelo Congresso e sancionado pelo presidente Obama (Krugman, 2014). Entretanto, tratou-se de solução paliativa, haja vista que o episódio fiscal ocorreu novamente no governo Trump em 2018 e 2019, quando foi preciso, em duas ocasiões, fechar (*shutdown*) o Congresso para novas negociações de orçamento do ano fiscal seguinte (Jackson, 2020).

Além disto, Obama também tentou diminuir o endividamento das famílias norte-americanas provendo um sistema público de saúde, criado por meio do *Patient Protection and Affordable Care Act* (ACA). Apesar de distante de ser um sistema unificado e completo de cuidados médicos, o ACA, ou *Obamacare*, pelo menos, representou um alívio nas famílias norte-americanas que não possuem plano de saúde particular, um dos principais motivos de endividamento dos domicílios nos EUA. Por fim, em dezembro de 2015, a administração Obama aprovou o maior pacote de infraestrutura em uma década, o *Fixing America's Surface Transportation Act*, responsável por reformar, reparar e ampliar a malha rodoviária dos EUA, gerando, assim, empregos e aumento da produtividade da indústria (Krugman, 2014).

Figura 6 - Taxa de juros real de curto prazo (%) – Estados Unidos de 2011 a 2019



Fonte: World Bank Group (2023).

Pelo lado monetário, o Fed, a partir de junho de 2013, percebendo que o pior da crise de 2008 havia passado, começou a elevar as taxas de juros lentamente, em um movimento que ficou conhecido como *tapering*, revertendo a política de *quantitative easing*, como revela a figura 6. A tendência de aumento na taxa básica de juro se manteve até 2019, mesmo com a troca de presidente do Fed ou com a troca de presidente na Casa Branca. Fosse Janet Yellen,

fosse Jerome Powell à frente do Fed, ou fosse Obama, fosse Trump à frente da presidência, a política de dólar forte precisava ser retomada, conquanto isso significasse uma leve contração da atividade econômica doméstica (Krugman, 2014; Jackson, 2020).

Com relação aos três anos de mandato de Donald Trump, que se referem ao período anterior à crise de covid-19, suas políticas domésticas se concentraram em dois pontos:

- a) manutenção do crescimento econômico por meio de uma política fiscal expansionista, cortando impostos individuais e, principalmente, corporativos e ampliando o gasto público (UNITED STATES, 2020; Jackson, 2020);
- b) aumento do protecionismo, sobretudo em direção à China, e de políticas anti-imigração em uma tentativa de retomar a produção industrial no território nacional dos EUA (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

Trump assumiu a presidência em um momento de *boom* da economia norte-americana, após o relativo sucesso das políticas de crescimento empreendidas durante a administração Obama. Assim, nesses três anos de mandato, Trump conseguiu manter altos índices de crescimento e geração de emprego, registrando um dos mais longos períodos contínuos de crescimento na história dos EUA. Mesmo com uma política monetária conservadora e uma política protecionista arriscada contra a China, o aumento dos gastos públicos e novos cortes em impostos fizeram o investimento e o consumo das famílias manter o crescimento (Jackson, 2020; Tooze, 2014).

Avaliando em perspectiva, nestes 11 anos de execução de política macroeconômica das administrações Obama e Trump, o mais relevante das políticas é verificar se elas surtiram efeito nos indicadores que compõem o IVE. De fato, embora o IVE geral dos EUA tenha se deteriorado, dois agregados macroeconômicos foram responsáveis por frear uma maior deterioração: PIB e gastos em P&D. Como visto anteriormente, o crescimento econômico desde a crise de 2008 foi retomado rapidamente após 2009 e inaugurou um longo período de *boom*, que se refletiu em registros de PIB sempre maiores. Isto representou uma melhora nos indicadores de Grau de abertura comercial (exportações / PIB) e Grau de integração na economia mundial (crescimento real do comércio / PIB). Ademais, ainda na esfera comercial, o aumento do protecionismo a partir de 2017 representou uma melhora significativa no indicador de Grau de proteção da atividade econômica (Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI] / Importação de bens e serviços).

Os gastos com P&D foram uma estratégia de governo que perpassou tanto Obama quanto Trump e seus grandes volumes em investimento representaram melhoras nos indicadores de Gastos com P&D como proporção do PIB e Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior (Pagamento de tecnologia / Gastos com P&D). Com relação à esfera monetário-financeira, o

desempenho dos quatro indicadores dos EUA é substancial na série histórica. Enquanto os EUA não registraram dívidas junto ao FMI, mantiveram o pior desempenho da amostra em Desequilíbrio de estoque (Dívida externa total / Exportação de bens e serviços), devido ao aumento da dívida externa e baixa exportação, e Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo (Renda líquida / Exportação de bens e serviços), devido, sobretudo, à baixa exportação. O quadro 3 resume bem o balanço do IVE dos EUA e dos indicadores que o compõem.

Quadro 3 - Balanço do IVE e dos indicadores dos EUA

Índice ou indicador	Variação (2008-2019)	Balanço
IVE	De 10,03% a 16,46%	Deterioração de 64,11%
IVCO	De 60% para 23,12%	Melhora de 61,47%
IVPT	De 30,09% para 49,37%	Deterioração de 64,07%
IVMF	De 63,77% a 64,4%	Estável
a) Exportação de bens e serviços / PIB	Manteve em 0%	Estável (bom desempenho)
b) Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços – Crescimento do PIB real	De 100% a 65,38%	Melhora de 34,62%
c) Índice de concentração das exportações	De 0% a 2,72%	Estável (bom desempenho)
d) Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI] / Importação de bens e serviços	De 100% a 0%	Melhora de 100%
e) Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens	De 100% a 47,50%	Melhora de 52,51%
f) Estoque de IED / PIB	De 47,2% a 100%	Deterioração de 111,86%
g) Estoque de IED / Exportação de bens e serviços	Manteve em 100%	Estável (mau desempenho)
h) Gastos com P&D como proporção do PIB	Manteve em 0%	Estável (bom desempenho)
i) Pagamento de tecnologia / Gastos com P&D	De 0% a 10,96%	Deterioração (divisão por zero, impossível de calcular variação percentual)
j) Exportação de produtos intensivos em tecnologia / Exportação de manufaturados	De 3,27% para 46,85%	Deterioração de 1.332,72%
k) Dívida externa total / Exportação de bens e serviços	Manteve em 100%	Estável (mau desempenho)
l) Dívida com FMI / Dívida externa total	Manteve em 0%	Estável (bom desempenho)
m) Renda líquida / Exportação de bens e serviços	Manteve em 100%	Estável (mau desempenho)
n) Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público / Exportação de bens e serviços	De 55,07% a 57,59%	Estável (desempenho ambíguo)

Fonte: elaborado pelo autor.

Pela análise do quadro 3, fica patente que houve piora significativa no IVPT, apesar dos bons resultados nos indicadores relacionados à P&D. Isto é reflexo da desnacionalização da indústria no solo norte-americano e, também, de sua desindustrialização. Ademais, é de se notar a melhora no IVCO, muito em função do crescimento econômico e do protecionismo. Por fim, o desempenho do IVMF se manteve estável, em um patamar de baixo desempenho, mas, ao longo do período de análise, foram feitos esforços, como a coordenação em nível de G20 e G7 e as políticas monetárias do Fed, para que a taxa não se deteriorasse e retornasse ao patamar de 2008. A radiografia empreendida no IVE norte-americana feito até aqui é suficiente para atestar sua deterioração, todavia, uma comparação com os IVEs de seus principais competidores pode revelar um cenário mais preocupante aos EUA.

3.3 OS EUA E OS BRICS DE 2008 A 2019

Como discutido na introdução, a escolha da amostra de comparação entre EUA e BRICS não é arbitrária: na amostra, compara-se a potência do *status quo* na arena da economia mundial com as potências revisionistas desta mesma arena. O acrônimo BRIC surgiu em 2001 no ambiente do mercado financeiro, cunhado por Jim O'Neill, economista britânico que exercia, à época, a função de chefe de pesquisa em economia global do grupo financeiro Goldman Sachs. O'Neill viu um grande potencial de crescimento nestas quatro economias – Brasil, Rússia, Índia e China – pelos dez anos seguintes e que, logo, seriam atrativos para investimentos. Eram países com grandes populações e, assim, grandes mercados que apresentavam promissoras taxas de crescimento. Ademais, em dezembro daquele ano (2001), a China foi aceita na Organização Mundial do Comércio (OMC) iniciando um *boom* nos preços das *commodities*, fato que alavancou o crescimento industrial chinês e as exportações de países como Brasil, Rússia e Índia (Duggan; Azalia, 2020; Visentini, 2019).

Não obstante, o grupo de economias se sobressaía pela sua soberania na economia mundial. Enquanto as demais economias desenvolvidas ou emergentes mantinham laços econômicos ou militares – ou ambos – com os EUA, os quatro Estados do BRIC podiam empreender a política externa e macroeconômica que melhor lhes aprofundasse, seja com um caráter mais ortodoxo e liberal, seja com um caráter mais heterodoxo e desenvolvimentista (Duggan; Azalia, 2020; Visentini, 2019).

Neste período inicial, de 2001 a 2009, o acrônimo BRIC era sinônimo apenas de crescimento e de promessa de desenvolvimento, ou seja, não se apresentava como um bloco e muito menos como contendores da ordem internacional monetário-financeira construída pelos EUA. A situação, no entanto, mudou com a crise de 2008 e a subsequente perda de credibilidade

das instituições financeiras norte-americanas. O papel central do dólar estadunidense, o FMI e o BM como instrumentos do Tesouro Americano e a falta de uma coordenação mais democrática de políticas macroeconômicas foram os principais pontos de críticas da maioria das economias afetadas pela crise de 2008, mas, sobretudo, das economias emergentes do BRIC. A partir de 2009, no foro do G20, os quatro representantes do BRIC firmaram o compromisso de se reunirem anualmente com o objetivo de transformar o SMFI para um sistema mais democrático e inclusivo. A China, em seu projeto de diplomacia Sul-Sul, convidou a África do Sul a ingressar no bloco em 2010, consagrando a sigla que se conhece atualmente: BRICS5 (Duggan; Azalia, 2020; Visentini, 2019).

Não há dúvida, portanto, que, na arena da economia mundial, o BRICS representa a maior ameaça à supremacia dos EUA. Os objetivos principais do grupo são, justamente, relacionados às suas críticas após a crise de 2008: ampliar as cestas de moedas do comércio e das finanças internacionais, revisar as instituições financeiras internacionais para serem mais condizentes com o novo perfil da economia mundial e ampliar a coordenação de políticas macroeconômicas. Conquistar tais objetivos, entretanto, se tornou um desafio à parte, uma vez que o bloco não é tão coeso quanto aparenta. Diferentemente do G7, no qual os EUA têm um protagonismo explícito, o BRICS reúne cinco Estados soberanos que, muitas vezes, não têm interesses alinhados de coordenação política, apesar de a China tentar demonstrar um protagonismo frente ao bloco. Todavia, a soberania dos Estados que compõem o BRICS, conquanto uma fraqueza no momento de coordenar políticas, também é sua maior virtude, quando comparados com outras economias emergentes que, por exemplo, dependem econômica ou militarmente dos EUA, como a Coreia do Sul ou Taiwan (Duggan; Azalia, 2020; Visentini, 2019).

A falta de satisfação que o BRICS demonstra com o SMFI pós-1973 liderado pelos EUA, claramente, preocupa os tomadores de decisão norte-americanos. Do ponto de vista geopolítico e militar, como exposto na introdução, os cinco Estados são competidores naturais dos EUA por serem grandes Estados soberanos que podem almejar a hegemonia de sua região (Buzan; Waever, 2003; Mearsheimer, 2001). Do ponto de vista geoeconômico, o BRICS passou a ser uma ameaça considerável com o questionamento do SMFI e sua intenção de transformá-lo, após a crise de 2008 (Duggan; Azalia, 2020; Luttwak, 1990; Visentini, 2019).

⁵ Este trabalho foi escrito entre 2023 e 2024, durante um processo de aumento de membros pelo qual o bloco do BRICS passava. Arábia Saudita, Argentina, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã foram admitidos no bloco, em uma vitória diplomática da China ao aumentar o escopo da organização (Cunha; Peruffo, 2023). O bloco, contudo, não obteve a adesão de Argentina e Arábia Saudita (Dahan; Zhdannikov, 2024; Devana, 2023).

Neste sentido, a manutenção de um IVE inferior aos demais Estados do BRICS é de importância estratégica aos EUA. No entanto, pela análise da tabela 1 e do gráfico 1, este não é o caso. Apesar de os IVEs de todos os Estados sob estudo terem oscilado ao longo do período, a posição dos EUA se deteriorou com relação aos demais, inclusive com aqueles que apresentaram um balanço negativo após os 12 anos de análise. Isto ocorre, porque o IVE dos EUA, como explorado anteriormente, deteriorou-se em 64,11%, ou seja, de 10,03% a 16,46%. Com este IVE, os EUA terminaram 2019 com a China apresentando um desempenho geral superior. Porém, uma análise mais atenta, de maneira individual, revela mais fraquezas da economia norte-americana.

Com relação ao Brasil, apesar da deterioração do IVE brasileiro em 21,48%, de 18,25% a 22,17%, a diferença entre o IVE brasileiro e o IVE estadunidense se reduziu de 8,22 pontos percentuais, em 2008, para 5,71 pontos percentuais, em 2019, um decréscimo de 30,53%. A redução do intervalo dos IVEs, neste caso, significa uma deterioração relativa, haja vista que o IVE do Brasil supera o dos EUA em todo o período de análise. Ainda que o Brasil seja motivo de interesse estadunidense no continente sul-americano, contudo, o que ocorre é uma diminuição dos laços de Washington em direção à América do Sul e um aumento em direção ao leste asiático (Mendonça; Vigevani, 2017).

De 1989 a 2012, os fluxos comerciais e financeiros dos EUA com o Brasil se reduziram, abrindo espaço para um pragmatismo político e econômico no trato com o Estado sul-americano. A diplomacia ativa e ativa brasileira dos anos 2000 deu lugar a uma consecução de malogros diplomáticos na arena multilateral de 2011 em diante, como no G20 comercial e financeiro, na CELAC (Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos), na Rodada Doha da OMC e no acordo nuclear com o Irã. A despeito da diminuição de intervalo de IVE entre ambos os Estados, Washington empreendeu poucas estratégias para frear tal intervalo, haja vista que o Brasil obteve poucos sucessos nos contextos diplomático e econômico, reduzindo a percepção do país sul-americano como uma ameaça geopolítica e geoeconômica (Duggan; Azalia, 2020; Mendonça; Vigevani, 2017).

Com relação à Rússia ocorre processo semelhante ao do Brasil, porquanto, embora o país eurasiático tenha apresentado uma deterioração de seu IVE na ordem de 21,77%, de 15,71% a 19,13%, a diferença entre o IVE russo e o IVE estadunidense se reduziu de 5,68 pontos percentuais, em 2008, para 2,67 pontos percentuais, em 2019, um decréscimo de 52,99%. Igualmente ao caso brasileiro, a redução do intervalo dos IVEs significa uma deterioração relativa, uma vez que o IVE da Rússia supera o dos EUA em todo o período de análise. Washington se preocupa geopolítica e geoeconomicamente com a Rússia desde o fim da

Segunda Guerra Mundial, à época, uma potência maior em termos territoriais, militares e econômicos, ou seja, a então URSS (Mearsheimer, 2019; Visentini, 2020).

Mesmo com a dissolução do gigante soviético e o momento de unipolaridade que os EUA vivenciaram após 1991, a Rússia nunca foi integrada política e economicamente na ordem liberal internacional gerida por Washington. Embora as preocupações dos tomadores de decisão norte-americanos recaiam mais nos aspectos militares da Rússia, tendo em vista as intervenções russas na Geórgia em 2008, na Ucrânia em 2014 e na Síria em 2015, a Rússia coloca uma ameaça financeira aos EUA desde 2009. Após a crise financeira de 2008, o Banco Central Russo percebeu a fragilidade de seu balanço contábil e, assim, reduziu suas reservas de dólares de 47% para 41,5%, aumentando na mesma proporção as reservas de euro e ouro (Eichengreen, 2011). Fica claro o comprometimento de Moscou em mitigar a senhoriagem e o poder estrutural do dólar americano e reduzir o IVMF da Rússia. Sendo assim, estar economicamente melhor que o rival eurasiático é de suma importância a Washington, algo que, apesar da diminuição do intervalo entre seus IVEs, ocorreu no período de 2008 a 2019 (Mearsheimer, 2019; Visentini, 2020).

Com relação à Índia, a situação é, também, semelhante, porém ainda mais preocupante. Ainda que o IVE indiano tenha apresentado uma piora na ordem de 12,7%, de 15,83% a 17,84%, houve, no entanto, uma diminuição considerável da distância entre o IVE indiano e o norte-americano. Se em 2008 a distância entre ambos era de 5,8 pontos percentuais a favor dos EUA, em 2019, a distância era de apenas 1,38 ponto percentual a favor dos EUA, uma diminuição de distância de 76,21%.

A despeito deste aumento da deterioração relativa, os EUA não enxergam a Índia como um rival tão preocupante na Ásia quanto a China, por exemplo. Em realidade, de 2008 a 2019, Washington mudou sua postura de engajamento em relação à China para uma postura de contenção, *pari passu* ao aumento de seu engajamento junto à Índia. No período em análise, os EUA se tornaram o maior parceiro comercial e de investimentos da Índia, praticando, aparentemente, uma política de delegação (*buckpassing*). De fato, os EUA vêm investindo cada vez mais em infraestrutura, energia e telecomunicações na Índia. Entretanto, se há algo que a política de delegação ensinou no passado recente foi o sucesso no curto prazo, mas o malogro no longo prazo, quando o Estado delegado acaba por se tornar um competidor à altura do Estado delegador (Mearsheimer, 2001). Conquanto os EUA não se preocupem com a deterioração relativa de seu IVE para com a Índia por quererem balancear a China, a Índia se aproveita da situação de barganha (Visentini, 2019).

Com relação à China, a deterioração relativa dos EUA é, de longe, a mais acentuada. Não só o IVE chinês sempre foi inferior ao dos EUA como diminuiu ao longo do período,

aumentando ainda mais a distância entre ambos. O IVE da China obteve uma redução de 44,87%, de 5,46% a 3,01%, o que, por sua vez, representou um aumento da distância entre o IVE chinês e o norte-americano, de 4,57 pontos percentuais, em 2008, para 13,45 pontos percentuais, em 2019, um aumento na ordem de 194,31%. Diferentemente do caso indiano, não há dúvidas para Washington de que a China representa uma ameaça aos EUA no período em análise que, entretanto, se deveu a uma mudança de política externa durante a administração Obama. Após 1991, a política externa dos EUA em relação à China era de engajamento, construindo laços políticos, multilaterais e econômicos com Pequim até o momento em que a China se integrasse plenamente como uma democracia à ordem liberal internacional (Mearsheimer, 2019).

Contudo, após a crise de 2008 houve um aumento da interdependência econômica dos EUA, e de seus aliados, à China, revelando as vulnerabilidades que o IVE expressou neste trabalho, sobretudo, o aumento do déficit comercial que os EUA têm em relação à China (Mendes, 2017). A interdependência entre os dois colossos econômicos revela uma dependência dos EUA em consumo e baixa poupança, e uma dependência da China em investimentos e exportações, entrelaçando as duas economias em uma quimera *Chimérica*, nas palavras de Niall Ferguson (2009). Isto, além das preocupações securitárias de Washington, motivaram a administração Obama a mudar a estratégia de engajamento para uma estratégia de contenção à China, em outras palavras, um Pivô para Ásia (Mearsheimer, 2019). Desde então, a despeito do alto nível de interdependência entre as duas economias, ambos os Estados se acusam de espionagem industrial, comércio desleal na OMC, subvalorização cambial etc. (Mendes, 2017). Durante a administração Trump, a investida contra a China tomou um tom ainda mais agressivo, com o presidente norte-americano empreendendo uma guerra comercial e tecnológica contra a China, levantando barreiras protecionistas ao comércio com o país asiático (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020). Novamente, não há dúvida de que a China é o maior competidor dos EUA nas esferas comercial, produtivo-tecnológica e monetário-financeira, mas a interdependência entre ambos torna a competição interestatal um trabalho árduo para Washington (Mendes, 2017).

Finalmente, embora a África do Sul seja o elo fraco do BRICS, por apresentar o pior desempenho de IVE em todo o período analisado, a diminuição de seu IVE de 28,85% a 27,29%, somado ao aumento do IVE norte-americano, representou, mais uma vez, uma redução do intervalo entre os índices dos EUA e de mais um potencial rival seu na África. Neste caso, a diminuição foi na ordem de 5,4%, caindo da diferença entre ambos de 18,82 pontos percentuais, em 2008, para 10,83 pontos percentuais, em 2019. O nível de atividade comercial e de investimentos entre as duas economias é o menor do BRICS, e logo, não representam uma

preocupação aos EUA, tendo em vista, por exemplo, o grande intervalo de IVEs entre ambos. Todavia, a África do Sul já aplicou políticas antidumping, em 2010, contra importações de carne aviária dos EUA em uma tentativa de proteger seu mercado interno do comércio competitivo e, porventura, agressivo dos EUA. Em retaliação, o Congresso Americano ameaçou retirar a África do Sul da lista das economias africanas beneficiadas pelo *African Growth and Opportunity Act* (AGOA), legislação que facilita IED em economias africanas. Apesar do estranhamento inicial, a África do Sul decidiu por reabrir sua economia aos produtos norte-americanos em 2016 (Salie, 2016; Visentini, 2019).

Se na evolução do IVE dos EUA de 2008 a 2019 já foi possível verificar uma deterioração de sua posição em 64,11%, pelo exposto até aqui, ficou patente que sua posição relativa teve, igualmente, uma deterioração, dependendo do caso, maior ou menor. A Tabela 6 resume a piora do IVE dos EUA em relação às cinco economias dos BRICS.

Tabela 6 - Deterioração relativa do IVE dos EUA para com os BRICS

Economia dos BRICS	Diferença dos IVEs em 2008	Diferença dos IVEs em 2019	Aumento/diminuição do intervalo
Brasil	8,22 em favor dos EUA	5,71 em favor dos EUA	Diminuição de 30,53
Rússia	5,68 em favor dos EUA	2,67 em favor dos EUA	Diminuição de 52,99%
Índia	5,8 em favor dos EUA	1,38 em favor dos EUA	Diminuição de 76,21%
China	4,57 em favor da China	13,45 em favor da China	Aumento de 194,31%
África do Sul	18,82 em favor dos EUA	10,83 em favor dos EUA	Diminuição de 5,4%

Fonte: elaborado pelo autor.

Porém, é importante reiterar que a negligência estadunidense quanto a seu IVE, e ao IVE de seus competidores, não foi inteiramente proposital, tampouco despercebida. Como levantado anteriormente, as mudanças de IVE são condições necessárias, mas não suficientes para a transição de poder estrutural nas relações de poder da economia mundial. Apenas uma ruptura sistêmica, como uma guerra hegemônica, é capaz de alterar o poder estrutural que os EUA possuem nas finanças e no crédito internacional (Gilpin, 1981; 2002; Strange, 1994). Ademais, se não fossem pelas estratégias empregadas pelos EUA nas esferas comercial, produtivo-tecnológica e monetário-financeiro a deterioração do IVE norte-americano teria sido, eventualmente, ainda maior. O pouco sucesso em cada uma dessas três áreas revela nem tanto as fraquezas dos EUA, mas sim o fortalecimento de seus rivais e, logo, o aumento da multipolaridade e o fim do momento unipolar estadunidense (Mearsheimer, 2019).

Pela descrição do capítulo 3, atingiram-se três objetivos no raciocínio geral do trabalho: mostrar métodos e resultados do IVE, avaliar como o IVE varia a partir de políticas domésticas e mostrar como a comparação entre os IVEs de uma amostra é útil para qualificar fortalecimentos de posição ou, no caso dos EUA, piora do quadro econômico externo. Levando-se em conta a amostra de África do Sul, Brasil, China, Índia, EUA e Rússia, no período contido entre 2008 e 2019, na primeira seção, foi possível mostrar métodos, procedimentos e resultados do IVE. A partir dos dados brutos e da formulação dos índices, a seção segunda do capítulo elucidou como as políticas dos EUA de promoção da inovação, proteção de patentes, gastos públicos, protecionismo comercial, articulação no G7 e G20, *quantitative easing* e *tapering* variaram os indicadores macroeconômicos que mais oscilaram na composição de seu IVE. Finalmente, a partir disto, foi possível verificar, comparativamente aos demais IVEs em análise, como a situação dos EUA, no escopo da economia internacional, apresenta considerável deterioração.

4 AS ESTRATÉGIAS COMERCIAL, PRODUTIVO-TECNOLÓGICA E MONETÁRIO-FINANCEIRA DOS EUA DE 2008 A 2019

Toda teoria comportamental se preocupa em saber se os agentes que compõem o sistema teórico têm dois atributos: percepção e reação, isto é, se eles percebem as estruturas e restrições do sistema da mesma maneira, ou, pelo menos, de maneira aproximada, que a teoria as percebe e se eles reagem de maneira assumida como racional a partir destas percepções. No entanto, se os agentes fossem plenamente racionais, a teoria seria mais que capaz de apenas explicar fenômenos, seria capaz de prevê-los. Certamente, esse não é o caso das teorias comportamentais nas ciências sociais, porque mesmo que os agentes fossem racionais, não faltam exemplos na história de como Estados e empresas agiram de maneira insensata, segundo os cânones teóricos racionalistas (Tuchman, 1989).

Ademais, não é intenção deste trabalho formular uma teoria de EPI, mas verificar se o IVE é uma medida explicativa do poder dos Estados na economia mundial e, se afirmativo, a decorrência lógica seria que os Estados a percebessem e reagissem às suas mudanças, sempre buscando minimizá-lo¹. Sendo assim, neste capítulo, busca-se, na primeira seção, explicar como foram as reações dos EUA na esfera comercial, tendo como principal estratégia o uso de protecionismo. Na segunda seção, procura-se demonstrar como a política de proteção de patentes foi a principal reação estadunidense à precarização de seu IVPT, ainda que tenha sido infrutífera freá-la. A terceira seção tem por objetivo investigar como a estratégia de reação à variação do IVMF dos EUA foi composta por uma série de políticas domésticas e multilaterais ao longo do período de 2008 a 2019. Enfim, na quarta e última seção, faz-se um balanço das estratégias empregadas pelos EUA e quais foram, provavelmente, suas intenções e seus resultados no período em análise.

4.1 ESTRATÉGIA COMERCIAL NORTE-AMERICANA: PROTECIONISMO

Dos três índices que compõem o IVE dos EUA, o IVCO, como visto no capítulo anterior, foi o único que obteve um desempenho satisfatório, minimizando sua vulnerabilidade em 61,47%. Novamente, a melhor maneira de minimizar os índices de vulnerabilidade, qualquer que seja, é melhorar o desempenho dos elementos que compõem cada índice. Nesse sentido, dos cinco indicadores que perfazem o IVCO, os EUA tiveram desempenho excelente, ou seja, o melhor ou segundo melhor da amostra, em três Graus: Grau de abertura comercial

¹ Enfatiza-se, no entanto, que este trabalho não se propôs a fazer uma análise de sensibilidade.

(ou Exportação de bens e serviços / PIB), Índice de concentração das exportações (ou índice de Herfindahl-Hirschmann) e Grau de proteção da atividade econômica (ou Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI] / Importação de bens e serviços).

Com relação ao Grau de abertura comercial, o bom desempenho norte-americano se deveu mais pela recuperação do crescimento econômico do que pela diminuição das exportações. Claramente, uma política de Estado de qualquer nação está mais preocupada em aumentar a atividade econômica do que em reter as exportações. Desta forma, a preocupação dos tomadores de decisão em manter este indicador baixo se deve mais pelo receio de a economia nacional se tornar dependente da atividade econômica externa e de possíveis potências adversárias. Portanto, a perseguição de sucessivos aumentos no PIB não se configura exatamente em uma estratégia de EPI, mas em uma resposta ao imperativo macroeconômico e uma urgência política, haja vista que os governos incumbentes se sustentaram a partir de bons resultados na economia. Reitera-se, o tamanho do PIB é muito importante como uma variável em nível sistêmico, uma vez que toda Grande Potência tem uma grande economia, mas as medidas para aumentar o PIB de uma economia dependem de políticas mais domésticas que externas.

Com relação ao Índice de concentração das exportações, os EUA demonstraram o melhor desempenho da amostra ao longo da série histórica consultada, sendo somente ultrapassado pela China a partir de 2016, mas, ainda assim, mantendo o índice abaixo de 3%. Tal índice observa o quão concentrado as exportações de uma economia são em relação ao número de empresas que exportam, revelando, assim, se tal economia é dependente de poucas empresas para exportar. Neste quesito, não houve políticas orientadas para melhorar este indicador, uma vez que sua performance foi muito boa, piorando apenas a partir de 2016 não por fatores internos, mas pela reação da China. Entretanto, a distância entre os indicadores norte-americano e chinês não deveria ser motivo de alarme em Washington por ser, justamente, pequena.

Com relação ao Grau de proteção da atividade econômica, a performance estadunidense demonstrou considerável melhora, responsável por reforçar a tendência de queda do IVCO. Neste sentido, é neste indicador que jaz a verdadeira estratégia de EPI que reforçou a melhora estadunidense na esfera comercial. Dos coeficientes que perfazem o indicador, as reservas internacionais se mantiveram estáveis e, na verdade, não são motivo de alarde para Washington, devido à capacidade quase irrestrita do Fed de emitir dólares. Porém, as importações têm sido uma preocupação norte-americana desde a financeirização da economia dos EUA nos anos 1980, aumentando ano após ano, devido à desindustrialização do país. Tendo em vista esta percepção, Donald Trump empreendeu uma estratégia comercial defensiva de longo prazo com

características tanto direcionadas quanto estruturais, a partir de 2018. Em uma palavra, esta estratégia era o protecionismo (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

Tratou-se de uma estratégia comercial, porque visava diminuir um indicador desta esfera, mediante a diminuição das importações; de uma estratégia defensiva, porque tende a proteger a indústria doméstica e não atacar indústrias estrangeiras; de longo prazo, porque a estratégia se manteve por mais tempo, não só para atingir objetivos imediatos de variação de um coeficiente, mas para atingir objetivos de transformação; e, por fim, foi uma estratégia com características mistas direcionada e estrutural, porque, havia tarifas que se aplicavam a qualquer importação, mas a maioria se aplicava, especificamente, à China. Isto se deve não somente à disputa política e militar que existe entre EUA e China, mas muito em função da interdependência econômica que há entre ambos, sendo o déficit comercial norte-americano com a China, de longe, o maior entre os parceiros econômicos dos EUA (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

A partir de janeiro de 2018, a administração Trump passou a taxar uma grande quantidade de produtos que importava da China, como alumínio, aço, painéis solares, satélites, armamentos, produtos médicos, baterias, peças de aeronaves, eletrodomésticos, eletroeletrônicos etc. A China, por outro lado, respondeu às medidas escalando a guerra comercial, taxando vários produtos dos EUA, como alumínio, aeronaves, automóveis, carne suína e, principalmente, soja. Em seguida, a taxação, de ambos os lados, passou a ser em percentuais, normalmente de 25%, em valores arbitrários de importação. As taxas, até dezembro de 2019, chegaram a cobrir dois terços de produtos chineses importados pelos EUA e um terço de produtos norte-americanos importados pela China. Uma medida adicional à proteção da indústria norte-americana foi a reformulação do Nafta (*North-American Free Trade Agreement*), em novembro de 2018, em um novo acordo de livre comércio que beneficiasse o comércio regional entre as três economias em detrimento da China (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

A estratégia, apesar de bem-sucedida em reduzir as importações, suscitou efeitos ambíguos na economia doméstica dos EUA. Por um lado, postos de trabalho na indústria manufatureira voltaram a crescer, mas, por outro lado, produtores rurais enfrentaram dificuldades ou, muitas vezes, a bancarrota, mesmo com auxílio financeiro do governo (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020). Entretanto, com tal medida arriscada foi possível diminuir a dependência norte-americana em relação às importações e, por consequência, o IVCO.

A despeito da boa performance destes três indicadores na esfera comercial, os EUA apresentaram um desempenho mediano nos dois outros indicadores: Grau de integração na economia mundial (ou Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e

serviços – Crescimento do PIB real) e Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens. Conquanto a estratégia protecionista de Trump tenha reduzido as importações dos EUA no biênio 2018-2019, não foi o suficiente para reduzir o indicador do grau de integração na economia mundial, o que representa a dependência norte-americana do crescimento do comércio internacional para o crescimento de seu PIB. Ademais, o baixo resultado do indicador de Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens significa que os EUA há muito tempo não são mais a potência exportadora que foram no século XX.

A estratégia do protecionismo no âmbito da EPI fica clara como uma providência de substituir importações. No âmbito das RI, os EUA parecem estar balanceando (*balancing*) a China (Mearsheimer, 2001), tentando recuperar seu parque industrial e prejudicar a economia chinesa ao mesmo tempo, em um movimento amplo de dissuasão (*deterrence*) (Martins, 2020). No período em análise, isto fica ainda mais claro como um movimento de abandono do engajamento (*engagement*) em relação à China, cortando comércio e investimentos (Resnick, 2001; Martins, 2020; Mearsheimer, 2019), e de adoção da contenção (*containment*) em relação à China, aos moldes da disputa entre EUA e URSS durante a Guerra Fria (Mearsheimer, 2019).

4.2 ESTRATÉGIA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA NORTE-AMERICANA: PROTEÇÃO DE PATENTES

Dos três índices que compõem o IVE dos EUA, o IVPT, como visto no capítulo anterior, foi o índice que apresentou o pior resultado, deteriorando-se em 64,07%. Ao se realizar uma radiografia na série histórica no IVPT dos EUA, o desempenho dos indicadores norte-americanos são abissais entre uns e outros: dois são quase sempre os piores da amostra ao longo da série histórica, Grau de desnacionalização econômica (ou Estoque de IED / PIB) e Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo (ou Estoque de IED / Exportação de bens e serviços); dois são quase sempre os melhores da amostra ao longo da série histórica, Gastos com P&D como proporção do PIB e Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior (Pagamento de tecnologia / Gastos com P&D); e, enfim, Influência da tecnologia no padrão de comércio (ou Exportação de produtos intensivos em tecnologia / Exportação de manufaturados) apresentou desempenho mediano.

Como já explorado anteriormente, a deterioração dos indicadores Grau de desnacionalização econômica e Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo resultaram, em larga medida, no aumento do estoque de IED na economia dos EUA, com expressiva participação chinesa. A negligência em relação a este

coeficiente de desnacionalização da economia norte-americana ocorreu devido ao contexto da crise de 2008, quando a atração de investimento era necessária para a retomada do crescimento (Stiglitz, 2010). No contexto da guerra comercial empreendida por Trump, houve uma tentativa de taxar os investimentos chineses nos EUA e de pôr a empresa chinesa Huawei em investigação sob suspeita de espionagem. Porém, tais medidas não surtiram efeito sobre o estoque de IED no biênio de 2018-2019 (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

Por outro lado, os indicadores de Gastos com P&D como proporção do PIB e de Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior apresentaram excelente desempenho, demonstrando a preocupação tradicional dos EUA em estarem sempre na fronteira tecnológica. Para tanto, algumas condições precisam ser atendidas, as quais Washington faz questão de realizar: promover um ambiente institucional para que as firmas norte-americanas reajam de maneira schumpeteriana à inovação; investir, muitas vezes a fundo perdido, em P&D de indústrias nascentes e proteger patentes, direitos autorais e propriedade intelectual em geral (Costa, 2017).

Estas políticas foram adotadas independentemente de governo. Com relação à criação do ambiente institucional e do investimento em P&D, tratou-se de medidas de caráter interno. Mas a proteção de patentes foi, de fato, uma estratégia de EPI. Tratou-se de uma estratégia produtivo-tecnológica, ofensiva, estrutural e de longo prazo. Foi produtivo-tecnológica, porque objetivava manter os coeficientes de gastos com P&D, um coeficiente da esfera produtivo-tecnológica; foi, também, ofensiva, porque foi necessário um esforço diplomático para coibir e tolher a espionagem industrial e a pirataria tecnológica; foi ainda estrutural, porque buscou estender a proteção de patentes ao maior número possível de Estados que aderissem à ofensiva diplomática de Washington; por fim, foi de longo prazo, porque objetivava perdurar por vários anos (Costa, 2017).

Já em 2009, a administração Obama promoveu o TPP para proteger patentes das mais variadas na indústria, integrando economias da América do Norte, como México e Canadá, e Leste Asiático, como Japão, Singapura, Vietnã, Austrália e Nova Zelândia. A exclusão da China parecia, à época, provocar uma intimidação, uma vez que, sabendo que o Estado asiático não cumpriria as exigências do acordo, uma exclusão poderia forçá-lo a mudar de atitude para participar da cooperação intrarregional (Mendonça; Lima, 2017; Menezes, 2017). Embora o acordo do TPP tenha entrado em vigor em 2015, a administração Trump, logo no início de 2017, retirou-se do tratado, preferindo uma abordagem prioritariamente direcionada à China na proteção da indústria norte-americana, dando início, assim, à guerra comercial e tecnológica (Fajgelbaum; Khandelwal, 2020).

Uma ofensiva diplomática ainda mais ousada foi o ACTA, de 2010, que tentava reunir uma gama ainda maior de Estados, não só do Leste Asiático, mas também da União Europeia. Como o próprio nome do tratado já anuncia, trata-se de um acordo de antifalsificação (*anti-counterfeiting*), ou seja, de proteção de direitos autorais e patentes. Todavia, o tratado teve poucas ratificações até 2019, estando em negociações desde 2011 (Mendonça; Lima, 2017; Menezes, 2017).

Entretanto, se, por um lado, dois indicadores tiveram desempenho desfavorável e, por outro lado, outros dois indicadores tiveram desempenho ótimo, o último indicador do IVPT foi a variável de ajuste para a deterioração geral do índice. Certamente, o indicador de Influência da tecnologia no padrão de comércio teve uma deterioração de 143,27%, evidenciando como a pauta exportadora estadunidense se reprimarizou, e como o montante das exportações encolheu.

A estratégia de proteção de patentes no âmbito da EPI, claramente, serviu de medida de manutenção dos gastos em P&D, mas negligenciou os demais aspectos de estoque de IED e de pauta de exportação. Não se pode avaliá-la como uma estratégia ineficiente, mas, com algum grau de confiança, ineficaz. Longe de não estarem sensíveis a esses resultados, Washington fez escolhas compatíveis com estes resultados: negligenciar o estoque de IED e a diversidade da pauta exportadora em troca de estimular o crescimento. No âmbito das RI, os EUA, novamente, parecem estar balanceando (*balancing*) a China (Mearsheimer, 2001). Porém, desta vez, em um movimento estrito de intimidação (*compellence*) (Martins, 2020; Scheling, 1966). Mais uma vez, tal diplomacia vai em direção à contenção (*containment*) da China (Mearsheimer, 2019), em vez do engajamento (*engagement*) à China (Resnick, 2001; Martins, 2020; Mearsheimer, 2019).

4.3 ESTRATÉGIAS MONETÁRIO-FINANCEIRAS NORTE-AMERICANAS: G20, G7, QUANTITATIVE EASING E TAPERING

Finalmente, o IVMF foi um índice *sui generis* na série história dos EUA por dois motivos. O primeiro é que o resultado geral do IVMF revela uma fragilidade da proposta de Gonçalves (2005), haja vista que o IVMF norte-americano foi o pior entre todos na amostra ao longo de todo o período, e, mesmo assim, o dólar americano não parece ter tido sua senhoriagem ameaçada². Nesse sentido, tal fato reforça a noção de que há características estruturais que superam a mensuração de indicadores macroeconômicos (Strange, 1994).

² É importante, no entanto, destacar já há uma ampla discussão, desde a crise de 2008, de um processo de desdolarização do SMFI. Eichengreen (2011) e Cohen (2015; 2019) são alguns dos autores a apontar nesta direção, mas enfatizam que tal processo ainda estava recém-iniciando.

O segundo motivo nesse quesito é que o IVMF teve uma variação mínima de 63,77% a 64,4%, mantendo-se dentro de uma margem considerada estável. Entretanto, o pequeno salto do índice não ocorreu sem solavancos e foram necessárias medidas e estratégias para que o índice, pelo menos, retornasse a um patamar parecido com o de 2008. Do período de 2009 a 2014, o IVMF dos EUA permaneceu acima de 70%, com os indicadores de Desequilíbrio de estoque (ou Dívida externa total / Exportação de bens e serviços) e de Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo (ou Renda líquida / Exportação de bens e serviços) apresentando um desempenho muito negativo – praticamente 100% ao longo de todo o período. O mau resultado no Desequilíbrio de estoque mostra o descontrole da dívida externa dos EUA somado a um baixo montante de exportações, enquanto o resultado desfavorável na Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo mostra mais a baixa monta de exportação do que a absorção de receita.

A despeito da má performance nestes dois indicadores, os EUA desempenharam a melhor conduta no indicador de Dependência dos recursos do FMI (ou Dívida com FMI / Dívida externa total), uma vez que tal instituição é, praticamente, controlada pelo Tesouro Americano (Gonçalves, 2005). Por fim, a variável de ajuste para a oscilação do IVMF coube ao indicador de Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa (ou Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público / Exportação de bens e serviços), ou seja, ao controle da dívida pública norte-americana. A variação geral deste indicador, ao longo dos 12 anos, ficou entre 55,07% e 57,59%. Porém, apresentando um forte salto no período entre 2009 e 2014, período no qual o IVMF apresentou a pior performance, justamente quando o Fed e o Tesouro Americano tentavam contornar as implicações da crise de 2008 (Arienti, 2017).

Neste intuito, a principal estratégia norte-americana para controlar seu IVMF foi utilizar instrumentos de política monetária. Contudo, como a experiência norte-americana já provou no passado, realizar operações monetárias unilaterais podem gerar problemas imprevistos no BP, como quando a diplomacia do dólar forte de 1979 a 1984 aumentou o déficit comercial norte-americano e, assim, o déficit em Transações Correntes dos EUA. A solução no passado foi a de coordenar políticas macroeconômicas com seus principais parceiros comerciais industrializados, isto é, o G7. No entanto, desta vez, a crise havia prejudicado mais, justamente, as economias do G7, enquanto as economias emergentes desfrutavam de bons indicadores macroeconômicos, tais como, nível elevado de reservas internacionais, crescimento a despeito da crise, controle do déficit público, capacidade de investimento etc. Desta forma, manter a mobilidade de capitais internacionais não dependia, à época, das economias desenvolvidas da América do Norte, Europa e Japão, mas de uma gama maior de economias, sobretudo, emergentes (Duggan; Azalia, 2020).

Com este intuito, os EUA e seus parceiros econômicos do G7 se utilizaram do G20, grupo composto pelas dezenove maiores economias do mundo³ mais a União Europeia, para coordenar políticas macroeconômicas e manter o controle sobre o movimento de capitais internacionais em momentos de crise. Todavia, longe de ser uma atitude benevolente dos EUA, esta concessão de poder foi um ato de forte reação por parte dos tomadores de decisão em Washington. O G20, neste contexto, não foi criado do nada, mas ressignificado, uma vez que a instituição já existia desde 1999 para gerir crises cambiais e financeiras, mas com um escopo de atuação muito mais limitado. A partir de 2008, com a crise financeira global, os EUA e as demais economias do G7 passaram a cooperar ativamente com as economias emergentes da América Latina e da Ásia. Um gesto claro nesta direção foi a extensão de associação, em 2009, do *Financial Stability Forum* a todos os membros do G20, renomeando-se para *Financial Stability Board* (Armijo; Katada, 2015). Pelo lado das economias emergentes, havia a promessa de que, enfim, as instituições financeiras globais seriam reformadas e democratizadas, além de, naturalmente, a retomada do crescimento econômico em nível mundial. Em troca, as economias emergentes disponibilizaram crédito ao FMI e às economias desenvolvidas e adotaram políticas macroeconômicas de maneira coordenada (Duggan; Azalia, 2020).

Neste sentido, a união de políticas monetárias e de coordenação multilateral foi uma estratégia eficaz para cumprir três funções aos EUA: controle da despesa pública, manutenção da senhoriagem do dólar e conservação de outros indicadores macroeconômicos. Porém, este movimento, ao longo do tempo, inverteu o sentido. De 2009 a 2012, a política monetária do Fed foi expansionista, tendendo as taxas de juros a zero, ampliando o crédito e deteriorando as contas públicas, em um movimento chamado de *quantitative easing*. No mesmo período, para que o movimento arriscado fosse bem-sucedido, os EUA ampliaram o escopo da governança econômico global no G20 e concederam poder às economias emergentes (Arienti, 2017; Duggan; Azalia, 2020).

Neste ínterim, a preocupação maior era em recuperar as economias atlânticas dos EUA e da Europa, haja vista que o comércio e o IED pelo atlântico norte ainda são os maiores do mundo. Ademais, os EUA mantêm laços de interdependência econômica muito sensíveis com a Europa para negligenciar a saúde financeira dos parceiros atlânticos, como ter um déficit comercial de US\$ 7 bilhões na Conta Corrente com a União Europeia, em 2012. Pelo lado europeu, sobretudo, Alemanha, França e Itália, desejam maior integração econômica com os EUA, além de ansiarem maior gestão conjunta de contendas internacionais, como no trato com

³ Grupo é composto por África do Sul, Alemanha, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Brasil, Canadá, China, Coreia do Sul, EUA, França, Índia, Indonésia, Itália, México, Japão, Reino Unido, Rússia e Turquia, mais a União Europeia.

as ambições nucleares do Irã, o combate ao terrorismo, intervenções militares etc. Muitos destes anseios se traduzem no *Transatlantic Trade and Investment Partnership* (TTIP), um acordo que aumentaria não somente o livre comércio atlântico, mas, sobretudo, a integração entre os dois colossos econômicos, demonstrando como a Europa precisa dos EUA, e vice-versa (Guapo Costa; Lorenço, 2017).

Sendo assim, quando a Europa havia se recuperado da crise da dívida em meados de 2012, lentamente, a estratégia norte-americana mudou de sentido, ou seja, restringiu o crédito e esvaziou o G20. A partir de junho de 2013, Ben Bernanke, presidente do Fed, anunciou que adotaria uma política de *tapering*, isto é, aumentou as taxas de juros e contraiu o crédito para reduzir o déficit público e retomar a posição do dólar como moeda forte após os últimos quatro anos de crédito barato e crescimento baixo. Praticamente no mesmo período, o G20 passou a ser paulatinamente esvaziado pelos EUA e pelas demais economias do G7, transformando o foro em mais um encontro multilateral com escopo limitado. Desta forma, EUA conseguiram retomar o *status quo ante* do SMFI, retornando à cooperação macroeconômica entre as economias do G7, excluindo as economias emergentes (Arienti, 2017; Duggan; Azalia, 2020).

A estratégia, em linhas gerais, foi exitosa, porque conseguiu cumprir com suas funções de controle da despesa pública, de manutenção da senhoriação do dólar e de conservação de outros indicadores macroeconômicos. Isto se evidencia pela estabilidade do IVMF norte-americano, pela conservação do dólar como a moeda líder do SMFI – ainda que crescentemente desafiada – e o retorno do G7 como principal foro de governança econômica. Contudo, tais resultados não foram possíveis sem um custo considerável. A maioria das economias emergentes foi, inequivocamente, ludibriada com a promessa de reforma das instituições financeiras, mas a China soube particularmente aproveitar o momento de vulnerabilidade e de concessão dos EUA. Em 2015, o FMI declarou que o renminbi tinha os critérios necessários para ser incluída na cesta de moedas do DES e aceitou a proposta chinesa de inclusão, um passo importante em direção da internacionalização da moeda chinesa (Duggan; Azalia, 2020).

Portanto, a combinação de políticas monetárias e tratativas multilaterais se constituiu em uma estratégia monetário-financeira, defensiva, estrutural e de curto prazo. Foi uma estratégia monetário-financeira, porque se utilizou de instrumentos típicos de política monetária e de coordenação de políticas monetárias multilaterais; foi, além disso, defensiva, porque houve uma concessão de poder às economias emergentes em uma atitude reativa; foi ainda de curto prazo, porque as políticas sempre buscaram solucionar problemas pontuais; finalmente, foi estrutural, porque os EUA fizeram uso de seu poder estrutural sobre o crédito e as finanças internacionais ao manipular sua moeda e, também, porque o G20 ampliou o escopo da governança econômica global.

Tal estratégia monetário-financeira, no âmbito da EPI, cumpriu seu objetivo de reduzir o patamar do indicador de Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa, pelo menos, aos níveis pré-2009. A estratégia, além disto, logrou manter a senhoriagem do dólar ao mesmo tempo que não negligenciava outros indicadores importantes nas áreas comercial e produtivo-tecnológica. No âmbito das RI, a estratégia poderia ser classificada como uma concessão de poder (*appeasement*), tendo em vista a ampliação do escopo da governança econômica global. Estratégias de concessão de poder são perigosas ao Estado que concede e sempre leva um custo indesejável ao cedente (Mearsheimer, 2001). Neste caso, as economias do G7 souberam o momento oportuno de esvaziar o G20 e frustrar as expectativas das economias emergentes. Todavia, a China soube, igualmente, aproveitar o momento de fraqueza das economias desenvolvidas e acumular poder em seu benefício, fortalecendo o processo de internacionalização do renminbi (Duggan; Azalia, 2020). Ademais, muito provavelmente, a China não se acomodará com a situação que lhe foi concedida e, muito provavelmente, buscará mais poder (Mearsheimer, 2001; Mearsheimer, 2019).

4.4 UM BALANÇO DAS ESTRATÉGIAS ESTADUNIDENSES: RESULTADOS NO IVE E NA ESTRUTURA

Retomando a pergunta inicial do capítulo, pode-se inferir que os EUA, de fato, perceberam a piora de alguns de seus indicadores, porque são, realmente, indicadores preciosos para os tomadores de decisão em Washington, como o Secretário do Tesouro, o presidente do Fed ou mesmo o próprio presidente da república, apreensivos com o crescimento da economia, com o tamanho do estoque das dívidas interna e externa etc. Porém, de certa forma, alguns indicadores parecem ter sido negligenciados seja por implicarem custos de transação significativos, seja por serem indicadores inferiores ao poder estrutural que os EUA detêm. Por um lado, quando Washington permitiu um acúmulo de estoque de IED em seu território, fez um cálculo de custo-benefício a partir de um dilema (*trade-off*), sabendo que poderia atingir níveis maiores de PIB e, assim, melhorar indicadores em mais de uma esfera. Por outro lado, Washington também sabia que os indicadores da esfera monetário-financeira poderiam ser negligenciados, contanto que seu poder estrutural sobre o crédito e as finanças permanecesse (Strange, 1994).

Quadro 4 - Balanço das estratégias estadunidenses

Estratégia	Objetivo	Intenção	Direção	Duração	Resultado econômico	Resultado político
Protecionismo	Comercial	Defensiva	Direcionado e estrutural	Longo prazo	Diminuição do IVCO, mediante redução das importações	Guerra comercial e contenção da China
Proteção de patentes	Produtivo-tecnológica	Ofensiva	Estrutural	Longo prazo	Deterioração do IVPT, mas manutenção da liderança em P&D	Guerra tecnológica e contenção da China
Quantitative easing + G20 / Tapering + G7	Monetário-financeira	Defensiva	Estrutural	Curto prazo	Manutenção do IVMF e da senhoriagem do dólar	Concessão de poder e ascensão da China

Fonte: elaborado pelo autor.

O Quadro 4 resume as principais estratégias empregadas pelos EUA no período de 2008 a 2019, tendo por base as esferas da EPI propostas por Gonçalves (2005). As estratégias tiveram um impacto claro nos indicadores do IVE norte-americano, mas tiveram um impacto ambíguo nas características do poder estrutural dos EUA. Antes de 2008, os EUA acumulavam um poder estrutural sobre o crédito, a segurança e o conhecimento que lhes assegurava uma posição de liderança no SI e na economia mundial. Sendo assim, pode-se imaginar que até 2006, os EUA eram:

- a) o único polo do SI;
- b) uma hegemonia liberal;
- c) líder de um SMFI estável;
- d) e o centro da DIT, em função do SMFI estar centrado no dólar e nas instituições financeiras dos EUA, a despeito da fragilidade de seu parque industrial e da competitividade questionável de suas empresas exportadoras.

Estes quatro elementos, em 12 anos, foram colocados em xeque. As fragilidades dos EUA no SMFI e na DIT expuseram o fim da unipolaridade e da hegemonia liberal dos EUA. Nesta análise, pode-se separar as esferas de Gonçalves (2005), em dois níveis estruturais: a esfera comercial e a esfera produtivo-tecnológica podem ser agrupadas na DIT, uma clivagem da economia mundial que classifica quem produz o que para quem, enquanto a esfera monetário-financeira pode ser associada ao SMFI. De 2008 a 2019, as transformações políticas nestas duas estruturas que constituem a economia mundial e a atuação dos Estados nela podem ser resumidas como um aumento da multipolaridade, com a ascensão do BRICS, embora a

posição estadunidense ainda permaneça como de Grande Potência, de longe, a mais poderosa (Mearsheimer, 2019).

Apenas pela análise dos índices no capítulo 3 já foi possível verificar esta conclusão. Porém, aprofundando a discussão, podem-se destacar mudanças no equilíbrio de poder do SI por meio de tais transformações políticas estruturais. Em nível sistêmico, no âmbito propriamente das RI, percebe-se uma mudança de um sistema pretensamente unipolar, que se organizou desde 1991, para um sistema multipolar. Mearsheimer (2019), por exemplo, alerta para o fim do momento unipolar e a decadência da ordem internacional liberal a partir de 2005, quando os EUA não conseguiram apaziguar o Iraque e transformá-lo em uma democracia e, principalmente, a partir de 2008, quando da crise financeira global. Os dois eventos demonstraram a fragilidade do discurso liberal norte-americano, tanto em termos políticos quanto em termos econômicos (Mearsheimer, 2019).

De fato, a partir de 2008, a ordem liberal construída pelos EUA nos dezessete anos anteriores começou a ruir lentamente e, no período de 2008 a 2019, a variação dos índices de vulnerabilidade, as estratégias ambíguas e nem sempre eficazes e a ascensão de concorrentes apontaram como isso é real. Reitera-se, os EUA ainda despontam como uma Grande Potência, mas sua ordem parece perder força. Antes do período iniciado em 2008, os EUA e seus aliados acreditavam que poderiam controlar a economia mundial por meio de uma série de instituições, como a OMC para regular a DIT; o G7, o FMI, o BM e, claro, o Fed para regular o SMFI. Cada uma destas instituições, com exceção do Fed, passou por um processo de reforma que pôs a posição unipolar dos EUA em xeque (Mearsheimer, 2019).

Desde a entrada da China, em dezembro de 2001, na OMC, a DIT se reorganizou em grau e velocidade impressionantes. Rapidamente, a China se tornou na economia mais industrializada do mundo até 2019 e passou a investir, inclusive, nos EUA, acelerando o processo de desnacionalização da indústria norte-americana, observado no capítulo anterior. Com a chegada de Donald Trump à presidência dos EUA, a guerra comercial e tecnológica entre EUA e China, tanto em termos do comércio de bens e serviços quanto da proteção de patentes, revelou a deterioração da posição norte-americana na DIT e como suas reações agressivas de reversão quase puseram o sistema multilateral da OMC abaixo (Mearsheimer, 2019).

Com relação ao SMFI, a trajetória do dólar americano evidencia o curso da construção, e posterior ruína, da ordem liberal internacional e, por consequência, do aumento da multipolaridade no SI. Nas palavras de Eichengreen (2003, p. 2), “[o] sistema monetário e financeiro internacional evoluiu de forma incremental desde o padrão-ouro até o padrão câmbio-ouro, e daí ao padrão de Bretton Woods do sistema dólar-ouro, até ao ‘não-sistema’

pós-Bretton Woods de agora”. A transição do SBW para o não sistema pós-BW de agora revela as sementes nas quais a crise de 2008 surgiu e o contexto no qual a DIT e o SMFI se entrelaçavam no período de 2008 a 2019.

Com o fim do SBW, os movimentos de valorização e desvalorização do dólar, desde 1971, sugerem a tentativa de reafirmação da hegemonia norte-americana. Após as sucessivas desvalorizações do dólar e das sucessivas tentativas malogradas de coordenar políticas macroeconômicas para salvar o SMFI, a partir de 1979, o Fed passou a praticar uma política de dólar forte, elevando as taxas de juros acima de 20%. A atração de capital e a perda de competitividade da indústria norte-americana levaram os EUA a forçar seus parceiros do G7 a valorizarem suas moedas do mesmo modo, durante os acordos do Plaza, de setembro de 1985, e do Louvre, de fevereiro de 1987. O fim do SBW e o início de um arranjo Fed-G7 só seria possível com um aumento da desregulamentação nos mercados de capitais internacionais. Isso foi possível com os governos neoliberais, dos dois lados do Atlântico, de Ronald Reagan nos EUA e de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha. A desregulamentação dos principais mercados começou em outubro de 1986, na city londrina, evento conhecido como Big Bang (Tavares; Melin, 1997).

Logo, o fenômeno da desregulamentação atingiu as demais economias do G7, inclusive o Japão, quando do contexto da desvalorização do dólar de 1985-1989, começou a relocalizar sua produção e desregulamentar o mercado financeiro, aproveitando o iene forte. Porém, a partir de 1989 a coordenação pactuada formal do G7 se encerra, quando os EUA afrouxaram sua política monetária de maneira unilateral, fato que impactou várias economias que recentemente se abriram para o fluxo internacional de capitais, como o Japão, a Europa e as economias emergentes (Tavares; Melin, 1997). Nas palavras de Tavares e Melin (1997, p. 62):

1989 marca o início da coordenação hegemônica informal, à margem da atuação das agências multilaterais. O FED convoca reuniões de emergência dos principais banqueiros centrais nas grandes crises cambiais e bancárias (Europa, 1992; México, 1994; e Japão 1995) e vem monitorando a flutuação global do dólar frente às principais moedas internacionais. A presença “obrigatória” do dólar em ao menos uma das pontas de todas as operações de securitização e arbitragem nos principais mercados de derivativos cambiais afirma definitivamente a posição dominante da moeda americana nos mercados financeiros globalizados.

Entre 1995 e 1996, entretanto, o Fed reverteu sua tendência de desvalorização em relação a algumas moedas, agindo de maneira conjunta a outros bancos centrais para salvar a economia de aliados estratégicos. Este foi o caso do Japão, no qual, após dez anos de iene supervalorizado e bolhas financeiras, o Fed auxiliou na desvalorização do iene enquanto fortalecia o dólar (Tavares; Melin, 1997). O comportamento do Fed, de meados da década de

1980 ao estouro da bolha das ponto-com em 2000, foi bem capturado pela Regra de Taylor (Eichengreen, 2011). De acordo com Eichengreen (2011, p. 111, tradução própria)⁴:

[...] a Regra de Taylor era uma relação estilizada que ligava a principal alavanca política do banco central, a taxa de juro a que os bancos emprestam uns aos outros, conhecida como taxa de fundos federais, aos seus principais objetivos políticos: a inflação e o nível de recursos ociosos. A Regra de Taylor tinha feito um bom trabalho ao captar a reação do Fed às mudanças nas pressões inflacionárias e nos ciclos económicos desde meados da década de 1980 até o final da década de 1990. Continuou a acompanhar a política após a virada do século. Quando a bolha tecnológica rebentou em 2000, provocando o aumento do desemprego e a diminuição da inflação, a Regra de Taylor apontou para a necessidade de cortar as taxas. Ao longo de 2001, a taxa dos fundos federais foi reduzida de 6,25% para 1,75%, em linha com as suas previsões.

Eichengreen (2011) sugere que, no entanto, a regra foi quebrada a partir de 2002, quando era momento de elevar novamente as taxas de juros. Neste momento, após os atentados de 11 de setembro de 2001 e a Guerra do Iraque em 2003, Alan Greenspan, presidente do Fed, julgou que era preciso fazer novos cortes, deixando as taxas de juros próximas de 1%. Greenspan e seus colegas, todavia, temiam que a economia norte-americana caísse na armadilha de liquidez que, por exemplo, a economia japonesa caíra, e, portanto, era preciso subir as altas taxas de juros em 2007 (Eichengreen, 2011).

Da transição do SBW para o não sistema pós-BW, o elemento da construção da ordem liberal pelos EUA é central para se entender o estopim da crise de 2008 e o período de turbulência de 2008 a 2019. As manobras monetárias que o Fed fez a partir de 1979, com ou sem a ajuda do G7, não levaram em conta dois aspectos centrais: o aumento da liberalização e da integração interdependente da economia dos EUA. Desde meados dos anos 1980, com o Big Bang da city londrina, as economias desenvolvidas do G7, além de outras economias emergentes e periféricas, desregulamentaram o mercado de capitais e o sistema bancário, em uma crença de que o ciclo económico estava superado. No caso estadunidense, a revogação da Lei Glass-Steagal, em 1999, que separava bancos comerciais de bancos de investimento, representou a epítome deste processo. Contudo, o ingrediente da integração interdependente deu às manobras do Fed um teor ainda mais inadequado, porquanto, como Eichengreen (2011, p. 115, tradução própria)⁵ pontua “[...] é preciso de dois para dançar tango”. A liberalização

⁴ No original: “[...] the Taylor Rule was a stylized relationship linking the central bank’s main policy level, the interest rate at which banks lend to one another, known as the federal funds rate, to its principal policy objectives: inflation and the level of idle resources. The Taylor Rule had done a good job of capturing the Fed’s reaction to changes in inflationary pressures and business cycles from the mid-1980s through the end of the 1990s. It continued to track policy after the turn of the century. When the tech bubble burst in 2000, causing unemployment to rise and inflation to subside, the Taylor Rule pointed to the need to cut rates. Over the course of 2001, the federal funds rate was cut from 6.25 percent to 1.75 percent, in line with its predictions” (Eichengreen, 2011, p. 111).

⁵ No original: “[...] it takes two to tango” (Eichengreen, 2011, p. 115).

norte-americana fomentando a integração financeira com economias desenvolvidas da Europa e emergentes do leste asiático criaram um ambiente econômico de superliquidez e de excesso de poupança (Eichengreen, 2011). Ainda segundo o autor (Eichengreen, 2011, p. 116, tradução própria)⁶:

[...] há poucas dúvidas de que os desenvolvimentos no resto do mundo, quer sejam caracterizados como um excesso de poupança ou uma greve de investimento e quer estejam localizados principalmente na Ásia emergente ou de forma mais ampla, contribuíram para o fluxo de capital para os mercados de dívida dos EUA.

De 2008 a 2019, o tango da política do Fed teve de se curvar primeiro ao G20, de 2009 a 2013, e depois ao G7, de 2013 a 2019, mostrando como os EUA não estavam mais em seu momento unipolar, e como novos polos de poder se consolidaram gradativamente. Todavia, o mais curioso, para Eichengreen (2011), é que neste período de turbulência e de fim da ordem liberal norte-americana, a senhoriagem do dólar e sua posição de liderança no SMFI foram pouco ameaçados, mesmo que tenha havido questionamentos retóricos por vários Estados, pouco de efetivo foi feito para suplantá-lo. No período de 2008 a 2019, os fluxos comerciais e financeiros dos EUA representaram 13% das exportações e 20% do IED mundial, enquanto a China e a Alemanha representaram mais da metade deste percentual, o que deixa patente como os EUA são economicamente menos dominantes que 50 anos atrás (Eichengreen, 2011). Porém, de forma surpreendente, o dólar norte-americano ainda se manteve como moeda líder no período de 2008 a 2019 (Arienti, 2017; Visentini, 2019) e, indo além, no contexto da crise de 2008, a posição do dólar, na verdade se fortaleceu, a despeito da fragilidade das instituições financeiras dos EUA. Como Eichengreen (2011, p. 5, tradução própria)⁷ expõe:

Se isto não fosse injustiça suficiente, há o fato de a posição financeira internacional dos EUA ter sido realmente fortalecida pela crise. No decurso de 2007, o dólar enfraqueceu cerca de 8% no mercado cambial. Mas como as nossas dívidas são denominadas na nossa própria moeda, não houve impacto no seu valor em dólares. Em contrapartida, os nossos investimentos estrangeiros, quer em obrigações quer em fábricas, tornaram-se mais valiosos à medida que o dólar caiu.

Não obstante, com esta fuga temporária para o dólar, e não do dólar, o governo norte-americano foi capaz de pegar grandes volumes de empréstimos a uma taxa de juros baixa. De

⁶ No original: “[...] there is little question that developments in the rest of the world, whether they are characterized as a savings glut or an investment strike and whether they are located primarily in emerging Asia or more broadly, contributed to the flow of capital into U.S. debt markets” (Eichengreen, 2011, p. 116).

⁷ No original: “If this was not injustice enough, there is the fact that America’s international financial position was actually strengthened by the crisis. In the course of 2007 the dollar weakened by about 8 percent on the foreign exchange market. But since our debts are denominated in our own currency, there was no impact on their dollar value. In contrast, our foreign investments, whether in bonds or factories, became more valuable as the dollar fell” (Eichengreen, 2011, p. 5).

fato, “[o] dólar ainda era o porto seguro definitivo para investidores assustados em todo o mundo. E se pôde sobreviver a estes acontecimentos com o seu papel internacional intacto, poderia sobreviver a qualquer coisa” (Eichengreen, 2011, p. 97, tradução própria)⁸.

Isto ocorreu por dois motivos principais: não há candidatos sérios que competem com o dólar e, para todos os efeitos, a economia dos EUA ainda é a maior do mundo em dólares correntes, com o maior e mais sofisticado mercado financeiro da economia global. Com relação aos candidatos a concorrente, as principais moedas que se sobressaem são o euro, o iene e o renminbi. Porém, nenhuma delas têm, ainda, um volume de transação e reserva comparável ao dólar. O euro, ainda que seja a segunda moeda com maior volume de transação e reserva, é uma moeda sem Estado. Ademais, a Alemanha, a principal economia da zona do euro, é um aliado obediente de Washington (Strange, 1980), e o mesmo ocorre com o caso do iene, que pertence a uma economia obediente ao Fed e presa em uma armadilha de liquidez desde 1995 (Tavares; Melin, 1997).

Por fim, o renminbi, a moeda da China, que representa uma das economias que mais cresce no mundo, está mais industrializada e, sobretudo, é soberana em suas decisões. Diferentemente da Alemanha e do Japão, a China possui capacidade autônoma de decisão sobre suas políticas macroeconômica e externa (Visentini, 2019). Contudo, o volume de transação e de reservas do renminbi é o menor entre os candidatos de oposição ao dólar, e o sistema financeiro chinês ainda é pouco desenvolvido para impulsionar a internacionalização do renminbi. Ainda que a China tenha dado um passo importante nesta direção em 2015, quando o FMI aceitou o renminbi na cesta de moedas do DES, a internacionalização de sua moeda precisará de mais empenho político e diversificação financeira para atingir tal objetivo (Eichengreen, 2011; Cohen, 2019).

Apesar da manutenção de sua posição e de concorrentes muito aquém de suas capacidades, o dólar enfrenta três problemas sérios. Entre os principais estão a diminuição de seu uso por motivos políticos, a proposta de mudança de cotação do petróleo e a própria debilidade da economia norte-americana. Em 2009, percebendo sua fragilidade contábil e querendo obter maior autonomia em relação ao dólar, o Banco Central russo reduziu a participação do dólar de 47% para 41,5%, aumentando a participação do euro e do ouro em seu lugar. O Banco Central russo não adotou tal medida apenas preocupado com seu balanço contábil, mas, assim como outros nêmesis dos EUA, busca enfraquecer a moeda do rival político (Cohen, 2015; 2019; Eichengreen, 2011).

⁸ No original: “The dollar was still the ultimate safe haven for frightened investors around the world. And if it could survive these events with its international role intact, it could survive anything” (Eichengreen, 2011, p. 97).

Processo semelhante ocorre com a política do petróleo. O dólar ainda mantém sua relevância porque o petróleo, a principal *commodity* do mundo, é cotado em dólar. Porém, em mais de uma ocasião, os Estados do Golfo e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) cogitaram cotar seu principal produto de exportações em uma cesta de moedas diversificada, seja porque o dólar estava em momentos de franca depreciação, seja por rivalidades políticas. Pelo menos em três ocasiões, em 1973, 1979 e 2008, os principais exportadores de petróleo discutiram a ideia de retirar o monopólio do dólar sobre a cotação da *commodity*. Em cada um dos episódios, entretanto, a ideia foi descartada pela fragilidade das demais moedas e, também, pelo poder estrutural que os EUA tinham sobre a segurança internacional. Por exemplo, em 1979, quando o Irã ameaçou cotar suas exportações de petróleo em marcos alemães, a própria Alemanha rechaçou a ideia, com medo de que ocorresse uma valorização de sua moeda, um aumento de influxo de capitais e, logo, uma pressão deflacionária (Eichengreen, 2011; Yergin, 2010).

Finalmente, a possibilidade de uma quebra (*crash*) do dólar devido a problemas com a economia doméstica dos EUA parece ser mais plausível (Eichengreen, 2011). O perigo reside, justamente, no descontrole do déficit orçamentário, algo que os EUA souberam controlar no período de 2008 a 2019, mediante as estratégias de manobras monetárias do Fed (*quantitative easing* e *tapering*), somadas às manobras multilaterais (G20 e G7).

Sendo assim, após 12 anos de turbulência, o SMFI que é legado ao SI é um sistema cada vez mais multipolar. Como Eichengreen (2011, p. 150, tradução própria)⁹ descreveu ainda em 2011, “[u]m mundo de múltiplas moedas internacionais está surgindo, porque a economia mundial está se tornando mais multipolar, desgastando a base tradicional do monopólio do dólar”. Isto é desejável, inclusive, pela China, que não planeja suplantando o dólar abruptamente, mas, pelo menos, colocar o renminbi entre as principais moedas da cesta multipolar do SMFI, uma vez que investiu muito de suas reservas em dólares e títulos da dívida do Tesouro Americano. Desafiar a senhoriagem do dólar, sem antes se livrar dos dólares que possui, seria prejudicial à China (Eichengreen, 2011).

Este fato pode ser tanto um alívio quanto uma preocupação para os EUA, uma vez que nem seus aliados, como a Alemanha e o Japão, e tampouco seus rivais, como a China, permitiriam que os EUA se utilizassem de manobras monetárias para se reindustrializar. Mas este não deve ser o caso, haja vista que a senhoriagem do dólar garante as despesas da presença militar quase ubíqua dos EUA, um privilégio que os estrategistas norte-americanos não se dão ao luxo de perder (Eichengreen, 2011).

⁹ No original: “A world of multiple international currencies is coming because the world economy is growing more multipolar, eroding the traditional basis for the dollar’s monopoly” (Eichengreen, 2011, p. 150).

Apesar do aumento da multipolaridade tanto no SMFI quanto no SI, o não sistema pós-BW que os EUA conseguiram manter durante 2008 a 2019 ainda desempenha funções estabilizadoras. De acordo com Gilpin (2002, p. 139), “[u]m sistema monetário internacional eficiente e estável precisa resolver três problemas técnicos: liquidez, ajuste e confiança”. Neste contexto, a liquidez do sistema precisa ter uma oferta monetária não inflacionária, que fomente o comércio e o investimento, agilize ajustes e providencie reservas (Gilpin, 2002). Este tem sido, precisamente, o caso, tendo em vista que o dólar desempenha esta função desde meados da década de 1940 e, “[...] a partir de 1959, a evasão de dólares dos [EUA], em razão do déficit crônico do orçamento do país, serviu de combustível para a economia mundial” (Gilpin, 2002, p. 155). Assim como as minas de prata em Potosí serviram de liquidez ao *boom* da economia mercantil europeia dos séculos XVI ao XVII, a liquidez internacional se tornou uma função do BP dos EUA (Gilpin, 2002), mesmo após as turbulências de 2008 (Eichengreen, 2011; Visentini, 2019).

O ajuste, por outro lado, sempre foi um problema em qualquer SMFI. Os métodos disponíveis, segundo Gilpin (2002, p. 140), são “[...] as mudanças na taxa de câmbio, a contração ou expansão da atividade econômica interna e/ou a imposição de controles diretos sobre as transações internacionais”. Este aspecto do SMFI pós-2008 foi retomado com uma maior coordenação de políticas macroeconômicas no âmbito do G20, do G7, do *Bank for International Settlements* (BIS) e do *Financial Stability Board*, realizando políticas macroprudenciais e contraindo ou expandindo a atividade econômica. Ademais, uma medida negligenciada por Gilpin (2002) se trata do FMI, ao prover empréstimos de socorro a economias que enfrentem problemas no BP. O FMI, conquanto seja instrumento do Tesouro Americano, manteve seu papel de financiar os ajustes no período de 2008 a 2019, inclusive, ampliando a cesta de moedas do DES a partir de 2015 (Duggan; Azalia, 2020).

Assim, e como observado anteriormente, a confiança do dólar não foi abalada após 2008, e, na verdade, foi reforçada (Eichengreen, 2011). Para Gilpin (2002, p. 140), “[o] sistema precisa também prevenir as mudanças desestabilizadoras na composição das reservas nacionais, mudanças que podem ser provocadas pela perda de confiança na moeda ou [nas] moedas de reserva”. Este tem sido exatamente o caso para a maioria das economias do SMFI entre 2008 e 2019 (Eichengreen, 2011; Visentini, 2019).

Pelo exposto, apesar de as estratégias empregadas para recuperar os indicadores de seu IVE, observa-se que os EUA diminuíram seu poder estrutural na DIT e, em menor medida, no SMFI, no período analisado de 2008 a 2019. A estratégia comercial, embora eficaz, não foi capaz de frear, ainda, a desindustrialização e desnacionalização do parque industrial norte-

americano, além da perda de competitividade das empresas exportadoras dos EUA. Contudo, a posição dos EUA no SMFI, a despeito do aumento da multipolaridade, se manteve.

Desta forma, a variação negativa do poder estrutural dos EUA sobre a economia mundial levou, inevitavelmente, ao reconhecimento de Washington de que seu momento de hegemonia liberal havia acabado e de que o mundo se tornara multipolar (Mearsheimer, 2019). Neste contexto, para Gilpin (2002), a hegemonia liberal se refere a um Estado que é, ao mesmo tempo, a maior potência militar do mundo e uma liderança moral no SI que cumpre uma série de papéis que, assim, seja capaz de atrair para si uma gama de outros Estados fiadores de sua ordem. De fato, os EUA são a maior potência militar do mundo desde 1945 até 2019. Porém, sua liderança moral se enfraqueceu no período posterior a 2005 (Mearsheimer, 2019). Segundo Gilpin (2002), o exercício da hegemonia liberal precisa cumprir cinco funções:

- a) usar sua influência para criar regimes internacionais, isto é, princípios, normas, regras e procedimentos decisórios em torno dos quais convergem as expectativas dos atores em uma certa área temática;
- b) impedir a fraude e a ação dos caronas (*free riders*);
- c) estimular os outros Estados a participar no custeio da manutenção do sistema e impor regras de uma economia liberal (Keohane, 1982; Krasner, 1982);
- d) oferecer socorro, fluxo constante de capital, crédito contracíclico e mecanismo de redesconto que ofereça liquidez contra o pânico (Kindleberger, 1981);
- e) impedir que os Estados que desfrutem de algum poder monopolístico explorem os demais.

O maior regime proposto e mantido pelos EUA foi o liberalismo, tanto político quanto econômico. Para Mearsheimer (2019), desde 2005 o discurso liberal se tornou cambaleante com os insucessos no Iraque, mas seu golpe fatal veio com a crise de 2008. Desde então, a disposição dos EUA em prover e sustentar regimes se tornou comprometida. O próprio presidente norte-americano, Donald Trump, denunciou a ordem liberal criada pelos EUA e o sistema multilateral existente para sustentar tal ordem. As denúncias de Trump se estenderam à incapacidade dos EUA e, desta forma, de sua ordem de impedir e punir a atuação, segundo ele, fraudulenta de Estados caronas (*free rider*), sobretudo, da China. Além disto, Trump acusava os demais membros da OTAN de não custearem o mesmo montante que os EUA para manter a segurança internacional no hemisfério ocidental, não obstante a outras denúncias de como os EUA custeavam a ordem liberal e o sistema multilateral sozinhos (Mearsheimer, 2019). Finalmente, é inequívoco que os EUA não logram mais impedir que Estados que desfrutem de poder estrutural ajam de maneira a prejudicar os demais. É o caso do poder estrutural da China sobre

a produção de manufaturados ou da OPEP sobre a oferta e preço do petróleo (Strange, 1994; Visentini, 2019; Yergin, 2010).

De todos os aspectos do exercício de uma hegemonia liberal, todavia, o SMFI calcado no dólar estadunidense ainda se mantém, conquanto não de maneira igual ao período anterior a 2008. De certa forma, o FMI ainda fornece empréstimos de socorro e os EUA ainda mantêm fluxos de capitais constantes. Porém, sua capacidade de oferecer créditos contracíclicos e mecanismo de redesconto em momentos de pânico se tornou limitada. Isto é sintoma do enfraquecimento da economia norte-americana e, junto a isso, da ascensão de um sistema multipolar. Neste aspecto, de acordo com Mearsheimer (2019, p. 42, tradução própria)¹⁰, “[c]om a ascensão da China e o regresso da Rússia, o sistema internacional tornou-se multipolar, o que é um sinal de morte para a ordem internacional liberal”. No mesmo sentido, segundo Eichengreen (2011, p. 177, tradução própria)¹¹, “[...] é também um lembrete de que o fator fundamental que tornou os EUA menos dominantes geopoliticamente é o mesmo que tornou o dólar menos dominante financeiramente, nomeadamente que o mundo está se tornando mais multipolar”.

Dos quatro elementos estruturais dos EUA pré-2008, o único que se manteve após a turbulência de 2008 a 2019 é o não sistema pós-BW. Os demais elementos – a posição dos EUA na DIT, o momento unipolar e a hegemonia liberal – não se conservaram. Nos próximos anos, os EUA, muito provavelmente, continuarão sendo a maior força militar do mundo, mas o apoio à sua liderança moral no SI se anulou, *pari pasu* a emergência de novos polos de poder.

Se, porventura, os EUA intencionarem retomar suas posições perdidas, algumas estratégias sugeridas podem ir na direção de:

- a) reforçar a parceria estratégica com os Estados do Golfo. O petróleo ser cotado em dólares se provou basilar para a manutenção de sua senhoriagem (Yergin, 2010);
- b) apostar na transição energética. Embora o petróleo seja relevante hoje e nos próximos anos, uma nova matriz energética deve surgir e, com ela, a moeda que for meio de troca para sua comercialização estará entre as mais usadas no SMFI (Yergin, 2010);
- c) investir na inserção da Quarta Revolução Industrial. Indo em sentido semelhante à estratégia anterior, a recuperação da indústria norte-americana é de suma importância para melhorar os indicadores do IVCO e do IVPT (Perez, 2002; Schumpeter, 2017; Schwab, 2016);

¹⁰ No original: “With the rise of China and Russia’s comeback, the international system has become multipolar, which is a death knell for the liberal international order” (Mearsheimer, 2019, p. 42).

¹¹ No original: “It is also a reminder that the fundamental factor that has rendered the U.S. less dominant geopolitically is the same thing that has rendered the dollar less dominant financially, namely that the world is growing more multipolar” (Eichengreen, 2011, p. 177).

- d) recuperar a capacidade de exportação e da pauta exportadora diversificada dos EUA. Só reindustrializar os EUA não bastariam, seria preciso reconquistar mercados externos para, de fato, reindustrializar os EUA e melhorar os indicadores nas esferas comercial e produtivo-tecnológica (Gilpin, 2002);
- e) melhorar os mecanismos de ajuste e de liquidez em momentos de crise. Uma característica difícil de manter e gerir, mas em que hegemonias do passado, como a Grã-Bretanha, obtiveram êxito (Eichengreen, 2000);
- f) por fim, manter o controle do déficit público para conservar a confiança e a senhoriação do dólar, uma estratégia que os EUA, na verdade, já aplicam de maneira exímia (Eichengreen, 2011).

Algumas destas estratégias, contudo, são conflitantes entre si, como, por exemplo, tentar conciliar a reindustrialização dos EUA com a diplomacia do dólar forte. Como argumentado anteriormente, a desvalorização da moeda norte-americana não seria aceita por políticos de Washington, receosos de diminuírem seu poder estrutural sobre a segurança e o crédito, tampouco por aliados e rivais internacionais, que usam o dólar como reserva de valor e âncora ou referência para políticas cambiais. Ainda que Prever o futuro não seja tarefa das ciências sociais, sem dúvida, as estratégias elencadas estão dentro do horizonte de eventos na análise de RI.

Pela descrição do capítulo 4, atingiram-se dois objetivos no desenvolvimento geral do trabalho. Em primeiro lugar, a descrição das estratégias norte-americanas em reação à deterioração dos indicadores que compõem seu IVE, em cada esfera da EPI, e, em segundo, um balanço dos resultados das estratégias em nível de análise do IVE e em nível de análise estrutural, atendo-se ao poder que os EUA detinham antes e depois do período analisado. Chegou-se à conclusão de que as estratégias comercial e monetário-financeira foram eficazes em melhorar, ou, pelo menos, manter, seus respectivos índices de vulnerabilidade, enquanto a estratégia produtivo-tecnológica foi ineficaz pela piora de outros coeficientes que compõem os indicadores do IVPT dos EUA. Por fim, o balanço também concluiu sobre o saldo do poder estrutural dos EUA antes e depois do período analisado. Inferiu-se, portanto, que os EUA conseguiram manter um SMFI em volta de seu poder, mas perderam a relevância nas esferas comercial e produtivo-tecnológica, por não serem mais dominantes na DIT e não serem mais uma hegemonia liberal, tendo em vista que seu momento unipolar se encerrou junto à sua ordem liberal internacional a partir de 2008.

5 CONCLUSÃO

Ao comentar sobre o evento mitológico da Guerra de Troia, Gonçalves (2005), na abertura de seu trabalho sobre EPI, pontua que tal evento pode ser lido por diferentes campos do conhecimento humano, tais como economia, ciência política, sociologia, geopolítica, Direito, psicologia etc. Por fim, ele conclui que a EPI “procura superar essas limitações específicas de cada campo teórico ao apresentar um enfoque analítico eclético ou abrangente para os fenômenos próprios do sistema internacional, em geral, e do sistema econômico internacional, em particular” (Gonçalves, 2005, p. 4). Com este mesmo intuito, esta dissertação buscou elucidar a distribuição de poder no SI, utilizando-se por ferramental os instrumentos de análise desenvolvidos por Gonçalves (2005), sem, no entanto, deixar de reconhecer que a mensuração do poder, em qualquer ciência social, é muito difícil.

Neste sentido, o presente trabalho investigou as vulnerabilidades externas dos EUA em suas três esferas de análise, isto é, a comercial, a produtivo-tecnológica e a monetário-financeira, questionando-se se tais vulnerabilidades aumentaram, tanto em termos absolutos quanto relativos, no período de 2008-2019. Como hipótese principal à pergunta, postulou-se que houve um aumento do IVE estadunidense tanto em termos absolutos quanto relativos, sobretudo, em relação à China. A hipótese secundária sugeriu que os EUA se utilizaram de estratégias de reversão de tais vulnerabilidades em cada uma das esferas, empregando o protecionismo na esfera comercial, a proteção de patentes na esfera produtivo-tecnológica e manobras monetárias multilaterais e unilaterais na esfera monetário-financeira. O objeto principal do trabalho, portanto, centrou-se em comparar os IVEs dos EUA com o de seus cinco principais rivais internacionais, as economias do BRICS. Ademais, o objetivo secundário tratou de analisar a formulação das estratégias comerciais, produtivo-tecnológicas e monetário-financeiras desenvolvidas pelos EUA para tentar sustentar ou reverter seu IVE.

A pesquisa teve quatro aspectos metodológicos. No que concerne à abordagem da pesquisa, a dissertação uniu elementos quantitativos, ao medir e comparar IVEs, e qualitativos, ao se qualificar as estratégias norte-americanas para tentar reverter tais índices relativos. No tocante à natureza da pesquisa, o trabalho empregou uma pesquisa aplicada, uma vez que aplica uma análise e um método já desenvolvidos por outro autor, isto é, por Gonçalves (2005). No que tange aos objetivos da pesquisa, a dissertação combinou elementos exploratórios, descritivos e explicativos, haja vista que realizou levantamento bibliográfico sobre EPI, debateu-o, demonstrou fenômenos de competição econômica estratégica e, logo, explorou possíveis relações causais. Finalmente, no que toca os procedimentos, o trabalho se utilizou de instrumento experimental, por aplicar um experimento da EPI, de aspecto bibliográfico, por

debater diferentes autores na categorização de poder e vulnerabilidade externa na EPI, de aspecto documental, por recorrer a fontes oficiais para compilar dados e números, e de aspecto de estudo de caso, por aplicar uma ferramenta analítica da EPI a determinados Estados, delimitado no período de 2008-2019. A pesquisa pôde se justificar mediante os critérios de originalidade acadêmica e utilidade social. Pelo lado da originalidade, verificou-se até o início da pesquisa e subsequente redação da dissertação que não havia trabalho semelhante, levando-se em conta suas palavras-chave, nos principais motores de busca da produção científica brasileira. Pelo lado social, a pesquisa se prestou a providenciar uma análise útil aos pesquisadores e tomadores de decisão brasileiros no escopo da condução da política econômica externa.

Para se atingir os objetivos e testar a hipótese da dissertação, três capítulos empreenderam diferentes tarefas. No capítulo 2, mediante uma discussão teórica entre autores de RI e de EPI, inferiu-se que a variável do ajuste no BP poderia ser considerada uma variável de equilíbrio sistêmico que os Estados levam em conta ao se analisar o SI pelo enfoque da EPI. Logo, foi possível considerar tal variável como uma possibilidade de mensurar a distribuição de poder no SI. Para se medir tal distribuição, desta forma, sugeriu-se o cálculo do IVE de Gonçalves (2005), considerando a vulnerabilidade econômica externa como uma variável invertida de poder, ou seja, quanto mais baixa, mais alto o poder de um Estado. Portanto, buscando minimizar seu IVE, constatou-se que os Estados empregam estratégias na esfera econômica para alterar os indicadores e componentes de seu índice, tanto em nível doméstico, quanto em nível internacional e sistêmico.

No capítulo 3, demonstrou-se como o IVE pode ser calculado, por meio da busca de dados em organismos internacionais, como o BM e a UNCTAD, ou ministérios oficiais das economias analisadas. Assim, foi possível apresentar a evolução dos IVEs propostos pela dissertação, dos EUA e do BRICS. Sendo assim, chegou-se à conclusão de que o IVE geral dos EUA se deteriorou em 64,11%. Para atestar o poder explicativo do índice de Gonçalves (2005), descreveu-se a evolução dos indicadores macroeconômicos domésticos dos EUA ao longo do período de 2008-2019 com a evolução de seu IVE, evidenciando a relação próxima entre componentes domésticos e a vulnerabilidade externa da economia norte-americana. A partir disto, foi possível averiguar que políticas como a promoção da inovação, gastos em P&D, gastos públicos, protecionismo comercial etc. fizeram variar positivamente indicadores que modificaram o IVE dos EUA. Enfim, possibilitou-se comparar a evolução do IVE dos EUA com o de seus competidores, inferindo-se que a distância entre ambos se estreitou no caso de Brasil, Índia, Rússia e África do Sul, enquanto aumentou, negativamente, para o caso da China,

evidenciando, pelo menos no período analisado, a ascensão do BRICS e a decadência relativa dos EUA.

No capítulo 4, elencaram-se as principais estratégias de EPI empregadas pelos EUA para frear o aumento de seu IVE. Na esfera comercial, a principal estratégia foi o protecionismo, que foi uma estratégia defensiva, a qual se comportou como de longo prazo e de características mistas direcionada e estrutural; na esfera produtivo-tecnológica, a principal estratégia foi a proteção de patentes, que foi uma estratégia ofensiva, de longo prazo e estrutural; finalmente, na esfera monetário financeira, a principal estratégia foi um conjunto de manobras monetárias do Fed coordenadas junto ao G20 e ao G7 em momentos diferentes, uma estratégia defensiva, de curto prazo e estrutural. Se por um lado, as estratégias comercial e monetário-financeira foram capazes de melhorar, ou, pelo menos, preservar, seus respectivos índices de vulnerabilidade, por outro lado, a estratégia produtivo-tecnológica malogrou em sua missão, uma vez que Washington privilegiou determinados indicadores em detrimento de outros.

Feitas estas ponderações, o capítulo 4 realizou, por fim, um balanço das características estruturais do poder estadunidense e de como sua posição de hegemonia liberal no escopo do SI, do SMFI e da DIT diminuíram com sua decadência relativa e com o aumento da multipolaridade. No período de 2008 a 2019, portanto, verificou-se a fragilização da ordem liberal internacional construída pelos EUA no período de 1991 a 2007. Neste sentido, ao fim, propõe-se um horizonte de possíveis estratégias que os EUA poderiam lançar mão para recuperar seu poder e minimizar mais seu IVE. Neste ponto do trabalho, cabe uma retratação. Longe de contradizer a justificativa inicial da pesquisa, a projeção de possíveis estratégias empregadas pelos EUA é uma inferência de importante análise para pesquisadores e tomadores de decisão brasileiros. Não se trata apenas de valor acadêmico, mas, sobretudo, de conhecer as fragilidades e intenções de um Estado que atua no mesmo espaço internacional que o Brasil. Tal como no xadrez, empreender jogadas ignorando a estratégia do adversário para jogadas futuras é a fórmula para o fracasso.

Sendo assim, a dissertação, de maneira geral, consolidou seis inferências principais:

- a) o IVE é uma medida inversa de poder na EPI;
- b) o IVE norte-americano se deteriorou tanto em termos absolutos quanto relativos;
- c) estratégias do protecionismo e das manobras monetárias foram eficazes em reverter a tendência de queda do IVE norte-americano, enquanto a proteção de patentes não surtiu o mesmo efeito;
- d) estruturalmente, os EUA são mais fracos em 2019 que em 2008;
- e) o BRICS representa a epítome do aumento de multipolaridade no SI;
- f) a ordem liberal internacional dos EUA está se desmontando.

Infere-se, assim, pela metodologia empregada neste trabalho, que as hipóteses levantadas responderam satisfatoriamente à pergunta de pesquisa. Neste intuito, as inferências *b* e *c* dão conta de atestar a validade das hipóteses principal e secundária, respectivamente. Pelo desenvolvimento dos três capítulos principais da pesquisa, conclui-se que os objetivos principal e secundária, igualmente, foram alcançados, tendo em vista que foi possível evidenciar um paralelo entre os IVEs dos EUA e do BRICS, além de evidenciar a formulação de estratégias para reversão do IVE norte-americano.

Embora os objetivos e o problema deste trabalho tenham sido cumpridos satisfatoriamente, esta dissertação é apenas uma contribuição ao estudo da EPI e suas aplicações na história das RI. Nada aqui foi argumentado sem se basear em bibliografia especializada e/ou dados empíricos, fato que, ainda assim, não torna este trabalho intangível a críticas, revisões, sugestões, contribuições ou, até mesmo, superação. Imbuído da honestidade e da humildade científicas, espera-se que este trabalho seja uma contribuição para a ciência e a pesquisa no Brasil, justificando, desta forma, o esforço e a dedicação de estudos como este.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Perry. **A política externa norte-americana e seus teóricos**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ANDREWS, David. Monetary Power and Monetary Statecraft. *In*: ANDREWS, David (ed.). **International monetary power**. Ithaca: Cornell University Press, 2006. p. 7-30.
- ARIENTI, Patrícia F. F. Os impactos da gestão macroeconômica do Governo Obama na fragilidade do dólar como moeda internacional. *In*: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. p. 91-120
- ARMIJO, Leslie Elliott; KATADA, Saori N. Theorizing the Financial Statecraft of Emerging Powers. **New Political Economy**, United Kingdom, v. 20, n. 1, p. 42-62, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/13563467.2013.866082>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- AMIN, Samir. **Unequal development: an essay on the social formations of peripheral capitalism**. New York: Monthly Review, 1976.
- BANCO MUNDIAL. **Data Worldbank**: indicator 2000-2013. 2023a. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FR.INR.RINR?end=2013&locations=US&start=2000&view=chart>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- Banco Mundial. **Data Worldbank**: indicator 2011-2019. 2023b. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FR.INR.RINR?end=2019&locations=US&start=2011&view=chart>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- BARAN, Paul A. **The political economy of growth**. New York: Monthly Review Press, 1967.
- BERGSTEN, C. Fred; HENNING, C. Randall. **Global Economic Leadership and the Group of Seven**. Washington, DC: Institute for International Economics, 1996.
- BRUE, Stanley L. **História do Pensamento Econômico**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- BUZAN, Barry; WAEVER, Ole. **Regions and powers: the structure of international security**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- COELHO, Jaime Cesar; GAIOTTO, Felipe Camargo. As finanças como política de Estado: o primeiro Governo de Obama. *In*: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.
- COHEN, Benjamin J. **Adjustment Costs and the Distribution of New Reserves**. Princeton: Princeton University, 1966. (Princeton Studies in International Finance, n. 18). Disponível em: <https://ies.princeton.edu/pdf/S18.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2024.
- COHEN, Benjamin J. **Currency power: understanding monetary rivalry**. Princeton: Princeton University Press, 2015.

COHEN, Benjamin J. **Currency statecraft**: monetary rivalry and geopolitical ambition. Chicago: University of Chicago Press, 2019.

COHEN, Benjamin J. The Macrofoundations of monetary power. *In*: ANDREWS, David M. (ed.). **International monetary power**. Ithaca: Cornell University Press, 2006. p. 31-50.

COSTA, Karen Fernandez. Inovação e desenvolvimento nos Estados Unidos: os anos Obama. *In*: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

CUNHA, André Moreira; PERUFFO, Luiza. BRICS+: bloco do Sul global ou vitória diplomática da China? **Sul21**, 6 nov. 2023. Disponível em: <https://sul21.com.br/opiniaio/2023/11/o-brics-e-o-brics-por-luiza-peruffo-e-andre-moreira-cunha/>. Acesso em: 6 jun. 2024.

DAHAN, Maha El; ZHDANNIKOV, Dmitry. Exclusive: Saudi Arabia still considering BRICS membership, sources say. **Reuters**, Jan. 18, 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/middle-east/saudi-arabia-considering-brics-membership-sources-2024-01-18/>. Acesso em: 6 jun. 2024.

DEVANA, Cecilia. El gobierno de Javier Milei oficializó que la Argentina no entrará a los Brics: El Presidente envió una carta a cada uno de los países integrantes del bloque con sus argumentos y destacó las diferencias de la nueva gestión con la de Fernández. **La Nación**, 29 dez. 2023. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/politica/el-gobierno-de-javier-milei-oficializo-que-la-argentina-no-entrara-a-los-brics-nid29122023/>. Acesso em: 6 jun. 2024.

DOWNS, Anthony. **Uma teoria econômica da democracia**. São Paulo: Edusp, 1999.

DUGGAN, Niall; AZALIA, Juan Carlos Ladines. From Yekaterinburg to Brasília: BRICS and the G20, road to nowhere? **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 63, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7329202000109>. Acesso em: 12 dez. 2023.

EICHENGREEN, Barry J. **A globalização do capital**: uma história do sistema monetário internacional. São Paulo: Ed. 34, 2000.

EICHENGREEN, Barry. **Crises financeiras**: análise, prevenção e gestão. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

EICHENGREEN, Barry. **Exorbitant privilege**: the rise and fall of the dollar. Oxford: University Press, 2011.

FAJGELBAUM, Pablo D.; KHANDELWAL, Amit K. The Economic Impacts of the US–China Trade War. **Annual Review of Economics**, San Mateo, v. 14, n. 1: p. 205–228, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1146/annurev-economics-051420-110410>. Acesso em 12 dez. 2023.

FEREJOHN, John; PASQUINO, Pasquale. A teoria da Escolha Racional na Ciência Política: conceitos de racionalidade em teoria política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.16, n.45, p.05-24, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092001000100001>. Acesso: 12 dez. 2023.

FERGUSON, Niall. **A ascensão do dinheiro: a história financeira do mundo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2009.

FERREIRA, Solange Reis. Dimensões dos recursos de xisto na política energética. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FMI - Fundo Monetário Internacional. **Total IMF Credit Outstanding for all members from 1984 - 2023**. 2023. Disponível em: <https://www.imf.org/external/np/fin/tad/extcred1.aspx>. Acesso em: 12 nov. 2023.

FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. New York: Macmillan, 1992.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Tolfo Denise. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GILPIN, Robert. **A economia política das relações internacionais**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GILPIN, Robert. **War and Change in World Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia política internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GUAPO COSTA, Carla; LOURENÇO, Tiago. Desafios e paradoxos nas relações entre Estados Unidos e União Europeia. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de (org.). **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

HICKS, John R. Mr. Keynes and the "Classics"; A Suggested Interpretation. **Econometrica**, United States, v. 5, n. 2, p. 147-159, 1937, Disponível em: https://public.econ.duke.edu/~kdh9/Courses/Graduate%20Macro%20History/Readings-1/Hicks_Mr.%20Keynes%20and%20the%20Classics.pdf. Acesso em: 15 dez. 2023.

HICKS, John. **A theory of economic history**. Oxford: Oxford University Press, 1969.

HUDSON, Michel. **Super imperialism: the origin and fundamentals of U.S. World Dominance**. London: Pluto Press, 2003.

HUNT, E. K.; LAUTZENHEISER, Mark. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. São Paulo: Atlas, 2012.

JACKSON, Brooks. Trump's Numbers January 2020 Update: Statistical measures of how things have changed during Trump's first three years. January 20, 2020. **FactCheck.org**. Disponível em: <https://www.factcheck.org/2020/01/trumps-numbers-january-2020-update/>. Último Acesso em 27 nov. 2023.

KEOHANE, Robert O. **After hegemony: cooperation and discord in the world political economy**. Princeton: Princeton University Press, 1984.

KEOHANE, Robert O. The Demand for International Regimes. **International Organization**, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 325-355, 1982. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2706525>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KEYNES, John Maynard. **A teoria geral do emprego, do juro e da moeda**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

KINDLEBERGER, Charles P. Dominance and Leadership in the International Economy: Exploitation, Public Goods, and Free Rides. **International Studies Quarterly**, Oxford, v. 25, n. 2, p. 242-254, 1981. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2600355>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KINDLEBERGER, Charles. **Power and money: the economics of international politics and the politics of international economics**. New York: Basic Books, 1970.

KRASNER, Stephen D. Structural causes and regime consequences: regimes as intervening variables. **International Organization**, Cambridge, v. 36, n. 2, p. 185-205, 1982, Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0020818300018920>. Acesso em: 12 dez. 2023.

KRUGMAN, Paul. In Defense of Obama: the Nobel Prize-winning economist, once one of the president's most notable critics, on why Obama is a historic success. **Rolling Stone - Politics**. October 8, 2014. Disponível em: <https://www.rollingstone.com/politics/politics-news/in-defense-of-obama-171648/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

KRUGMAN, Paul. **The return of depression economics and the crisis of 2008**. New York: W. W. Norton, 2008.

LUTTWAK, Edward N. From Geopolitics to Geo-Economics: Logic of Conflict, Grammar of Commerce. **The National Interest**, Washington, v. 20, n. 1, p. 17-23. 1990, Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/42894676>. Acesso em: 12 dez. 2023.

MARSHALL, Alfred. **The Principles of Economics**. Buffalo: Prometheus, 1997.

MARTINS, José Miguel Quedi. Apresentação. *In*: VISENTINI, Paulo Fagundes Gilberto. **O Eixo e a URSS na Guerra Mundial: diálogo com a narrativa histórica anglo-americana**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2020.

MCKINNON, Ronald I. **An International Standard for Monetary Stabilization**. Washington: Institute for International Economics, 1984. (Policy Analyses in International Economics, n. 8).

MEARSHEIMER, John J. **The tragedy of Great Power politics**. New York: W. W. Norton, 2001.

MEARSHEIMER, John J. Bound to fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order. **International Security**, United States, v. 43, n. 4., p. 7-50, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1162/isec_a_00342. Acesso em: 15 dez. 2023.

MELIN, Luiz Eduardo. O enquadramento do iene: a trajetória do câmbio japonês desde 1971. *In*: TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís (org.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MENDES, Nuno Canas. As relações dos Estados Unidos com a China: uma perspectiva geoeconômica. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

MENDONÇA, Filipe; LIMA, Thiago. A política comercial dos Estados Unidos no governo Barack Obama: heranças, estratégias e desafios. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

MENDONÇA, Filipe; VIGEVANI, Tullo. As relações Brasil-Estados Unidos durante o primeiro governo Obama: heranças e desafios. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. (org.). **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

MENEZES, Henrique Zeferino de. Os direitos de propriedade intelectual na estratégia comercial norte-americana: o que mudou no governo Obama. In: MORAES, Reginaldo Carmello Correa de (org.). **A economia política do governo Obama**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2017. p. 164-195.

MODELSKI, George. **Long cycles in world politics**. New York: Springer, 1987.

MORGENTHAU, Hans. **Politics among nations: the struggle for power and peace**. New York: Alfred A. Knoff, 1948.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

PERES, Samuel Costa. **Integração financeira, vulnerabilidade externa e crescimento econômico: evidências para economias emergentes e em desenvolvimento pós-1990**. 2019. 194 f. Tese (Doutorado em Economia) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

PEREZ, Carlota. **Technological revolutions and financial capital: the dynamics of bubbles and golden ages**. Northampton: Edward Elgar, 2002.

PERUFFO, Luiza. Poder monetário e financeiro dos países do BRICS: o que mudou desde a crise financeira global de 2008 e porque é importante. **Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v. 11, n. 53, p. 92–113, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/2178-8839.97514>. Acesso em: 15 dez. 2023.

POSEN, Barry R. Command of the Commons: The Military Foundation of U.S. Hegemony. **International Security**, Cambridge, v. 28, n. 1, p. 5–46, 2003. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4137574>. Acesso em: 15 dez. 2023.

RESNICK, Evan. Defining Engagement. **Journal of International Affairs**, New York, v. 54, n. 2, p. 551-566, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24357749>. Acesso em: 15 dez. 2023.

SALIE, Fadia. US senators cheer SA chicken deal. **News24**. 08 jan. 2016. Disponível em: <https://www.news24.com/Fin24/us-senators-cheer-sa-chicken-deal-20160108>. Acesso em: 4 dez. 2023.

SCHELLING, Thomas C. **Arms and influence**. New Haven: Yale University Press, 1966.

SCHUMPETER, Joseph Alois. **Capitalismo, socialismo e democracia**. São Paulo: Unesp Digital, 2017.

SCHWAB, Klaus. **The fourth industrial revolution**. Geneva: World Economic Forum, 2016.

SPYKMAN, Nicholas J. **America's Strategy in World Politics: the United States and the balance of power**. San Diego: Harcourt and Brace, 1942.

SMITH, Adam. **Inquérito sobre a natureza e as causas da Riqueza das Nações**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

STIGLITZ, Joseph E. **O mundo em queda livre: Os Estados Unidos, o mercado livre e o naufrágio da economia mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STRANGE, Susan. **States and Markets**. 2nd ed. London: Continuum, 1994.

STRANGE, Susan. Germany and the World Monetary System. *In*: KOHL, Wilfrid; BASEVI, Giorgio (ed.). **West Germany: A European and Global Power**, Lexington: Lexington Books, 1980. p. 45–62.

TAVARES, Maria da Conceição. A retomada da hegemonia norte-americana. **Revista de Economia Política**, v. 5, n. 2, 1985.

TAVARES, Maria da Conceição; MELIN, Luiz Eduardo. Pós-escrito 1997: A reafirmação da hegemonia norte-americana. *In*: TAVARES, Maria da Conceição; FIORI, José Luís (org.). **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1997.

TOOZE, Adam. **Crashed: how a decade of financial crises changed the world**. New York: Viking, 2018.

TUCHMAN, Barbara W. **A marcha da insensatez: de Tróia ao Vietnã**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

UNCTAD. **Merchandise: Product concentration and diversification indices of exports and imports, annual**. 2023a. Disponível em: <https://unctadstat.unctad.org/datacentre/dataviewer/US.ConcentDiversIndices>. Acesso em: 12 nov. 2023.

UNCTAD. **Annex table 04: FDI outward stock, by region and economy, 1990-2022**. 2023b. Disponível em: <https://unctad.org/search?keys=fdi+stock>. Acesso em: 12 nov. 2023.

UNITED STATES. Congressional Budget Office - CBO. **The Budget and Economic Outlook: 2020 to 2030**. 2020. Disponível em: <https://www.cbo.gov/publication/56020>. Acesso em: 27 nov. 2023.

UNITED STATES. Department of the Treasury - DOT. **Historical Debt Outstanding**. Disponível em: <https://fiscaldata.treasury.gov/datasets/historical-debt-outstanding/historical-debt-outstanding>. Acesso em: 12 nov. 2023. 2023a.

UNITED STATES. Department of the Treasury - DOT. **U.S. Gross External Debt**. 2023b. Disponível em: <https://home.treasury.gov/data/treasury-international-capital-tic-system-home-page/tic-forms-instructions/us-gross-external-debt>. Acesso em: 12 nov. 2023. 2023b.

VISENTINI, Paulo Fagundes. Eixos do poder mundial no século XXI: uma proposta analítica. **Austral**, Porto Alegre, v. 8, n.15, p. 9-25, jan./jun. 2019.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O caótico século XXI**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

YERGIN, Daniel. **O petróleo: uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Mordern World-Systems: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century**. New York: Academic Press, 1974.

WALRAS, Léon. **Elements of pure economics**. London: George Allen and Unwin, 1954.

WALTZ, Kenneth N. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: Gravitass, 2002.

WEBER, Max. **The theory of social and economic organization**. New York: The Free, 1964.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

WOHLFORTH, William. The Stability of a Unipolar World. **International Security**, Cambridge, v. 24, n. 1, p. 5-41, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2539346>. Acesso em: 12 dez. 2023.

WORLD BANK GROUP. **Real interest rates (%)**: United States. 2022. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/FR.INR.RINR?end=2013&locations=US&start=2000&view=chart>. Acesso em: 7 set. 2022.

WORLD BANK GROUP. **World Development Indicators**. 2023. Disponível em: <https://databank.worldbank.org/source/world-development-indicators#>. Acesso em: 12 nov. 2023.

APÊNDICE A – UMA PROPOSTA DE APROXIMAÇÃO TEÓRICA DA EPI

A EPI é um campo de estudo multidisciplinar que tenta unir dois objetos de duas áreas do conhecimento distintas: a economia, objeto das ciências econômicas, e o Sistema de Estados – ou Sistema Internacional (SI) –, objeto das RI. Tentar trabalhar com dois objetos ao mesmo tempo é tarefa, metodologicamente, difícil, uma vez que a pesquisa deve concluir algo ou sobre economia ou sobre o SI. Porém, ambas as ciências guardam peculiaridades que ajudam na compreensão da EPI. Por exemplo, ambas as ciências possuem teorias sistêmicas que tentam explicar a possibilidade de equilíbrio em função do comportamento de agentes. A análise destas teorias sistêmicas, de ambos os campos, pode prover uma sugestão de mensuração de poder sistêmico na EPI.

Por um lado, a moderna ciência econômica, após a Segunda Síntese Neoclássica de Hicks, em linhas gerais, tem três teorias que trabalham com a noção de sistema: os Novo-Clássicos, o Novo-Keynesianismo e o Pós-Keynesianismo. Assume-se aqui como teoria sistêmica as teorias que trabalham com as noções de indivíduo maximizador de utilidade como ator principal, a economia como objeto e sistema, o equilíbrio como característica do sistema e a crise como distúrbio do equilíbrio. Cada teoria enfatiza que a economia nacional é um sistema que tende, pode tender ou não tende ao equilíbrio, sendo o equilíbrio entendido como a ausência de crises gerais (Brue, 2005; Hunt; Lautzenheiser, 2012).

Por outro lado, as RI operam de maneira semelhante. Desde o Segundo Debate das RI, também há, em linhas gerais, três teorias sistêmicas principais: Institucionalismo liberal, Realismo Defensivo e, posteriormente, Realismo Ofensivo. Assume-se aqui como teoria sistêmica de RI as teorias que trabalham com as noções de Estado como ator principal, Sistema de Estados como objeto, o equilíbrio como estrutura do sistema e a guerra como distúrbio do equilíbrio. Assim, cada teoria enfatiza que o SI é formado por Estados que tendem, podem tender ou não tendem ao equilíbrio, sendo o equilíbrio entendido como ausência de guerra entre Grandes Potências (Nogueira; Messari, 2005).

Esta primeira comparação foi feita por Kenneth Waltz (2002) ao elaborar uma abordagem teórica estrutural, dando uma roupagem mais científica à teoria realista de Hans Morgenthau (1948). Para o autor, é preciso criatividade para se fazer uma teoria, e, para tal, surgem questões que podem ser respondidas mediante “[...] analogia com a teoria microeconômica. O raciocínio por analogia ajuda quando podemos mover-nos de um domínio

onde a teoria é bem desenvolvida para outro onde não é. O raciocínio por analogia é permissivo quando domínios diferentes são estruturalmente similares” (Waltz, 2002, p. 126)¹.

Desta forma, surgiu o Realismo Defensivo², em contraposição ao Institucionalismo Liberal (Nogueira; Messari, 2005). Ainda que ambas as teorias aceitem que o SI tenda para o equilíbrio, autores da corrente liberal estabelecem precondições para o equilíbrio – reforço das instituições e dos regimes internacionais, interdependência econômica, Paz Democrática etc. Já autores realistas defensivos argumentam que a tendência ao equilíbrio se deve pela preferência dos Estados de equilibrarem o poder em vez de maximizá-lo, logo, prevê-se “[...] uma forte tendência em direção ao equilíbrio no sistema” (Waltz, 2002, p. 178). Ademais, a estrutura, segundo Waltz (2002), pune Estados aventureiros que busquem mais poder ao perceberem desequilíbrios no sistema. Posteriormente, Mearsheimer (2001) rompeu com esta percepção de tendência natural ao equilíbrio dentro das teorias sistêmicas, argumentando que, na verdade, a própria natureza anárquica do SI incentiva e recompensa Estados agressores que disturbem o equilíbrio, fundando, assim, a teoria do Realismo Ofensivo.

Neste âmbito, o desenvolvimento da ciência econômica moderna, desde a Primeira Síntese Neoclássica, cumpriu caminho similar. Alfred Marshall (1997) tentou unir os elementos da Revolução Marginalista de Léon Walras (1954) com as características dos autores clássicos que reforçassem a noção de equilíbrio. Contudo, o equilíbrio só seria possível condicionalmente, ou seja, se o Estado permitisse a flexibilidade de preços e salários e que os fatores de produção se alocassem livremente. Durante a Grande Depressão, John Maynard Keynes (1996) questionou esta percepção corrente na ciência econômica de que os mercados se autorregulam, dando origem a um pensamento de que a crise é um fenômeno natural da economia (Brue, 2005; Hunt; Lautzenheiser, 2012).

Entretanto, seu trabalho gerou muito debate em relação às causas da crise e se o sistema econômico tende ou não à crise generalizada. Logo após a publicação da Teoria Geral de Keynes, John Hicks (1937) apresentou uma crítica a seu trabalho, demonstrando que o modelo de Keynes só seria possível em condições excepcionais e, para isso, sintetizou o pensamento de Keynes em um modelo de equilíbrio entre o mercado de bens e o mercado monetário, dando

¹ Embora Waltz (2002) faça uma analogia somente com a microeconomia clássica, ele reconhece a existência da revolução keynesiana e o campo da macroeconomia, argumentando, que não há paralelo possível entre a macroeconomia e o SI, uma vez que os agregados macroeconômicos só são possíveis de serem organizados por estarem dentro dos limites de um Estado. No SI reina a anarquia do poder político da mesma forma que na microeconomia predomina a anarquia da produção.

² À época, a teoria formulada por Waltz (2002), era conhecida apenas como Realismo Estrutural. A denominação ‘Defensivo’ veio posteriormente, após o trabalho de John Mearsheimer (2001) propor sua contraparte, o Realismo Ofensivo.

origem ao modelo IS-LM. Em suas palavras, “Portanto, a Teoria Geral do Emprego é a Economia da Depressão” (Hicks, 1937, p. 155, tradução própria)³. Conquanto Keynes tenha aceito as críticas de Hicks, não teve tempo, em vida, de aprofundar suas inferências e, assim, uma corrente alternativa de interpretação da obra de Keynes recusou as contribuições de Hicks, priorizando as ideias de Keynes em relação à natureza cíclica do capitalismo e da não autorregulação dos mercados. Sendo assim, da revolução posta a cabo por Keynes, surgiram duas escolas teóricas: o novo-keynesianismo, que aceita a possibilidade de crise geral da economia, ainda que o sistema não tenda para este ponto; e o pós-keynesianismo, que rejeita a ideia de que o sistema tenda ao equilíbrio de maneira natural (Brue, 2005; Hunt; Lautzenheiser, 2012).

Pela comparação dos dois campos do conhecimento em suas teorias sistêmicas, percebe-se as semelhanças, a rigor, como noções de agentes com alguma racionalidade, de um sistema e de um equilíbrio. Por exemplo, para a ciência econômica, o conjunto de firmas e consumidores constitui um sistema de produção e distribuição de renda, enquanto para as RI, um conjunto de Estados constitui um SI.

Esta semelhança teórica não é por acaso, haja vista que tais teorias sistêmicas têm a mesma base na Teoria da Escolha Racional, na qual, de maneira abstrata, o comportamento humano é dado por escolhas racionais que tendem a maximizar algum tipo de utilidade. Todavia, como o ser humano não se encontra sozinho em sociedade, a escolha é limitada pelo comportamento dos demais agentes e, logo, a maximização desta utilidade depende de um equilíbrio com as escolhas dos demais (Downs, 1999; Ferejohn; Pasquino, 2001). Esta noção de sistema, na realidade, vem desde Max Weber (1974) nas ciências sociais, mas sua formalização só foi concretizada com a revolução behaviorista e, assim, a Teoria da Escolha Racional (Downs, 1999; Ferejohn; Pasquino, 2001).

Sendo assim, para determinar um sistema, em ambas as ciências, é preciso identificar o que é comum a todos os agentes para, então, determinar o equilíbrio da estrutura. O que há de comum entre as firmas de um mercado é sua capacidade de influir, ou não, no preço, definindo assim a estrutura como concorrência perfeita, oligopólio ou monopólio. Entrementes, o que há de comum aos Estados são suas capacidades militares, e, logo, a distribuição de capacidades no SI determina se o sistema é multipolar, bipolar ou unipolar.

Contudo, ao se conduzir uma pesquisa em EPI, propõe-se a não se trabalhar com dois atores, dois sistemas e dois tipos de equilíbrio simultaneamente, mas, em vez disso, realizar

³ No original: “So the General Theory of Employment is the Economics of Depression” (Hicks, 1936, p. 155).

uma tentativa de síntese que possa ser útil às RI. Neste sentido, fica evidente, até o momento, que estas três características teóricas – tipo de ator, tipo de sistema e tipo de equilíbrio – podem ser comuns a ambas as ciências e, logo, devem estar presentes em qualquer trabalho de EPI. Porém não como constituintes de uma teoria de EPI, mas como eixos de análise da lente que a EPI pode prover.

APÊNDICE B – FONTES PARA COLETA DE DADOS DOS COEFICIENTES DOS INDICADORES

Quadro 1 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current internacional \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 2 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current international \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 3 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores da China para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current international \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 4 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current international \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(UNITED STATES, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(FMI, 2023)	Dívida externa total	(UNITED STATES, 2023b)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	Derivado dos coeficientes a seguir	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	(UNITED STATES, 2023a)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 5 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current international \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

Quadro 6 – Fontes dos coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia para todo o período de 2008-2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB (PPC - current international \$)	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Grau de integração na economia mundial	Derivado dos coeficientes a seguir	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	Derivado de outros coeficientes	Crescimento do PIB real	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Índice de concentração das exportações	(UNCTAD, 2023a)				
Grau de proteção da atividade econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Importação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (XXXX-XXXX)	Derivado dos coeficientes a seguir	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportações em XXXX	(WORLD BANK GROUP, 2023)
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Estoque de IED	(UNCTAD, 2023b)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Gastos com P&D como proporção do PIB	Derivado dos coeficientes a seguir	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)	PIB	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	Derivado dos coeficientes a seguir	Pagamento de tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Gastos com P&D	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Influência da tecnologia no padrão de comércio	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Dependência dos recursos do FMI	Derivado dos coeficientes a seguir	Dívida com FMI	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Dívida externa total	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	Derivado dos coeficientes a seguir	Renda líquida	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	(WORLD BANK GROUP, 2023)	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	(WORLD BANK GROUP, 2023)

Fonte: elaborado pelo autor.

APÊNDICE C – CÁLCULO DOS 14 INDICADORES

Tabela 1 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	32,25467367	Exportação de bens e serviços	102840415596	PIB (PPC - current international \$)	316131245861
Grau de integração na economia mundial	-2,086234	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,104810	Crescimento do PIB real	3,191043886
Índice de concentração das exportações	0,137				
Grau de proteção da atividade econômica	0,316136923	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	34.070.371.606,96	Importação de bens e serviços	107770934448
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	2,812838311	Exportações em 2008	102840415596	Exportações em 1997	36561083235
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002646014656	Estoque de IED	83 648,8	PIB	316131245861
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000813384412	Estoque de IED	83 648,8	Exportação de bens e serviços	102840415596
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,81%	Gastos com P&D	2546974681	PIB	316131245861
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6579979098	Pagamento de tecnologia	1675904017	Gastos com P&D	2546974681
Influência da tecnologia no padrão de comércio	5,48%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2087704760	Exportação de manufaturados	
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7220051871	Dívida externa total	74251313507	Exportação de bens e serviços	102840415596
Dependência dos recursos do FMI	0,004571150074	Dívida com FMI	339413897,2	Dívida externa total	74251313507
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,088795716	Renda líquida	-9131788337	Exportação de bens e serviços	102840415596
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,906170288	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público		Exportação de bens e serviços	102840415596
Exportações em 2007	93316159614	Importações em 2007	97315205909		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 2 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,98%	Exportação de bens e serviços	83531696821	PIB (PPC - current international \$)	329754054489
Grau de integração na economia mundial	2,324098	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,786009	Crescimento do PIB real	-1,538089135
Índice de concentração das exportações	0,119				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4828957344	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	39.602.644.576,48	Importação de bens e serviços	82010756673
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	2,414578555	Exportações em 2009	83531696821	Exportações em 1998	34594731513
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000420770605	Estoque de IED	138750,8	PIB	329754054489
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001661055842	Estoque de IED	138750,8	Exportação de bens e serviços	83531696821
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,75%	Gastos com P&D	2472924660	PIB	329754054489
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6704706743	Pagamento de tecnologia	1658023465	Gastos com P&D	2472924660
Influência da tecnologia no padrão de comércio	5,88%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	1482818276	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,009799528	Dívida externa total	84350268050	Exportação de bens e serviços	83531696821
Dependência dos recursos do FMI	0,03318279272	Dívida com FMI	2798977461	Dívida externa total	84350268050
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08020645132	Renda líquida	6699780975	Exportação de bens e serviços	83531696821
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	3,63761205	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	83531696821

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 3 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	25,78%	Exportação de bens e serviços	107953656099	PIB (PPC - current international \$)	417363825016
Grau de integração na economia mundial	-1,765571	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,274161	Crescimento do PIB real	3,039732881
Índice de concentração das exportações	0,13				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4255392995	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	43.819.545.749,02	Importação de bens e serviços	102974145513
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	3,199207952	Exportações em 2010	107953656099	Exportações em 1999	33743869642
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000430235684 4	Estoque de IED	179564,8	PIB	417363825016
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001663350899	Estoque de IED	179564,8	Exportação de bens e serviços	107953656099
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,66%	Gastos com P&D	2766454414	PIB	417363825016
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,7016573484	Pagamento de tecnologia	1941103069	Gastos com P&D	2766454414
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,23%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2504733101	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,068086825	Dívida externa total	115303877747	Exportação de bens e serviços	107953656099
Dependência dos recursos do FMI	0,02384649096	Dívida com FMI	2749592878	Dívida externa total	115303877747
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,07524719598	Renda líquida	-8123209917	Exportação de bens e serviços	107953656099
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,874743339	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	107953656099

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 4 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,70%	Exportação de bens e serviços	126935038374	PIB (PPC - current international \$)	458199486481
Grau de integração na economia mundial	-1,981927	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,186629	Crescimento do PIB real	3,168556279
Índice de concentração das exportações	0,148				
Grau de proteção da atividade econômica	0,3951771335	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	48748260246,04	Importação de bens e serviços	123357998502
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	3,431108258	Exportações em 2011	126935038374	Exportações em 2000	36995346355
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000347861899 2	Estoque de IED	159390,1	PIB	458199486481
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001255682793	Estoque de IED	159390,1	Exportação de bens e serviços	126935038374
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,67%	Gastos com P&D	3058619033	PIB	458199486481
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6925171375	Pagamento de tecnologia	2118146097	Gastos com P&D	3058619033
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,20%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2743376672	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9778422899	Dívida externa total	124122448597	Exportação de bens e serviços	126935038374
Dependência dos recursos do FMI	0,02208379172	Dívida com FMI	2741094302	Dívida externa total	124122448597
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08554586382	Renda líquida	-10858767507	Exportação de bens e serviços	126935038374
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,853035562	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	126935038374

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 5 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,14%	Exportação de bens e serviços	117934929475	PIB (PPC - current international \$)	434400545086
Grau de integração na economia mundial	-1,431386	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,964847	Crescimento do PIB real	2,396232385
Índice de concentração das exportações	0,164				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4102322154	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	50688078405,03	Importação de bens e serviços	123559478013
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	3,284281058	Exportações em 2012	117934929475	Exportações em 2001	35908902855
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000376404024 3	Estoque de IED	163510,1	PIB	434400545086
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001386443474	Estoque de IED	163510,1	Exportação de bens e serviços	117934929475
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,67%	Gastos com P&D	2907616671	PIB	434400545086
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6938070895	Pagamento de tecnologia	2017325060	Gastos com P&D	2907616671
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,682809481	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2860653042	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,254458025	Dívida externa total	147944418728	Exportação de bens e serviços	117934929475
Dependência dos recursos do FMI	0,01854777668	Dívida com FMI	2744040040	Dívida externa total	147944418728
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,09259605657	Renda líquida	-10920309402	Exportação de bens e serviços	117934929475
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	4,829037693	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	117934929475

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 6 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	28,38%	Exportação de bens e serviços	113644229416	PIB (PPC - current international \$)	400886013596
Grau de integração na economia mundial	-1,509039	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,976429	Crescimento do PIB real	2,485468008
Índice de concentração das exportações	0,158				
Grau de proteção da atividade econômica	0,406917131	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	49708174893,57	Importação de bens e serviços	122157980366
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	3,081260252	Exportações em 2013	113644229416	Exportações em 2002	36882385814
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000379468143	Estoque de IED	152123,5	PIB	400886013596
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,00000133859389	Estoque de IED	152123,5	Exportação de bens e serviços	113644229416
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,66%	Gastos com P&D	2659076839	PIB	400886013596
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,728332978	Pagamento de tecnologia	1936693353	Gastos com P&D	2659076839
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,521140736	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2613566643	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,24618004	Dívida externa total	141621170406	Exportação de bens e serviços	113644229416
Dependência dos recursos do FMI	0,01941473738	Dívida com FMI	2749537831	Dívida externa total	141621170406
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08528428049	Renda líquida	-9692066338	Exportação de bens e serviços	113644229416
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	6,995953329	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	113644229416

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 7 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	29,00%	Exportação de bens e serviços	110444934431	PIB (PPC - current international \$)	381198869776
Grau de integração na economia mundial	-0,452626	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,961200	Crescimento do PIB real	1,413826452
Índice de concentração das exportações	0,146				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4227029081	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	49121568380,49	Importação de bens e serviços	116208257486
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	2,33208437	Exportações em 2014	110444934431	Exportações em 2003	47358893128
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000364391457 7	Estoque de IED	138905,6	PIB	381198869776
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001257691107	Estoque de IED	138905,6	Exportação de bens e serviços	110444934431
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,71%	Gastos com P&D	2706016344	PIB	381198869776
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6400852878	Pagamento de tecnologia	1732081250	Gastos com P&D	2706016344
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,66%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2806863732	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,351888216	Dívida externa total	149309205399	Exportação de bens e serviços	110444934431
Dependência dos recursos do FMI	0,01732457298	Dívida com FMI	2586718225	Dívida externa total	149309205399
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08534342654	Renda líquida	-9425749148	Exportação de bens e serviços	110444934431
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	3,752713204	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	110444934431

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 8 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,71%	Exportação de bens e serviços	96346520856	PIB (PPC - current international \$)	346709790459
Grau de integração na economia mundial	-0,452034	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,869828	Crescimento do PIB real	1,321862237
Índice de concentração das exportações	0,146				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4552160624	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	45887065756,72	Importação de bens e serviços	100802826497
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	1,648752109	Exportações em 2015	96346520856	Exportações em 2004	58436025842
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000365595341	Estoque de IED	126755,5	PIB	346709790459
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001315620771	Estoque de IED	126755,5	Exportação de bens e serviços	96346520856
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,73%	Gastos com P&D	2536078066	PIB	346709790459
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6471152366	Pagamento de tecnologia	1641134757	Gastos com P&D	2536078066
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,41%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2818226377	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,325831565	Dívida externa total	127739258549	Exportação de bens e serviços	96346520856
Dependência dos recursos do FMI	0,01936839299	Dívida com FMI	2474104160	Dívida externa total	127739258549
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08172929644	Renda líquida	-7874333364	Exportação de bens e serviços	96346520856
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	15,24365709	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	96346520856

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 9 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	28,16%	Exportação de bens e serviços	91482650746	PIB (PPC - current international \$)	323585509674
Grau de integração na economia mundial	0,255722	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,920274	Crescimento do PIB real	0,6645523079
Índice de concentração das exportações	0,15				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5245222723	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	47180127300,86	Importação de bens e serviços	89948758687
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	1,343560417	Exportações em 2016	91482650746	Exportações em 2005	68089718598
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000418601951 2	Estoque de IED	135453,5	PIB	323585509674
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001480647146	Estoque de IED	135453,5	Exportação de bens e serviços	91482650746
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,75%	Gastos com P&D	2426632488	PIB	323585509674
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,7546436593	Pagamento de tecnologia	1831242821	Gastos com P&D	2426632488
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,66%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2397477040	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,57458942	Dívida externa total	144047613945	Exportação de bens e serviços	91482650746
Dependência dos recursos do FMI	0,01666247724	Dívida com FMI	2400190089	Dívida externa total	144047613945
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,09007448057	Renda líquida	-8240252248	Exportação de bens e serviços	91482650746
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,84221049	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	91482650746

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 10 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,34%	Exportação de bens e serviços	104172007273	PIB (PPC - current international \$)	381448814653
Grau de integração na economia mundial	-0,033583	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,124364	Crescimento do PIB real	1,157946952
Índice de concentração das exportações	0,14				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5081286873	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	50722891363,24	Importação de bens e serviços	99822924053
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	1,318645223	Exportações em 2017	104172007273	Exportações em 2006	78999267955
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000409892537 3	Estoque de IED	156353,0	PIB	381448814653
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001500912065	Estoque de IED	156353,0	Exportação de bens e serviços	104172007273
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,76%	Gastos com P&D	2908814316	PIB	381448814653
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,6474631574	Pagamento de tecnologia	1883350101	Gastos com P&D	2908814316
Influência da tecnologia no padrão de comércio	5,68%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2197945701	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,67998407	Dívida externa total	175007312730	Exportação de bens e serviços	104172007273
Dependência dos recursos do FMI	0,01452893929	Dívida com FMI	2542670622	Dívida externa total	175007312730
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1016425471	Renda líquida	-10588308158	Exportação de bens e serviços	104172007273
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,018454314	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	104172007273

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 11 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,56%	Exportação de bens e serviços	111372874802	PIB (PPC - current international \$)	404158882459
Grau de integração na economia mundial	-0,440149	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,082181	Crescimento do PIB real	1,522329387
Índice de concentração das exportações	0,147				
Grau de proteção da atividade econômica	0,4721063041	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	51642041966,67	Importação de bens e serviços	109386469771
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	1,19350041	Exportações em 2018	111372874802	Exportações em 2007	93316159614
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000342839351 7	Estoque de IED	138561,6	PIB	404158882459
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001244123127	Estoque de IED	138561,6	Exportação de bens e serviços	111372874802
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,69%	Gastos com P&D	2779521940	PIB	404158882459
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,5540905139	Pagamento de tecnologia	1540106740	Gastos com P&D	2779521940
Influência da tecnologia no padrão de comércio	5,27%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	2091401860	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,617810418	Dívida externa total	180180197116	Exportação de bens e serviços	111372874802
Dependência dos recursos do FMI	0,01378142642	Dívida com FMI	2483140129	Dívida externa total	180180197116
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1031434677	Renda líquida	-11487384510	Exportação de bens e serviços	111372874802
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	13,16396671	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	111372874802

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 12 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da África do Sul em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,30%	Exportação de bens e serviços	105833418675	PIB (PPC - current international \$)	388531226582
Grau de integração na economia mundial	0,646577	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,950030	Crescimento do PIB real	0,3034532352
Índice de concentração das exportações	0,151				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5299208729	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	55055893656,87	Importação de bens e serviços	103894555726
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	1,029103374	Exportações em 2019	105833418675	Exportações em 2008	102840415596
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000373834769 1	Estoque de IED	145246,5	PIB	388531226582
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001372406591	Estoque de IED	145246,5	Exportação de bens e serviços	105833418675
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,61%	Gastos com P&D	2386747374	PIB	388531226582
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,5682005554	Pagamento de tecnologia	1356151183	Gastos com P&D	2386747374
Influência da tecnologia no padrão de comércio	4,89%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	1832830758	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,802221328	Dívida externa total	190735244383	Exportação de bens e serviços	105833418675
Dependência dos recursos do FMI	0,01294421252	Dívida com FMI	2468917538	Dívida externa total	190735244383
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,09208064357	Renda líquida	-9745209303	Exportação de bens e serviços	105833418675
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	6,708338977	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	105833418675

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 13 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	13,53%	Exportação de bens e serviços	226199473965	PIB (PPC - current international \$)	1695855391816
Grau de integração na economia mundial	-3,779147	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,315048	Crescimento do PIB real	5,094195447
Índice de concentração das exportações	0,109				
Grau de proteção da atividade econômica	0,8642578325	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	193783363540,65	Importação de bens e serviços	224219389454
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	3,836649288	Exportações em 2008	226199473965	Exportações em 1997	58957558271
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001536278368	Estoque de IED	260530,5955	PIB	1695855391816
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001151773657	Estoque de IED	260530,5955	Exportação de bens e serviços	226199473965
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,13%	Gastos com P&D	19146885764	PIB	1695855391816
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,140867347	Pagamento de tecnologia	2697171000	Gastos com P&D	19146885764
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,76%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10794672124	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,162501538	Dívida externa total	262957236463	Exportação de bens e serviços	226199473965
Dependência dos recursos do FMI	0,00210090678	Dívida com FMI	552448640,9	Dívida externa total	262957236463
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1848177534	Renda líquida	-41805678595	Exportação de bens e serviços	226199473965
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	9,365010523	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	226199473965
Exportações em 2007	182364246892	Importações em 2007	160146992716		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 14 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	10,85%	Exportação de bens e serviços	178720569942	PIB (PPC - current international \$)	1666996294325
Grau de integração na economia mundial	0,914244	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,788432	Crescimento do PIB real	-0,1258120022
Índice de concentração das exportações	0,119				
Grau de proteção da atividade econômica	1,352234484	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	238539464848,44	Importação de bens e serviços	176403920775
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	3,068795125	Exportações em 2009	178720569942	Exportações em 1998	58238025881
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000220266356 3	Estoque de IED	367183,1998	PIB	1666996294325
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002054510009	Estoque de IED	367183,1998	Exportação de bens e serviços	178720569942
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,12%	Gastos com P&D	18648020298	PIB	1666996294325
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1347083529	Pagamento de tecnologia	2512044100	Gastos com P&D	18648020298
Influência da tecnologia no padrão de comércio	14,76%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	8460823303	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,575930171	Dívida externa total	281651138432	Exportação de bens e serviços	178720569942
Dependência dos recursos do FMI	0,01606967773	Dívida com FMI	4526043028	Dívida externa total	281651138432
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1957390494	Renda líquida	-34982594460	Exportação de bens e serviços	178720569942
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,147211638	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	178720569942

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 15 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	10,87%	Exportação de bens e serviços	231257934469	PIB (PPC - current international \$)	2208838108593
Grau de integração na economia mundial	-6,171280	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,356946	Crescimento do PIB real	7,528225818
Índice de concentração das exportações	0,154				
Grau de proteção da atividade econômica	1,151411484	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	288574623536,62	Importação de bens e serviços	250626841425
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	4,243654057	Exportações em 2010	231257934469	Exportações em 1999	54495001560
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002898943224	Estoque de IED	640329,6269	PIB	2208838108593
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002768897977	Estoque de IED	640329,6269	Exportação de bens e serviços	231257934469
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,16%	Gastos com P&D	25620754485	PIB	2208838108593
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1306303804	Pagamento de tecnologia	3346848904	Gastos com P&D	25620754485
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,5894529	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	8821366143	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,523685722	Dívida externa total	352364412863	Exportação de bens e serviços	231257934469
Dependência dos recursos do FMI	0,01261814841	Dívida com FMI	4446186455	Dívida externa total	352364412863
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,3037510595	Renda líquida	-70244842613	Exportação de bens e serviços	231257934469
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,944958463	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	231257934469

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 16 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,58%	Exportação de bens e serviços	291839295243	PIB (PPC - current international \$)	2616156606735
Grau de integração na economia mundial	-2,728257	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,246166	Crescimento do PIB real	3,974423079
Índice de concentração das exportações	0,172				
Grau de proteção da atividade econômica	1,140413253	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	352010222755,83	Importação de bens e serviços	308669003818
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	4,58982997	Exportações em 2011	291839295243	Exportações em 2000	63583901173
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000248122149	Estoque de IED	649126,3993	PIB	2616156606735
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002224259755	Estoque de IED	649126,3993	Exportação de bens e serviços	291839295243
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,14%	Gastos com P&D	29815290405	PIB	2616156606735
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1296626474	Pagamento de tecnologia	3865929487	Gastos com P&D	29815290405
Influência da tecnologia no padrão de comércio	11,14049999	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9144341214	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,3844815	Dívida externa total	404046105342	Exportação de bens e serviços	291839295243
Dependência dos recursos do FMI	0,01097014402	Dívida com FMI	4432443965	Dívida externa total	404046105342
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,2389355924	Renda líquida	-69730794887	Exportação de bens e serviços	291839295243
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	6,767247242	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	291839295243

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 17 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,88%	Exportação de bens e serviços	280178111684	PIB (PPC - current international \$)	2465228293863
Grau de integração na economia mundial	-0,935351	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,985825	Crescimento do PIB real	1,921175986
Índice de concentração das exportações	0,149				
Grau de proteção da atividade econômica	1,196727834	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	373160977539,73	Importação de bens e serviços	311817747489
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	4,202988872	Exportações em 2012	280178111684	Exportações em 2001	66661635384
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002694308114	Estoque de IED	664208,4594	PIB	2465228293863
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002370665058	Estoque de IED	664208,4594	Exportação de bens e serviços	280178111684
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,13%	Gastos com P&D	27779178393	PIB	2465228293863
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1575962975	Pagamento de tecnologia	4377895662	Gastos com P&D	27779178393
Influência da tecnologia no padrão de comércio	11,88721333	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9470908285	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,572202038	Dívida externa total	440496598193	Exportação de bens e serviços	280178111684
Dependência dos recursos do FMI	0,01007319317	Dívida com FMI	4437207324	Dívida externa total	440496598193
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,2279851394	Renda líquida	-63876445856	Exportação de bens e serviços	280178111684
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	4,066576299	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	280178111684

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 18 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,74%	Exportação de bens e serviços	279141692255	PIB (PPC - current international \$)	2472819362259
Grau de integração na economia mundial	-1,969568	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,035255	Crescimento do PIB real	3,004822669
Índice de concentração das exportações	0,157				
Grau de proteção da atividade econômica	1,075185749	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	358816422466,12	Importação de bens e serviços	333725054323
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	4,04609297	Exportações em 2013	279141692255	Exportações em 2002	68990429609
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000253875690 6	Estoque de IED	627788,7233	PIB	2472819362259
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002248996623	Estoque de IED	627788,7233	Exportação de bens e serviços	279141692255
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,20%	Gastos com P&D	29566759483	PIB	2472819362259
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1610442052	Pagamento de tecnologia	4761555280	Gastos com P&D	29566759483
Influência da tecnologia no padrão de comércio	11,96971682	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9066226856	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,732936524	Dívida externa total	483734834012	Exportação de bens e serviços	279141692255
Dependência dos recursos do FMI	0,009191187257	Dívida com FMI	4446097442	Dívida externa total	483734834012
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1342816716	Renda líquida	-37483613050	Exportação de bens e serviços	279141692255
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,143296614	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	279141692255

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 19 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,01%	Exportação de bens e serviços	263469234178	PIB (PPC - current international \$)	2456043766064
Grau de integração na economia mundial	0,459924	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,963880	Crescimento do PIB real	0,5039557402
Índice de concentração das exportações	0,15				
Grau de proteção da atividade econômica	1,11094971	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	363570226084,66	Importação de bens e serviços	327260741679
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	3,195057329	Exportações em 2014	263469234178	Exportações em 2003	82461504447
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002449019628	Estoque de IED	601489,939	PIB	2456043766064
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,00000228296082	Estoque de IED	601489,939	Exportação de bens e serviços	263469234178
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,27%	Gastos com P&D	31184631945	PIB	2456043766064
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1971267864	Pagamento de tecnologia	6147326282	Gastos com P&D	31184631945
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,37105526	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	8794610139	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,11379379	Dívida externa total	556919631072	Exportação de bens e serviços	263469234178
Dependência dos recursos do FMI	0,007510622507	Dívida com FMI	4182813116	Dívida externa total	556919631072
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1875994523	Renda líquida	-49426684042	Exportação de bens e serviços	263469234178
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,490612036	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	263469234178

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 20 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,90%	Exportação de bens e serviços	223588701285	PIB (PPC - current international \$)	1802211999556
Grau de integração na economia mundial	4,350534	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,804771	Crescimento do PIB real	-3,545763393
Índice de concentração das exportações	0,132				
Grau de proteção da atividade econômica	1,415590502	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	356464980327,49	Importação de bens e serviços	251813628224
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	2,077066557	Exportações em 2015	223588701285	Exportações em 2004	107646382587
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000238508566 2	Estoque de IED	429843	PIB	1802211999556
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001922471921	Estoque de IED	429843	Exportação de bens e serviços	223588701285
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,37%	Gastos com P&D	24707064180	PIB	1802211999556
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2233072691	Pagamento de tecnologia	5517267029	Gastos com P&D	24707064180
Influência da tecnologia no padrão de comércio	14,48571488	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9433008382	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,430343542	Dívida externa total	543397356310	Exportação de bens e serviços	223588701285
Dependência dos recursos do FMI	0,007362406569	Dívida com FMI	4000712266	Dívida externa total	543397356310
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,16966493	Renda líquida	-37935161342	Exportação de bens e serviços	223588701285
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	12,76225059	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	223588701285

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 21 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,47%	Exportação de bens e serviços	217320605383	PIB (PPC - current international \$)	1795693265824
Grau de integração na economia mundial	4,173585	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,897668	Crescimento do PIB real	-3,275916908
Índice de concentração das exportações	0,131				
Grau de proteção da atividade econômica	1,742725538	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	364984039092,46	Importação de bens e serviços	209432886126
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	1,631823945	Exportações em 2016	217320605383	Exportações em 2005	133176502332
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000313828369 6	Estoque de IED	563539,49	PIB	1795693265824
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002593124978	Estoque de IED	563539,49	Exportação de bens e serviços	217320605383
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,29%	Gastos com P&D	23099260164	PIB	1795693265824
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,230098653	Pagamento de tecnologia	5315108648	Gastos com P&D	23099260164
Influência da tecnologia no padrão de comércio	15,9999584	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10375405524	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,499796223	Dívida externa total	543257228545	Exportação de bens e serviços	217320605383
Dependência dos recursos do FMI	0,007144296374	Dívida com FMI	3881190648	Dívida externa total	543257228545
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1911593561	Renda líquida	-41542866982	Exportação de bens e serviços	217320605383
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	10,65472995	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	217320605383

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 22 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,52%	Exportação de bens e serviços	251257920807	PIB (PPC - current international \$)	2063514688762
Grau de integração na economia mundial	-0,182119	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,140750	Crescimento do PIB real	1,322869054
Índice de concentração das exportações	0,148				
Grau de proteção da atividade econômica	1,587509208	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	373955518686,49	Importação de bens e serviços	235561165140
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	1,616437224	Exportações em 2017	251257920807	Exportações em 2006	155439331084
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000003019221768	Estoque de IED	623020,8466	PIB	2063514688762
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002479606791	Estoque de IED	623020,8466	Exportação de bens e serviços	251257920807
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,12%	Gastos com P&D	23059775565	PIB	2063514688762
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2342663088	Pagamento de tecnologia	5402128504	Gastos com P&D	23059775565
Influência da tecnologia no padrão de comércio	14,311719	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10715074507	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,161127197	Dívida externa total	543000326111	Exportação de bens e serviços	251257920807
Dependência dos recursos do FMI	0,007571978166	Dívida com FMI	4111586614	Dívida externa total	543000326111
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1718140003	Renda líquida	-43169628473	Exportação de bens e serviços	251257920807
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	10,89793857	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	251257920807

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 23 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	14,63%	Exportação de bens e serviços	273563982045	PIB (PPC - current international \$)	1916933708404
Grau de integração na economia mundial	-0,668092	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,115574	Crescimento do PIB real	1,783666762
Índice de concentração das exportações	1,171				
Grau de proteção da atividade econômica	1,390290999	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	374709673447,83	Importação de bens e serviços	269518880300
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	1,500096574	Exportações em 2018	273563982045	Exportações em 2007	182364246892
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002966933256	Estoque de IED	568741,4369	PIB	1916933708404
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002079007012	Estoque de IED	568741,4369	Exportação de bens e serviços	273563982045
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,17%	Gastos com P&D	22383843961	PIB	1916933708404
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2289196459	Pagamento de tecnologia	5124101633	Gastos com P&D	22383843961
Influência da tecnologia no padrão de comércio	14,74391203	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	11062943508	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,038801033	Dívida externa total	557742529135	Exportação de bens e serviços	273563982045
Dependência dos recursos do FMI	0,007199242539	Dívida com FMI	4015323742	Dívida externa total	557742529135
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,2150283953	Renda líquida	-58824024058	Exportação de bens e serviços	273563982045
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	11,8945953	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	273563982045

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 24 – Coeficientes em dólares dos Indicadores do Brasil em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	14,12%	Exportação de bens e serviços	258832697631	PIB (PPC - current international \$)	1873288159001
Grau de integração na economia mundial	-0,245605	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,975173	Crescimento do PIB real	1,220777824
Índice de concentração das exportações	0,165				
Grau de proteção da atividade econômica	1,318057617	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	356886386911,98	Importação de bens e serviços	270766909005
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	1,14426746	Exportações em 2019	258832697631	Exportações em 2008	226199473965
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000376360121 7	Estoque de IED	705030,9595	PIB	1873288159001
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002723886765	Estoque de IED	705030,9595	Exportação de bens e serviços	258832697631
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,21%	Gastos com P&D	22684770863	PIB	1873288159001
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2312661274	Pagamento de tecnologia	5246219108	Gastos com P&D	22684770863
Influência da tecnologia no padrão de comércio	14,06645865	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9391878589	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	2,19713415	Dívida externa total	568690159151	Exportação de bens e serviços	258832697631
Dependência dos recursos do FMI	0,007020211716	Dívida com FMI	3992325318	Dívida externa total	568690159151
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,2212688451	Renda líquida	-57271612077	Exportação de bens e serviços	258832697631
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	14,7505338	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	258832697631

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 25 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	32,60%	Exportação de bens e serviços	1497868782940	PIB (PPC - current international \$)	4594336785738
Grau de integração na economia mundial	-8,451942	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,198737	Crescimento do PIB real	9,65067892
Índice de concentração das exportações	0,097				
Grau de proteção da atividade econômica	1,711031685	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	1966037431070,1 1	Importação de bens e serviços	1149036249786
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	10,65848436	Exportações em 2008	1497868782940	Exportações em 1997	140533000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000082293270 53	Estoque de IED	378083,0	PIB	4594336785738
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000252413966	Estoque de IED	378083,0	Exportação de bens e serviços	1497868782940
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,45%	Gastos com P&D	66430434018	PIB	4594336785738
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1553424497	Pagamento de tecnologia	10319466356	Gastos com P&D	66430434018
Influência da tecnologia no padrão de comércio	29,36%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	390966877665	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,2579819418	Dívida externa total	386423097230	Exportação de bens e serviços	1497868782940
Dependência dos recursos do FMI	0,0009438771611	Dívida com FMI	364735936	Dívida externa total	386423097230
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,0190804634	Renda líquida	28580030495	Exportação de bens e serviços	1497868782940
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,5856003798	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	1497868782940
Exportações em 2007	1258056795941	Importações em 2007	950020767157		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 26 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,75%	Exportação de bens e serviços	1262664161020	PIB (PPC - current international \$)	5101691085626
Grau de integração na economia mundial	-8,527822	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,870903	Crescimento do PIB real	9,398725632
Índice de concentração das exportações	0,109				
Grau de proteção da atividade econômica	2,352824587	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	2452899062067,79	Importação de bens e serviços	1042533759653
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	8,932006459	Exportações em 2009	1262664161020	Exportações em 1998	141364000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,00000009254735186	Estoque de IED	472148,0	PIB	5101691085626
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000003739299923	Estoque de IED	472148,0	Exportação de bens e serviços	1262664161020
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,66%	Gastos com P&D	84932955636	PIB	5101691085626
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,130282421	Pagamento de tecnologia	11065271082	Gastos com P&D	84932955636
Influência da tecnologia no padrão de comércio	31,94%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	359238436559	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,3599497217	Dívida externa total	454495613319	Exportação de bens e serviços	1262664161020
Dependência dos recursos do FMI	0,02410943709	Dívida com FMI	10957633395	Dívida externa total	454495613319
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,006757600949	Renda líquida	-8532580532	Exportação de bens e serviços	1262664161020
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,6332048912	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	1262664161020

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 27 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,19%	Exportação de bens e serviços	1656411658783	PIB (PPC - current international \$)	6087191720867
Grau de integração na economia mundial	-9,295509	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,340362	Crescimento do PIB real	10,63587106
Índice de concentração das exportações	0,107				
Grau de proteção da atividade econômica	2,032744898	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	2913711711315,37	Importação de bens e serviços	1433387787070
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	11,05129072	Exportações em 2010	1656411658783	Exportações em 1999	149884000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000000964126032	Estoque de IED	586882,0	PIB	6087191720867
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000003543092666	Estoque de IED	586882,0	Exportação de bens e serviços	1656411658783
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,71%	Gastos com P&D	104317419769	PIB	6087191720867
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1249987441	Pagamento de tecnologia	13039546459	Gastos com P&D	104317419769
Influência da tecnologia no padrão de comércio	32,12%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	474347228702	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,4484015022	Dívida externa total	742737476057	Exportação de bens e serviços	1656411658783
Dependência dos recursos do FMI	0,01449273736	Dívida com FMI	10764299165	Dívida externa total	742737476057
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,01563581067	Renda líquida	-25899339086	Exportação de bens e serviços	1656411658783
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,7670147393	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	1656411658783

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 28 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	26,57%	Exportação de bens e serviços	2008852448487	PIB (PPC - current international \$)	7551545321800
Grau de integração na economia mundial	-8,309392	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,241440	Crescimento do PIB real	9,550832179
Índice de concentração das exportações	0,099				
Grau de proteção da atividade econômica	1,781480808	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3254674063563,49	Importação de bens e serviços	1826948709575
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	10,57071648	Exportações em 2011	2008852448487	Exportações em 2000	190039384000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,00000009413530207	Estoque de IED	710867,0	PIB	7551545321800
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000003538672044	Estoque de IED	710867,0	Exportação de bens e serviços	2008852448487
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,78%	Gastos com P&D	134443178681	PIB	7551545321800
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1093853094	Pagamento de tecnologia	14706108691	Gastos com P&D	134443178681
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,48%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	540167515628	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,524781982	Dívida externa total	1054209569423	Exportação de bens e serviços	2008852448487
Dependência dos recursos do FMI	0,01017921735	Dívida com FMI	10731028343	Dívida externa total	1054209569423
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,03500384858	Renda líquida	-70317566924	Exportação de bens e serviços	2008852448487
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,656594421	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2008852448487

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 29 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	25,49%	Exportação de bens e serviços	2175092012376	PIB (PPC - current international \$)	8532185615747
Grau de integração na economia mundial	-6,790078	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,073658	Crescimento do PIB real	7,863736449
Índice de concentração das exportações	0,101				
Grau de proteção da atividade econômica	1,743222934	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3387512973773,81	Importação de bens e serviços	1943247135628
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	10,42849478	Exportações em 2012	2175092012376	Exportações em 2001	208572000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,00000009750608314	Estoque de IED	831940,0	PIB	8532185615747
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000003824849686	Estoque de IED	831940,0	Exportação de bens e serviços	2175092012376
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,91%	Gastos com P&D	163147335039	PIB	8532185615747
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1087911331	Pagamento de tecnologia	17748983437	Gastos com P&D	163147335039
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,85%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	593857571482	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,5278693326	Dívida externa total	1148164368938	Exportação de bens e serviços	2175092012376
Dependência dos recursos do FMI	0,009356291498	Dívida com FMI	10742560524	Dívida externa total	
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,009142983938	Renda líquida	-19886831334	Exportação de bens e serviços	2175092012376
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,4459870255	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2175092012376

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 30 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,60%	Exportação de bens e serviços	2355594737798	PIB (PPC - current international \$)	9570470577245
Grau de integração na economia mundial	-6,679350	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,086800	Crescimento do PIB real	7,766150098
Índice de concentração das exportações	0,103				
Grau de proteção da atividade econômica	1,83017663	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3880368265252,93	Importação de bens e serviços	2120215176194
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	9,512694123	Exportações em 2013	2355594737798	Exportações em 2002	247626456545
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,00000009987502624	Estoque de IED	955851,0	PIB	9570470577245
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000004057790522	Estoque de IED	955851,0	Exportação de bens e serviços	2355594737798
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,00%	Gastos com P&D	191204599152	PIB	9570470577245
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,110002994	Pagamento de tecnologia	21033078371	Gastos com P&D	191204599152
Influência da tecnologia no padrão de comércio	31,57%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	655897281624	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,6284937881	Dívida externa total	1480476659937	Exportação de bens e serviços	2355594737798
Dependência dos recursos do FMI	0,007270687849	Dívida com FMI	10764083662	Dívida externa total	1480476659937
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,03330034991	Renda líquida	-78442129020	Exportação de bens e serviços	2355594737798
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,4794962412	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2355594737798

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 31 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	23,51%	Exportação de bens e serviços	2462902030661	PIB (PPC - current international \$)	10475624783236
Grau de integração na economia mundial	-6,374668	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,051096	Crescimento do PIB real	7,425763656
Índice de concentração das exportações	0,101				
Grau de proteção da atividade econômica	1,739844067	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3900039302991,09	Importação de bens e serviços	2241602783714
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	5,522496483	Exportações em 2014	2462902030661	Exportações em 2003	445976206261
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001035120122	Estoque de IED	1084353,0	PIB	10475624783236
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000004402745162	Estoque de IED	1084353,0	Exportação de bens e serviços	2462902030661
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,02%	Gastos com P&D	211862172341	PIB	10475624783236
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1067382654	Pagamento de tecnologia	22613800782	Gastos com P&D	211862172341
Influência da tecnologia no padrão de comércio	29,70%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	653847619827	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7220671145	Dívida externa total	1778380562696	Exportação de bens e serviços	2462902030661
Dependência dos recursos do FMI	0,005694318943	Dívida com FMI	10126666126	Dívida externa total	1778380562696
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,005400626636	Renda líquida	13301214309	Exportação de bens e serviços	2462902030661
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,5442941548	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2462902030661

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 32 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	21,35%	Exportação de bens e serviços	2360152452309	PIB (PPC - current international \$)	11061573199440
Grau de integração na economia mundial	-6,114040	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,927289	Crescimento do PIB real	7,041328879
Índice de concentração das exportações	0,104				
Grau de proteção da atividade econômica	1,700686464	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3405253363888,14	Importação de bens e serviços	2002281688028
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	3,902531639	Exportações em 2015	2360152452309	Exportações em 2004	604774713080
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001102853977	Estoque de IED	1219930,0	PIB	11061573199440
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000005168861015	Estoque de IED	1219930,0	Exportação de bens e serviços	2360152452309
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,06%	Gastos com P&D	227537659722	PIB	11061573199440
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,09678558741	Pagamento de tecnologia	22022366055	Gastos com P&D	227537659722
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,42%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	652212458371	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,5651198442	Dívida externa total	1333768986064	Exportação de bens e serviços	2360152452309
Dependência dos recursos do FMI	0,007261974734	Dívida com FMI	9685796677	Dívida externa total	1333768986064
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,02211684197	Renda líquida	-52199118805	Exportação de bens e serviços	2360152452309
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	1,339870192	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2360152452309

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 33 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,58%	Exportação de bens e serviços	2197922469130	PIB (PPC - current international \$)	11233314018690
Grau de integração na economia mundial	-5,899726	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,949036	Crescimento do PIB real	6,848762205
Índice de concentração das exportações	0,105				
Grau de proteção da atividade econômica	1,594934475	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3097658421378,40	Importação de bens e serviços	1942185380887
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	2,842120278	Exportações em 2016	2197922469130	Exportações em 2005	773339005397
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001205023734	Estoque de IED	1353641,0	PIB	11233314018690
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000006158729523	Estoque de IED	1353641,0	Exportação de bens e serviços	2197922469130
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,10%	Gastos com P&D	235936677176	PIB	11233314018690
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1016356613	Pagamento de tecnologia	23979580208	Gastos com P&D	235936677176
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,24%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	594520851399	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,6432912399	Dívida externa total	1413904270463	Exportação de bens e serviços	2197922469130
Dependência dos recursos do FMI	0,006645734706	Dívida com FMI	9396432681	Dívida externa total	1413904270463
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,02496893808	Renda líquida	-54879790036	Exportação de bens e serviços	2197922469130
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,7633987592	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2197922469130

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 34 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,69%	Exportação de bens e serviços	2429277356205	PIB (PPC - current international \$)	12310491176727
Grau de integração na economia mundial	-5,826084	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,121117	Crescimento do PIB real	6,947200793
Índice de concentração das exportações	0,096				
Grau de proteção da atividade econômica	1,46260869	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3235681607213,04	Importação de bens e serviços	2212267456271
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	2,449531583	Exportações em 2017	2429277356205	Exportações em 2006	991731387760
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001210314015	Estoque de IED	1489956,0	PIB	12310491176727
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000006133330129	Estoque de IED	1489956,0	Exportação de bens e serviços	2429277356205
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,12%	Gastos com P&D	260493683714	PIB	12310491176727
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1103538459	Pagamento de tecnologia	28746479819	Gastos com P&D	260493683714
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,91%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	654156803837	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7016876035	Dívida externa total	1704593806232	Exportação de bens e serviços	2429277356205
Dependência dos recursos do FMI	0,005839646631	Dívida com FMI	9954225478	Dívida externa total	1704593806232
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,006782887341	Renda líquida	-16477514627	Exportação de bens e serviços	2429277356205
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,6912624031	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2429277356205

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 35 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,11%	Exportação de bens e serviços	2651009602169	PIB (PPC - current international \$)	13894907485399
Grau de integração na economia mundial	-5,626416	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,123357	Crescimento do PIB real	6,749773832
Índice de concentração das exportações	0,097				
Grau de proteção da atividade econômica	1,236085532	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3168216331199,09	Importação de bens e serviços	2563104453717
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	2,107225692	Exportações em 2018	2651009602169	Exportações em 2007	1258056795941
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001171840116	Estoque de IED	1628261,0	PIB	13894907485399
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000006142041125	Estoque de IED	1628261,0	Exportação de bens e serviços	2651009602169
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,14%	Gastos com P&D	297431602160	PIB	13894907485399
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1203064963	Pagamento de tecnologia	35782953953	Gastos com P&D	297431602160
Influência da tecnologia no padrão de comércio	31,55%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	731318634577	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7399303501	Dívida externa total	1961562462977	Exportação de bens e serviços	2651009602169
Dependência dos recursos do FMI	0,004955830624	Dívida com FMI	9721171325	Dívida externa total	1961562462977
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,0231476166	Renda líquida	-61364553886	Exportação de bens e serviços	2651009602169
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	0,7339032256	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2651009602169

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 36 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da China em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	18,41%	Exportação de bens e serviços	2630999236935	PIB (PPC - current international \$)	14279968485748
Grau de integração na economia mundial	-4,966603	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,983898	Crescimento do PIB real	5,950500754
Índice de concentração das exportações	0,095				
Grau de proteção da atividade econômica	1,289593745	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	3222894578036,36	Importação de bens e serviços	2499154939623
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	1,75649514	Exportações em 2019	2630999236935	Exportações em 2008	1497868782940
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001239138589	Estoque de IED	1769486,0	PIB	14279968485748
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000006725528366	Estoque de IED	1769486,0	Exportação de bens e serviços	2630999236935
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,24%	Gastos com P&D	320532470665	PIB	14279968485748
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1072292813	Pagamento de tecnologia	34370466478	Gastos com P&D	320532470665
Influência da tecnologia no padrão de comércio	30,82%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	715302940183	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,803558572	Dívida externa total	2114161989828	Exportação de bens e serviços	2630999236935
Dependência dos recursos do FMI	0,00457178389	Dívida com FMI	9665491726	Dívida externa total	2114161989828
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,01489337452	Renda líquida	-39184456992	Exportação de bens e serviços	2630999236935
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	1,008857168	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	2630999236935

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 37 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,43%	Exportação de bens e serviços	1849584000000	PIB (PPC - current international \$)	14769857911000
Grau de integração na economia mundial	0,791923	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,914112	Crescimento do PIB real	0,122188443
Índice de concentração das exportações	0,069				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1147747929	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	294045673779,63	Importação de bens e serviços	2561936000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	1,979309954	Exportações em 2008	1849584000000	Exportações em 1997	934459000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000168345966 2	Estoque de IED	2486446,0	PIB	14769857911000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001344327157	Estoque de IED	2486446,0	Exportação de bens e serviços	1849584000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,76%	Gastos com P&D	407237480700	PIB	14769857911000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,0681764359	Pagamento de tecnologia	27764000000	Gastos com P&D	407237480700
Influência da tecnologia no padrão de comércio	28,40%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	243004983889	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,433871617	Dívida externa total	13749570000000	Exportação de bens e serviços	1849584000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	13749570000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,06056442962	Renda líquida	112019000000	Exportação de bens e serviços	1849584000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,41998898	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	10024724896912	Exportação de bens e serviços	1849584000000
Exportações em 2007	1660811000000	Importações em 2007	2371811000000		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 38 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	10,93%	Exportação de bens e serviços	1592788000000	PIB (PPC - current international \$)	14478064934000
Grau de integração na economia mundial	3,411481	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,811592	Crescimento do PIB real	-2,599888351
Índice de concentração das exportações	0,088				
Grau de proteção da atividade econômica	0,2033133601	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	404098925258,35	Importação de bens e serviços	1987567000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	1,706833494	Exportações em 2009	1592788000000	Exportações em 1998	933183000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002068963645	Estoque de IED	2995459,0	PIB	14478064934000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001880638855	Estoque de IED	2995459,0	Exportação de bens e serviços	1592788000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,81%	Gastos com P&D	406405070466	PIB	14478064934000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,0723932897	Pagamento de tecnologia	29421000000	Gastos com P&D	406405070466
Influência da tecnologia no padrão de comércio	24,35%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	150884049387	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	8,577281471	Dívida externa total	13661791000000	Exportação de bens e serviços	1592788000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	13661791000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,07253947167	Renda líquida	115540000000	Exportação de bens e serviços	1592788000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,47734727	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	11909829003512	Exportação de bens e serviços	1592788000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 39 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,34%	Exportação de bens e serviços	1872324000000	PIB (PPC - current international \$)	15048964444000
Grau de integração na economia mundial	-1,522459	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,186398	Crescimento do PIB real	2,708856694
Índice de concentração das exportações	0,082				
Grau de proteção da atividade econômica	0,2058297959	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	488928508742,44	Importação de bens e serviços	2375402000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	1,917341255	Exportações em 2010	1872324000000	Exportações em 1999	976521000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002274105313	Estoque de IED	3422293,0	PIB	15048964444000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001827831615	Estoque de IED	3422293,0	Exportação de bens e serviços	1872324000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,73%	Gastos com P&D	410093308388	PIB	15048964444000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,07587297662	Pagamento de tecnologia	31115000000	Gastos com P&D	410093308388
Influência da tecnologia no padrão de comércio	22,61%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	166039756444	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,75317413	Dívida externa total	14516454000000	Exportação de bens e serviços	1872324000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	14516454000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,09074871657	Renda líquida	169911000000	Exportação de bens e serviços	1872324000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,243203116	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	13561623030892	Exportação de bens e serviços	1872324000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 40 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	13,56%	Exportação de bens e serviços	2143556000000	PIB (PPC - current international \$)	15599728123000
Grau de integração na economia mundial	-0,410078	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,139817	Crescimento do PIB real	1,54989495
Índice de concentração das exportações	0,083				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1991299128	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	537267041107,47	Importação de bens e serviços	2698073000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	1,979345536	Exportações em 2011	2143556000000	Exportações em 2000	1082962000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002242812165	Estoque de IED	3498726,0	PIB	15599728123000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001632206483	Estoque de IED	3498726,0	Exportação de bens e serviços	2143556000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,76%	Gastos com P&D	429791235544	PIB	15599728123000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,07657671278	Pagamento de tecnologia	32912000000	Gastos com P&D	429791235544
Influência da tecnologia no padrão de comércio	20,61303528	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	166463697491	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,234779497	Dívida externa total	15508155000000	Exportação de bens e serviços	2143556000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	15508155000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,09443700095	Renda líquida	202431000000	Exportação de bens e serviços	2143556000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	6,89990853	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	14790340328557	Exportação de bens e serviços	2143556000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 41 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	13,64%	Exportação de bens e serviços	2247453000000	PIB (PPC - current international \$)	16253972230000
Grau de integração na economia mundial	-1,243679	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,037009	Crescimento do PIB real	2,280687603
Índice de concentração das exportações	0,09				
Grau de proteção da atividade econômica	0,2070658278	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	574268084132,45	Importação de bens e serviços	2773360000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	2,213445621	Exportações em 2012	2247453000000	Exportações em 2001	1015364000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000240913725 2	Estoque de IED	3915805,0	PIB	16253972230000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001742330095	Estoque de IED	3915805,0	Exportação de bens e serviços	2247453000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,67%	Gastos com P&D	434348405791	PIB	16253972230000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,08072091329	Pagamento de tecnologia	35061000000	Gastos com P&D	434348405791
Influência da tecnologia no padrão de comércio	20,16329715	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	169065944865	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	6,976996627	Dívida externa total	15680472000000	Exportação de bens e serviços	2247453000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	15680472000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,08806769263	Renda líquida	197928000000	Exportação de bens e serviços	2247453000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,148644002	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	16066241407386	Exportação de bens e serviços	2247453000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 42 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	13,58%	Exportação de bens e serviços	2313124000000	PIB (PPC - current international \$)	16843190993000
Grau de integração na economia mundial	-0,831460	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,010415	Crescimento do PIB real	1,841875395
Índice de concentração das exportações	0,095				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1625043508	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	448.508.920.737,7 1	Importação de bens e serviços	2759981000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	2,345741536	Exportações em 2013	2313124000000	Exportações em 2002	986095000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000293793379 3	Estoque de IED	4948418,0	PIB	16843190993000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002139279174	Estoque de IED	4948418,0	Exportação de bens e serviços	2313124000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,70%	Gastos com P&D	455128303344	PIB	16843190993000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,07754736355	Pagamento de tecnologia	35294000000	Gastos com P&D	455128303344
Influência da tecnologia no padrão de comércio	20,1783051	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	169222381420	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,127923535	Dívida externa total	16487771000000	Exportação de bens e serviços	2313124000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	16487771000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,08452508383	Renda líquida	195517000000	Exportação de bens e serviços	2313124000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,236180822	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	16738183526697	Exportação de bens e serviços	2313124000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 43 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	13,55%	Exportação de bens e serviços	2392613000000	PIB (PPC - current international \$)	17550680174000
Grau de integração na economia mundial	-1,249127	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,038649	Crescimento do PIB real	2,287775933
Índice de concentração das exportações	0,095				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1510191286	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	434416188744,63	Importação de bens e serviços	2876564000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	2,327037095	Exportações em 2014	2392613000000	Exportações em 2003	1028180000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000310921739	Estoque de IED	5456888,0	PIB	17550680174000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002280723209	Estoque de IED	5456888,0	Exportação de bens e serviços	2392613000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,72%	Gastos com P&D	477002913271	PIB	17550680174000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,0787458503	Pagamento de tecnologia	37562000000	Gastos com P&D	477002913271
Influência da tecnologia no padrão de comércio	20,46714365	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	175881164582	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,213057022	Dívida externa total	17258054000000	Exportação de bens e serviços	2392613000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	17258054000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,0837206017	Renda líquida	200311000000	Exportação de bens e serviços	2392613000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,449625736	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	17824071380734	Exportação de bens e serviços	2392613000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 44 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,46%	Exportação de bens e serviços	2280786000000	PIB (PPC - current international \$)	18206020741000
Grau de integração na economia mundial	-1,747521	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,958849	Crescimento do PIB real	2,706369582
Índice de concentração das exportações	0,097				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1384522204	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	383.728.497.570,13	Importação de bens e serviços	2771559000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	1,952525466	Exportações em 2015	2280786000000	Exportações em 2004	1168121000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000003148070126	Estoque de IED	5731383,0	PIB	18206020741000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002512898185	Estoque de IED	5731383,0	Exportação de bens e serviços	2280786000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,79%	Gastos com P&D	507401787287	PIB	18206020741000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,06932967302	Pagamento de tecnologia	35178000000	Gastos com P&D	507401787287
Influência da tecnologia no padrão de comércio	21,38094108	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	175243750732	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,765057748	Dívida externa total	17710435000000	Exportação de bens e serviços	2280786000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	17710435000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,08120314663	Renda líquida	185207000000	Exportação de bens e serviços	2280786000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,958053788	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	18150617666484	Exportação de bens e serviços	2280786000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 45 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,94%	Exportação de bens e serviços	2240824000000	PIB (PPC - current international \$)	18695110842000
Grau de integração na economia mundial	-0,685530	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,981942	Crescimento do PIB real	1,667472076
Índice de concentração das exportações	0,099				
Grau de proteção da atividade econômica	0,149227904	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	405942428719,75	Importação de bens e serviços	2720285000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	1,735047301	Exportações em 2016	2240824000000	Exportações em 2005	1291506000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000347831583 1	Estoque de IED	6502750,0	PIB	18695110842000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002901945891	Estoque de IED	6502750,0	Exportação de bens e serviços	2240824000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,85%	Gastos com P&D	533455651518	PIB	18695110842000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,07868320427	Pagamento de tecnologia	41974000000	Gastos com P&D	533455651518
Influência da tecnologia no padrão de comércio	22,411343	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	173921742498	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	8,04396954	Dívida externa total	18025120000000	Exportação de bens e serviços	2240824000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	18025120000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,08766507321	Renda líquida	196442000000	Exportação de bens e serviços	2240824000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	8,734931755	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	19573444713937	Exportação de bens e serviços	2240824000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 46 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,26%	Exportação de bens e serviços	2394477000000	PIB (PPC - current international \$)	19477336549000
Grau de integração na economia mundial	-1,172425	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,069497	Crescimento do PIB real	2,241921216
Índice de concentração das exportações	0,097				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1550056342	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	451285263406,24	Importação de bens e serviços	2911412000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	1,635581776	Exportações em 2017	2394477000000	Exportações em 2006	1463991000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000400790425 3	Estoque de IED	7806330,0	PIB	19477336549000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000003260139897	Estoque de IED	7806330,0	Exportação de bens e serviços	2394477000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	2,91%	Gastos com P&D	565910100043	PIB	19477336549000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,07846829381	Pagamento de tecnologia	44406000000	Gastos com P&D	565910100043
Influência da tecnologia no padrão de comércio	19,25881837	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	154545029027	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,943687077	Dívida externa total	19020976000000	Exportação de bens e serviços	2394477000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,1077224797	Renda líquida	257939000000	Exportação de bens e serviços	2394477000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	8,454831688	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	20244900016054	Exportação de bens e serviços	2394477000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 47 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	12,36%	Exportação de bens e serviços	2542459000000	PIB (PPC - current international \$)	20533057312000
Grau de integração na economia mundial	-1,877983	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,067402	Crescimento do PIB real	2,945384831
Índice de concentração das exportações	0,099				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1441520615	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	449907088828,55	Importação de bens e serviços	3121059000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	1,530853902	Exportações em 2018	2542459000000	Exportações em 2007	1660811000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000357807261 2	Estoque de IED	7346877,0	PIB	20533057312000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000002889673737	Estoque de IED	7346877,0	Exportação de bens e serviços	2542459000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	3,01%	Gastos com P&D	618525512763	PIB	20533057312000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,06909335042	Pagamento de tecnologia	42736000000	Gastos com P&D	618525512763
Influência da tecnologia no padrão de comércio	18,47405364	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	153808462622	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	7,736377263	Dívida externa total	19669422000000	Exportação de bens e serviços	2542459000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	19669422000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,1004059456	Renda líquida	255278000000	Exportação de bens e serviços	2542459000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	8,462696226	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	21516058183180	Exportação de bens e serviços	2542459000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 48 – Coeficientes em dólares dos Indicadores dos EUA em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	11,87%	Exportação de bens e serviços	2546280000000	PIB (PPC - current international \$)	21380976119000
Grau de integração na economia mundial	-1,296481	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,997958	Crescimento do PIB real	2,294439078
Índice de concentração das exportações	0,101				
Grau de proteção da atividade econômica	0,1663730911	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	516700583371,25	Importação de bens e serviços	3105674000000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	1,376677134	Exportações em 2019	2546280000000	Exportações em 2008	1849584000000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000418649876	Estoque de IED	8951143,0	PIB	21380976119000
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000003515380477	Estoque de IED	8951143,0	Exportação de bens e serviços	2546280000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	3,17%	Gastos com P&D	678595841274	PIB	21380976119000
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,06229481148	Pagamento de tecnologia	42273000000	Gastos com P&D	678595841274
Influência da tecnologia no padrão de comércio	18,67%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	153923490830	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	8,090495154	Dívida externa total	20600666000000	Exportação de bens e serviços	2546280000000
Dependência dos recursos do FMI	0	Dívida com FMI	0	Dívida externa total	20600666000000
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	0,09716174184	Renda líquida	247401000000	Exportação de bens e serviços	2546280000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	8,922585793	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	22719401753434	Exportação de bens e serviços	2546280000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 49 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,10%	Exportação de bens e serviços	305119336663	PIB (PPC - current international \$)	1198895147695
Grau de integração na economia mundial	-1,767289	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,319409	Crescimento do PIB real	3,08669806
Índice de concentração das exportações	0,159				
Grau de proteção da atividade econômica	0,6783576106	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	257422725614,88	Importação de bens e serviços	379479380179
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	6,808775493	Exportações em 2008	305119336663	Exportações em 1997	44812659334
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001044392015	Estoque de IED	125211,7	PIB	1198895147695
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000004103694419	Estoque de IED	125211,7	Exportação de bens e serviços	305119336663
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,86%	Gastos com P&D	10295631962	PIB	1198895147695
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1484927704	Pagamento de tecnologia	1528826913	Gastos com P&D	10295631962
Influência da tecnologia no padrão de comércio	0%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	0	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7443375137	Dívida externa total	227111768435	Exportação de bens e serviços	305119336663
Dependência dos recursos do FMI	0,004619688901	Dívida com FMI	1049185716	Dívida externa total	227111768435
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,01758110886	Renda líquida	-5364336274	Exportação de bens e serviços	305119336663
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	4,668207104	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	305119336663
Exportações em 2007	240082039834	Importações em 2007	278785752272		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 50 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	20,40%	Exportação de bens e serviços	260847157422	PIB (PPC - current international \$)	1341888016989
Grau de integração na economia mundial	-7,001378	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,860510	Crescimento do PIB real	7,861888833
Índice de concentração das exportações	0,149				
Grau de proteção da atividade econômica	0,8672556414	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	284.682.887.897,59	Importação de bens e serviços	328257176213
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	5,699478876	Exportações em 2009	260847157422	Exportações em 1998	45766843440
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001275947745	Estoque de IED	171217,9	PIB	1341888016989
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000006563916611	Estoque de IED	171217,9	Exportação de bens e serviços	260847157422
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,83%	Gastos com P&D	11179806034	PIB	1341888016989
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1663776719	Pagamento de tecnologia	1860070100	Gastos com P&D	11179806034
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,57%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	11215083873	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9826146617	Dívida externa total	256312241333	Exportação de bens e serviços	260847157422
Dependência dos recursos do FMI	0,02433233688	Dívida com FMI	6236675801	Dívida externa total	256312241333
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,0289017266	Renda líquida	-7538933229	Exportação de bens e serviços	260847157422
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,424707692	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	260847157422

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 51 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	22,40%	Exportação de bens e serviços	348035371769	PIB (PPC - current international \$)	1675615502766
Grau de integração na economia mundial	-7,161498	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,336087	Crescimento do PIB real	8,497584702
Índice de concentração das exportações	0,164				
Grau de proteção da atividade econômica	0,6843730463	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	300480168786,35	Importação de bens e serviços	439059034248
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	6,772925848	Exportações em 2010	348035371769	Exportações em 1999	51386266375
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001226893472	Estoque de IED	205580,2	PIB	1675615502766
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000590687582	Estoque de IED	205580,2	Exportação de bens e serviços	348035371769
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,79%	Gastos com P&D	13212060634	PIB	1675615502766
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,1845513012	Pagamento de tecnologia	2438302981	Gastos com P&D	13212060634
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,72%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10659474981	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,8344770909	Dívida externa total	290427544563	Exportação de bens e serviços	348035371769
Dependência dos recursos do FMI	0,02109523456	Dívida com FMI	6126637176	Dívida externa total	290427544563
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,0448287339	Renda líquida	-15601985068	Exportação de bens e serviços	348035371769
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	1,739332421	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	348035371769

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 52 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,54%	Exportação de bens e serviços	446375404071	PIB (PPC - current international \$)	1823051829895
Grau de integração na economia mundial	-3,971534	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,269781	Crescimento do PIB real	5,241315001
Índice de concentração das exportações	0,183				
Grau de proteção da atividade econômica	0,540155285	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	298739463090,87	Importação de bens e serviços	553062186680
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	7,448068703	Exportações em 2011	446375404071	Exportações em 2000	59931697988
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000113191676 7	Estoque de IED	206354,3	PIB	1823051829895
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000462288673 3	Estoque de IED	206354,3	Exportação de bens e serviços	446375404071
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,76%	Gastos com P&D	13764406334	PIB	1823051829895
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2048247495	Pagamento de tecnologia	2819291079	Gastos com P&D	13764406334
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,87%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	14503888164	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,7491436478	Dívida externa total	334399298473	Exportação de bens e serviços	446375404071
Dependência dos recursos do FMI	0,01826469342	Dívida com FMI	6107700666	Dívida externa total	334399298473
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,03594118895	Renda líquida	-16043262742	Exportação de bens e serviços	446375404071
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	1,759618267	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	446375404071

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 53 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	24,53%	Exportação de bens e serviços	443845180758	PIB (PPC - current international \$)	1827637579585
Grau de integração na economia mundial	-4,432059	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,024330	Crescimento do PIB real	5,456388753
Índice de concentração das exportações	0,173				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5180566867	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	300425517446,55	Importação de bens e serviços	579908579784
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	7,143788686	Exportações em 2012	443845180758	Exportações em 2001	62130222527
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000123101719	Estoque de IED	224985,3	PIB	1827637579585
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000506900463 2	Estoque de IED	224985,3	Exportação de bens e serviços	443845180758
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,73%	Gastos com P&D	13354913566	PIB	1827637579585
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2987706058	Pagamento de tecnologia	3990055617	Gastos com P&D	13354913566
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,70%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	13873821378	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,8844887077	Dívida externa total	392576050360	Exportação de bens e serviços	443845180758
Dependência dos recursos do FMI	0,01557472583	Dívida com FMI	6114264353	Dívida externa total	392576050360
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,04695977864	Renda líquida	-20842871438	Exportação de bens e serviços	443845180758
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	1,681951327	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	443845180758

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 54 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	25,43%	Exportação de bens e serviços	468273426431	PIB (PPC - current international \$)	1856721494835
Grau de integração na economia mundial	-4,068447	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	2,317659	Crescimento do PIB real	6,386106401
Índice de concentração das exportações	0,184				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5319200019	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	298092478740,58	Importação de bens e serviços	560408478124
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	6,63095697	Exportações em 2013	468273426431	Exportações em 2002	70619282936
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000122015518	Estoque de IED	226548,8	PIB	1856721494835
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000483796052 2	Estoque de IED	226548,8	Exportação de bens e serviços	468273426431
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,71%	Gastos com P&D	13116252066	PIB	1856721494835
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,297639052	Pagamento de tecnologia	3903908830	Gastos com P&D	13116252066
Influência da tecnologia no padrão de comércio	8,87%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	17938424107	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,912383782	Dívida externa total	427245079806	Exportação de bens e serviços	468273426431
Dependência dos recursos do FMI	0,01433957887	Dívida com FMI	6126514520	Dívida externa total	427245079806
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,0465591472	Renda líquida	-21802411391	Exportação de bens e serviços	468273426431
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,259435718	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	468273426431

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 55 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	22,97%	Exportação de bens e serviços	485583046458	PIB (PPC - current international \$)	2039126469963
Grau de integração na economia mundial	-6,400065	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,010163	Crescimento do PIB real	7,410227605
Índice de concentração das exportações	0,175				
Grau de proteção da atividade econômica	0,5872628652	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	325081035127,89	Importação de bens e serviços	553552854081
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	5,726550758	Exportações em 2014	485583046458	Exportações em 2003	84795030553
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000124131600 3	Estoque de IED	253120,0	PIB	2039126469963
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000521270324	Estoque de IED	253120,0	Exportação de bens e serviços	485583046458
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,70%	Gastos com P&D	14306307433	PIB	2039126469963
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3389212703	Pagamento de tecnologia	4848711889	Gastos com P&D	14306307433
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,22%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	18326340971	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9421815947	Dívida externa total	457507409077	Exportação de bens e serviços	485583046458
Dependência dos recursos do FMI	0,01259809146	Dívida com FMI	5763720184	Dívida externa total	457507409077
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,0513703951	Renda líquida	-24944592950	Exportação de bens e serviços	485583046458
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,707654423	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	485583046458

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 56 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,81%	Exportação de bens e serviços	428630903176	PIB (PPC - current international \$)	2103588347242
Grau de integração na economia mundial	-7,110411	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,885843	Crescimento do PIB real	7,996253786
Índice de concentração das exportações	0,12				
Grau de proteção da atividade econômica	0,7183032598	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	353.319.061.013,2 2	Importação de bens e serviços	491880074571
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	3,694464671	Exportações em 2015	428630903176	Exportações em 2004	116019759652
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000134349868 6	Estoque de IED	282616,8	PIB	2103588347242
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000659347741 9	Estoque de IED	282616,8	Exportação de bens e serviços	428630903176
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,69%	Gastos com P&D	14579970321	PIB	2103588347242
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3435558713	Pagamento de tecnologia	5009034407	Gastos com P&D	14579970321
Influência da tecnologia no padrão de comércio	8,02%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	14583513323	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,117104673	Dívida externa total	478825585025	Exportação de bens e serviços	428630903176
Dependência dos recursos do FMI	0,01151315621	Dívida com FMI	5512793758	Dívida externa total	478825585025
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,05449998268	Renda líquida	-23360376800	Exportação de bens e serviços	428630903176
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	3,085176362	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	428630903176

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 57 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,16%	Exportação de bens e serviços	430433487928	PIB (PPC - current international \$)	2294796889945
Grau de integração na economia mundial	-7,275930	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,980375	Crescimento do PIB real	8,256305502
Índice de concentração das exportações	0,12				
Grau de proteção da atividade econômica	0,7662809209	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	361694321972,04	Importação de bens e serviços	472012694193
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	2,78449884	Exportações em 2016	430433487928	Exportações em 2005	154582031680
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001387136499	Estoque de IED	318319,7	PIB	2294796889945
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000007395327299	Estoque de IED	318319,7	Exportação de bens e serviços	430433487928
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,67%	Gastos com P&D	15371466988	PIB	2294796889945
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3555966203	Pagamento de tecnologia	5466041710	Gastos com P&D	15371466988
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,66%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	14261348931	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,058240363	Dívida externa total	455502090499	Exportação de bens e serviços	430433487928
Dependência dos recursos do FMI	0,01174110655	Dívida com FMI	5348098577	Dívida externa total	455502090499
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,06356650121	Renda líquida	-27361150830	Exportação de bens e serviços	430433487928
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,062996466	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	430433487928

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 58 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	18,79%	Exportação de bens e serviços	489400913160	PIB (PPC - current international \$)	2651474263257
Grau de integração na economia mundial	-5,630756	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,164627	Crescimento do PIB real	6,795383419
Índice de concentração das exportações	0,122				
Grau de proteção da atividade econômica	0,7346947817	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	412613792019,92	Importação de bens e serviços	561612525786
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	2,531610182	Exportações em 2017	489400913160	Exportações em 2006	193316062904
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001422779885	Estoque de IED	377246,4	PIB	2651474263257
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000007708331033	Estoque de IED	377246,4	Exportação de bens e serviços	489400913160
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,67%	Gastos com P&D	17659613763	PIB	2651474263257
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3689438218	Pagamento de tecnologia	6515405394	Gastos com P&D	17659613763
Influência da tecnologia no padrão de comércio	7,36%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	15101761889	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,045099385	Dívida externa total	511472593374	Exportação de bens e serviços	489400913160
Dependência dos recursos do FMI	0,01107698336	Dívida com FMI	5665573406	Dívida externa total	511472593374
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,05399072141	Renda líquida	-26423108358	Exportação de bens e serviços	489400913160
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,782450274	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	489400913160

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 59 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	19,93%	Exportação de bens e serviços	537042432147	PIB (PPC - current international \$)	2702929639862
Grau de integração na economia mundial	-5,331123	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,122728	Crescimento do PIB real	6,453851345
Índice de concentração das exportações	0,139				
Grau de proteção da atividade econômica	0,6208272467	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	399167159226,68	Importação de bens e serviços	642960117088
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	2,236912151	Exportações em 2018	537042432147	Exportações em 2007	240082039834
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000142870446	Estoque de IED	386168,8	PIB	2702929639862
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000719065645 3	Estoque de IED	386168,8	Exportação de bens e serviços	537042432147
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,66%	Gastos com P&D	17712027842	PIB	2702929639862
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,4463609614	Pagamento de tecnologia	7905957777	Gastos com P&D	17712027842
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,04%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	20182210999	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9701846674	Dívida externa total	521030333410	Exportação de bens e serviços	537042432147
Dependência dos recursos do FMI	0,01061920455	Dívida com FMI	5532927686	Dívida externa total	521030333410
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,05540831331	Renda líquida	-29756615341	Exportação de bens e serviços	537042432147
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	4,231684813	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	537042432147

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 60 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Índia em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	18,66%	Exportação de bens e serviços	546033120468	PIB (PPC - current international \$)	2835606242052
Grau de integração na economia mundial	-2,883712	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,987725	Crescimento do PIB real	3,871436941
Índice de concentração das exportações	0,125				
Grau de proteção da atividade econômica	0,7481538018	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	463469902152,51	Importação de bens e serviços	619484791791
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	1,789572324	Exportações em 2019	546033120468	Exportações em 2008	305119336663
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001505706388	Estoque de IED	426959,0	PIB	2835606242052
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000007819288379	Estoque de IED	426959,0	Exportação de bens e serviços	546033120468
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,624629315%	Gastos com P&D	17712027842	PIB	2835606242052
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	44,54%	Pagamento de tecnologia	7889685402	Gastos com P&D	17712027842
Influência da tecnologia no padrão de comércio	10,22%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	23470537791	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,027173214	Dívida externa total	560870595481	Exportação de bens e serviços	546033120468
Dependência dos recursos do FMI	0,009808388926	Dívida com FMI	5501236938	Dívida externa total	560870595481
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,05380235263	Renda líquida	-29377866496	Exportação de bens e serviços	546033120468
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,898393104	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	546033120468

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 61 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2008

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	31,31%	Exportação de bens e serviços	523433950000	PIB (PPC - current international \$)	1660848058303
Grau de integração na economia mundial	-3,880098	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,319871	Crescimento do PIB real	5,199969265
Índice de concentração das exportações	0,363				
Grau de proteção da atividade econômica	1,163970816	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	426278773721,66	Importação de bens e serviços	366228060000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)	5,233034904	Exportações em 2008	523433950000	Exportações em 1997	100024930000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001281796965	Estoque de IED	212887,0	PIB	1660848058303
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000004067122509	Estoque de IED	212887,0	Exportação de bens e serviços	523433950000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,04%	Gastos com P&D	17345067163	PIB	1660848058303
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,258316094	Pagamento de tecnologia	4480510000	Gastos com P&D	17345067163
Influência da tecnologia no padrão de comércio	6,95%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	5470082684	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,8010778895	Dívida externa total	419311363944	Exportação de bens e serviços	523433950000
Dependência dos recursos do FMI	0,02083441589	Dívida com FMI	8736107345	Dívida externa total	419311363944
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,08880295212	Renda líquida	-46482480000	Exportação de bens e serviços	523433950000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,63049257	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	523433950000
Exportações em 2007	390390560000	Importações em 2007	283661440000		

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 62 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2009

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,94%	Exportação de bens e serviços	342951140000	PIB (PPC - current international \$)	1222645887209
Grau de integração na economia mundial	8,463473	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,663479	Crescimento do PIB real	-7,799993913
Índice de concentração das exportações	0,347				
Grau de proteção da atividade econômica	1,776403887	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	439341754765,02	Importação de bens e serviços	247320870000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)	3,976372806	Exportações em 2009	342951140000	Exportações em 1998	86247230000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000003004786618	Estoque de IED	367379,0	PIB	1222645887209
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001071228397	Estoque de IED	367379,0	Exportação de bens e serviços	342951140000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,25%	Gastos com P&D	15306548206	PIB	1222645887209
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2604800211	Pagamento de tecnologia	3987050000	Gastos com P&D	15306548206
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,63%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	4756271283	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,185189907	Dívida externa total	406462229700	Exportação de bens e serviços	342951140000
Dependência dos recursos do FMI	0,02187565663	Dívida com FMI	8891628171	Dívida externa total	406462229700
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1158749319	Renda líquida	-39739440000	Exportação de bens e serviços	342951140000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,759512946	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	342951140000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 63 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2010

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	29,22%	Exportação de bens e serviços	441833180000	PIB (PPC - current international \$)	1524916698233
Grau de integração na economia mundial	-3,207729	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,292271	Crescimento do PIB real	4,5
Índice de concentração das exportações	0,366				
Grau de proteção da atividade econômica	1,493097888	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	479222324221,27	Importação de bens e serviços	320958410000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)	5,47148891	Exportações em 2010	441833180000	Exportações em 1999	80751910000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000003044284324	Estoque de IED	464228,0	PIB	1524916698233
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001050686144	Estoque de IED	464228,0	Exportação de bens e serviços	441833180000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,13%	Gastos com P&D	17234608957	PIB	1524916698233
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2809347176	Pagamento de tecnologia	4841800000	Gastos com P&D	17234608957
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,37%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	5263180850	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9458013104	Dívida externa total	417886400643	Exportação de bens e serviços	441833180000
Dependência dos recursos do FMI	0,02090220237	Dívida com FMI	8734746112	Dívida externa total	417886400643
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1066115723	Renda líquida	-47104530000	Exportação de bens e serviços	441833180000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	6,607271288	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	441833180000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 64 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2011

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	28,06%	Exportação de bens e serviços	573448160000	PIB (PPC - current international \$)	2045922727570
Grau de integração na economia mundial	-3,010688	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,289341	Crescimento do PIB real	4,300029186
Índice de concentração das exportações	0,377				
Grau de proteção da atividade econômica	1,213047412	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	497410212789,35	Importação de bens e serviços	410050100000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)	5,188622435	Exportações em 2011	573448160000	Exportações em 2000	110520310000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000199881449 3	Estoque de IED	408942,0	PIB	2045922727570
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000713128105 6	Estoque de IED	408942,0	Exportação de bens e serviços	573448160000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,02%	Gastos com P&D	20775322353	PIB	2045922727570
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,2806368008	Pagamento de tecnologia	5830320000	Gastos com P&D	20775322353
Influência da tecnologia no padrão de comércio	8,39%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	5731651464	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9492671501	Dívida externa total	544355500578	Exportação de bens e serviços	573448160000
Dependência dos recursos do FMI	0,01599643674	Dívida com FMI	8707748332	Dívida externa total	544355500578
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1053267832	Renda líquida	-60399450000	Exportação de bens e serviços	573448160000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	3,883774541	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	573448160000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 65 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2012

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	26,91%	Exportação de bens e serviços	589773980000	PIB (PPC - current international \$)	2208293528674
Grau de integração na economia mundial	-2,972257	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,051829	Crescimento do PIB real	4,024086157
Índice de concentração das exportações	0,382				
Grau de proteção da atividade econômica	1,209397585	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	537816372807,13	Importação de bens e serviços	444697740000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)	5,397252075	Exportações em 2012	589773980000	Exportações em 2001	109273010000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001984310484	Estoque de IED	438194,0	PIB	2208293528674
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000007429863216	Estoque de IED	438194,0	Exportação de bens e serviços	589773980000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,03%	Gastos com P&D	22693749547	PIB	2208293528674
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3361841984	Pagamento de tecnologia	7629280000	Gastos com P&D	22693749547
Influência da tecnologia no padrão de comércio	9,06%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	7709720644	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,003496904	Dívida externa total	591836363066	Exportação de bens e serviços	589773980000
Dependência dos recursos do FMI	0,01472891279	Dívida com FMI	8717106180	Dívida externa total	591836363066
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1147233216	Renda líquida	-67660830000	Exportação de bens e serviços	589773980000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	2,584679228	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	589773980000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 66 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2013

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	25,85%	Exportação de bens e serviços	591958000000	PIB (PPC - current international \$)	2292470104248
Grau de integração na economia mundial	-0,729189	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,026233	Crescimento do PIB real	1,755422149
Índice de concentração das exportações	0,377				
Grau de proteção da atividade econômica	1,085256875	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	509692074388,89	Importação de bens e serviços	469651090000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)	5,051471922	Exportações em 2013	591958000000	Exportações em 2002	117185250000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002056622955	Estoque de IED	471474,7	PIB	2292470104248
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000007964664114	Estoque de IED	471474,7	Exportação de bens e serviços	591958000000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,03%	Gastos com P&D	23551004502	PIB	2292470104248
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3554323978	Pagamento de tecnologia	8370790000	Gastos com P&D	23551004502
Influência da tecnologia no padrão de comércio	10,61%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	9200859430	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,129325263	Dívida externa total	668513124292	Exportação de bens e serviços	591958000000
Dependência dos recursos do FMI	0,01306566906	Dívida com FMI	8734571241	Dívida externa total	668513124292
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,134476348	Renda líquida	-79604350000	Exportação de bens e serviços	591958000000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	3,529878526	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	591958000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 67 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2014

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	27,11%	Exportação de bens e serviços	562550590000	PIB (PPC - current international \$)	2059241582146
Grau de integração na economia mundial	0,197644	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,933911	Crescimento do PIB real	0,7362672214
Índice de concentração das exportações	0,37				
Grau de proteção da atividade econômica	0,9004860814	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	386216337149,11	Importação de bens e serviços	428897620000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)	3,814278561	Exportações em 2014	562550590000	Exportações em 2003	147485450000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000001408472724	Estoque de IED	290038,6	PIB	2059241582146
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000005155777368	Estoque de IED	290038,6	Exportação de bens e serviços	562550590000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,07%	Gastos com P&D	22083512393	PIB	2059241582146
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3632289039	Pagamento de tecnologia	8021370000	Gastos com P&D	22083512393
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,09%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10399907502	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9855393549	Dívida externa total	554415745561	Exportação de bens e serviços	562550590000
Dependência dos recursos do FMI	0,01482161493	Dívida com FMI	8217336691	Dívida externa total	554415745561
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,120810859	Renda líquida	-67962220000	Exportação de bens e serviços	562550590000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	8,367811751	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	562550590000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 68 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2015

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	28,70%	Exportação de bens e serviços	393034910000	PIB (PPC - current international \$)	1363482179761
Grau de integração na economia mundial	2,653364	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,680645	Crescimento do PIB real	-1,972719226
Índice de concentração das exportações	0,316				
Grau de proteção da atividade econômica	1,306094053	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	368042950258,84	Importação de bens e serviços	281789010000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)	1,957054243	Exportações em 2015	393034910000	Exportações em 2004	200829850000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000192703567 3	Estoque de IED	262747,9	PIB	1363482179761
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000000668510285 8	Estoque de IED	262747,9	Exportação de bens e serviços	393034910000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,10%	Gastos com P&D	15009893386	PIB	1363482179761
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3753424395	Pagamento de tecnologia	5633850000	Gastos com P&D	15009893386
Influência da tecnologia no padrão de comércio	15,95%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	11449519430	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,252283513	Dívida externa total	492191137727	Exportação de bens e serviços	393034910000
Dependência dos recursos do FMI	0,0159685745	Dívida com FMI	7859590849	Dívida externa total	492191137727
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,09604426742	Renda líquida	-37748750000	Exportação de bens e serviços	393034910000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	10,95822448	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	393034910000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 69 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2016

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	25,85%	Exportação de bens e serviços	332352610000	PIB (PPC - current international \$)	1276786344534
Grau de integração na economia mundial	0,693133	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,886823	Crescimento do PIB real	0,1936900717
Índice de concentração das exportações	0,3				
Grau de proteção da atividade econômica	1,416975117	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	377052204307,95	Importação de bens e serviços	266096560000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)	1,236111328	Exportações em 2016	332352610000	Exportações em 2005	268869480000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000308517045 1	Estoque de IED	393910,4	PIB	1276786344534
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001185218164	Estoque de IED	393910,4	Exportação de bens e serviços	332352610000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,10%	Gastos com P&D	14075037781	PIB	1276786344534
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3550512672	Pagamento de tecnologia	4997360000	Gastos com P&D	14075037781
Influência da tecnologia no padrão de comércio	15,75%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	11205912967	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,61041363	Dívida externa total	535225173047	Exportação de bens e serviços	332352610000
Dependência dos recursos do FMI	0,01424593851	Dívida com FMI	7624784907	Dívida externa total	535225173047
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1068035542	Renda líquida	-35496440000	Exportação de bens e serviços	332352610000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	14,02790272	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	332352610000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 70 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2017

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	26,09%	Exportação de bens e serviços	410482810000	PIB (PPC - current international \$)	1574199355093
Grau de integração na economia mundial	-0,593052	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,232738	Crescimento do PIB real	1,825790064
Índice de concentração das exportações	0,303				
Grau de proteção da atividade econômica	1,322331775	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	432730507964,11	Importação de bens e serviços	327248060000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)	1,231941465	Exportações em 2017	410482810000	Exportações em 2006	333199930000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,000000280220806 6	Estoque de IED	441123,4	PIB	1574199355093
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001074645277	Estoque de IED	441123,4	Exportação de bens e serviços	410482810000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,11%	Gastos com P&D	17468418660	PIB	1574199355093
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,342318908	Pagamento de tecnologia	5979770000	Gastos com P&D	17468418660
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,29%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10359155449	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,264858174	Dívida externa total	519202537325	Exportação de bens e serviços	410482810000
Dependência dos recursos do FMI	0,01555733695	Dívida com FMI	8077408816	Dívida externa total	519202537325
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,102448334	Renda líquida	-42053280000	Exportação de bens e serviços	410482810000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	5,926920754	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	410482810000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 71 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2018

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	30,79%	Exportação de bens e serviços	508560910000	PIB (PPC - current international \$)	1657328764646
Grau de integração na economia mundial	-1,652155	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	1,155090	Crescimento do PIB real	2,80724541
Índice de concentração das exportações	0,327				
Grau de proteção da atividade econômica	1,363986807	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	468645216082,72	Importação de bens e serviços	343584860000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)	1,302697765	Exportações em 2018	508560910000	Exportações em 2007	390390560000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002462380205	Estoque de IED	408097,4	PIB	1657328764646
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,0000008024552149	Estoque de IED	408097,4	Exportação de bens e serviços	508560910000
Gastos com P&D como proporção do PIB	0,99%	Gastos com P&D	16407885856	PIB	1657328764646
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3832407207	Pagamento de tecnologia	6288170000	Gastos com P&D	16407885856
Influência da tecnologia no padrão de comércio	11,32%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10075334763	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	0,9394850839	Dívida externa total	477785389198	Exportação de bens e serviços	508560910000
Dependência dos recursos do FMI	0,01651012352	Dívida com FMI	7888295794	Dívida externa total	477785389198
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,07942391797	Renda líquida	-40391900000	Exportação de bens e serviços	508560910000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	11,03889881	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	508560910000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 72 – Coeficientes em dólares dos Indicadores da Rússia em 2019

ESFERA COMERCIAL					
Grau de abertura comercial	28,43%	Exportação de bens e serviços	481686310000	PIB (PPC - current international \$)	1693114993990
Grau de integração na economia mundial	-1,219318	Crescimento real do comércio (exportação + importação) de bens e serviços	0,978758	Crescimento do PIB real	2,198075714
Índice de concentração das exportações	0,315				
Grau de proteção da atividade econômica	1,575610659	Reservas internacionais líquidas [excluindo os recursos do FMI]	555179461638,93	Importação de bens e serviços	352358280000
Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)	0,9202427737	Exportações em 2019	481686310000	Exportações em 2008	523433950000
ESFERA PRODUTIVO-TECNOLÓGICA					
Grau de desnacionalização econômica	0,0000002912712968	Estoque de IED	493155,8	PIB	1693114993990
Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo	0,000001023811119	Estoque de IED	493155,8	Exportação de bens e serviços	481686310000
Gastos com P&D como proporção do PIB	1,04%	Gastos com P&D	17528989352	PIB	1693114993990
Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior	0,3917031303	Pagamento de tecnologia	6866160000	Gastos com P&D	17528989352
Influência da tecnologia no padrão de comércio	12,87%	Exportação de produtos intensivos em tecnologia	10756539589	Exportação de manufaturados	Não foi preciso
ESFERA MONETÁRIO-FINANCEIRA					
Desequilíbrio de estoque	1,008526287	Dívida externa total	485793305492	Exportação de bens e serviços	481686310000
Dependência dos recursos do FMI	0,01614496165	Dívida com FMI	7843114289	Dívida externa total	485793305492
Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo	-0,1111108182	Renda líquida	-53520560000	Exportação de bens e serviços	481686310000
Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa	7,521213831	Serviço da dívida pública e garantida pelo setor público	Não foi preciso	Exportação de bens e serviços	481686310000

Fonte: elaborado pelo autor.

APÊNDICE D – TRANSFORMAÇÃO DOS INDICADORES EM ÍNDICES

Tabela 1 - Grau de abertura comercial - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	32,25	98,27505255
Brasil	13,53	5,49219642
China	32,6	100,00000000
EUA	12,43	0,00000000
Índia	24,1	57,84599807
Rússia	31,31	93,59090930

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 2 - Grau de integração na economia mundial - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-2,08	68,86413854
Brasil	-3,78	50,55022980
China	-8,45	0,00000000
EUA	0,79	100,00000000
Índia	-1,77	72,31448101
Rússia	-3,88	49,45814332

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 3 - Índice de concentração das exportações - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,137	23,12925170
Brasil	0,11	13,60544218
China	0,1	9,52380952
EUA	0,07	0,00000000
Índia	0,16	30,61224490
Rússia	0,36	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 4 - Grau de proteção da atividade econômica - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,31	87,38535563
Brasil	0,86	53,04746728
China	1,71	0,00000000
EUA	0,11	100,00000000
Índia	0,68	64,69347631
Rússia	1,16	34,27148047

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 5 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1997-2008)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,81	90,39622529
Brasil	3,84	78,60004596
China	10,66	0,00000000
EUA	1,98	100,00000000
Índia	6,81	44,35570351
Rússia	5,23	62,51112378

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 6 - Grau de desnacionalização econômica - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00002646%	100,00000000
Brasil	0,00001536%	39,1285571
China	0,00000823%	0,00000000
EUA	0,00001683%	47,2017704
Índia	0,00001044%	12,1475236
Rússia	0,00001282%	25,1697001

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 7 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0000813%	51,3750040
Brasil	0,0001152%	82,3654937
China	0,0000252%	0,0000000
EUA	0,0001344%	100,0000000
Índia	0,0000410%	14,4659371
Rússia	0,0000407%	14,1310029

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 8 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,81%	100,0000000
Brasil	1,13%	83,43009512
China	1,45%	67,19274601
EUA	2,76%	0,0000000
Índia	0,86%	97,27959949
Rússia	1,04%	87,76972129

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 9 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	65,80%	100,0000000
Brasil	14,09%	12,32422255
China	15,53%	14,77837238
EUA	6,82%	0,0000000
Índia	14,85%	13,61705839
Rússia	25,83%	32,23681512

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 10 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,48%	81,33807307
Brasil	12,76%	56,55267026
China	29,36%	0,00000000
EUA	28,40%	3,26671381
Índia	0%	100,00000000
Rússia	6,95%	76,32660066

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 11 - Desequilíbrio de estoque - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,72	6,46642112
Brasil	1,16	12,60498192
China	0,26	0,00000000
EUA	7,43	100,00000000
Índia	0,74	6,77763447
Rússia	0,8	7,56834305

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 12 - Dependência dos recursos do FMI - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,46%	21,9403803
Brasil	0,21%	10,0838286
China	0,09%	4,5303750
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	0,46%	22,1733545
Rússia	2,08%	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 13 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,88%	39,1316257
Brasil	-18,48%	0,0000000
China	1,91%	83,0941409
EUA	6,06%	100,0000000
Índia	-1,76%	68,1535401
Rússia	-8,88%	39,1286768

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 14 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2008

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,9	26,43195693
Brasil	9,37	100,0000000
China	0,59	0,0000000
EUA	5,42	55,06507296
Índia	4,67	46,50206173
Rússia	5,63	57,46276923

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 15 - Grau de abertura comercial - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	24,98%	82,70380170
Brasil	10,85%	0,00000000
China	24,75%	81,34081096
EUA	10,93%	0,47317120
Índia	20,40%	55,88634104
Rússia	27,94%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 16 - Grau de integração na economia mundial - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,32	63,8675275
Brasil	0,91	55,5700198
China	-8,53	0,0000000
EUA	3,41	70,2671750
Índia	-7	8,9836825
Rússia	8,46	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 17 - Índice de concentração das exportações - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,12	11,96911197
Brasil	0,12	11,96911197
China	0,11	8,10810811
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,15	23,55212355
Rússia	0,35	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 18 - Grau de proteção da atividade econômica - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,48	86,99321172
Brasil	1,35	46,54965699
China	2,35	0,00000000
EUA	0,2	100,00000000
Índia	0,87	69,11194168
Rússia	1,78	26,81636145

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 19 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1998-2009)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,41	90,20445511
Brasil	3,07	81,14977126
China	8,93	0,00000000
EUA	1,71	100,00000000
Índia	5,7	44,73979514
Rússia	3,98	68,58844317

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 20 - Grau de desnacionalização econômica - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0000421%	100,0000000
Brasil	0,0000220%	38,9122353
China	0,0000093%	0,0000000
EUA	0,0000207%	34,8387908
Índia	0,0000128%	10,6779219
Rússia	0,0000300%	63,3505725

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 21 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00016611%	76,58819199
Brasil	0,00020545%	100,00000000
China	0,00003739%	0,00000000
EUA	0,00018806%	89,65409845
Índia	0,00006564%	16,80739185
Rússia	0,00010712%	41,49153255

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 22 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,75%	100,00000000
Brasil	1,12%	82,07534076
China	1,66%	55,52644024
EUA	2,81%	0,00000000
Índia	0,83%	95,95500516
Rússia	1,25%	75,59731991

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 23 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	67,05%	100,00000000
Brasil	13,47%	10,41923082
China	13,03%	9,67920420
EUA	7,24%	0,00000000
Índia	16,64%	15,71441834
Rússia	26,05%	31,44856105

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 24 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,88%	100,0000000
Brasil	14,76%	65,9297675
China	31,94%	0,0000000
EUA	24,35%	29,1292856
Índia	9,57%	85,8585380
Rússia	9,63%	85,5946171

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 25 - Desequilíbrio de estoque - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,009	7,90828247
Brasil	1,58	14,79775293
China	0,36	0,0000000
EUA	8,58	100,0000000
Índia	0,98	7,57745895
Rússia	1,19	10,04267821

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 26 - Dependência dos recursos do FMI - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,32%	100,0000000
Brasil	0,21%	6,33131394
China	1,61%	48,42774346
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	2,43%	73,32817670
Rússia	2,19%	65,92470023

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 27 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,02%	43,0644234
Brasil	-19,57%	0,0000000
China	-0,68%	70,4422582
EUA	7,25%	100,0000000
Índia	-2,89%	62,1881029
Rússia	-11,59%	29,7691061

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 28 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2009

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,64	43,89749646
Brasil	7,15	95,17637692
China	0,63	0,0000000
EUA	7,48	100,0000000
Índia	2,42	26,17570912
Rússia	5,76	74,90066354

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 29 - Grau de abertura comercial - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	25,78%	81,29619812
Brasil	10,87%	0,00000000
China	27,19%	88,93607238
EUA	12,34%	8,04238672
Índia	22,40%	62,86301665
Rússia	29,22%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 30 - Grau de integração na economia mundial - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-1,77	96,87237314
Brasil	-6,17	40,19309023
China	-9,3	0,00000000
EUA	-1,52	100,00000000
Índia	-7,16	27,45397238
Rússia	-3,21	78,31906395

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 31 - Índice de concentração das exportações - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,13	16,90140845
Brasil	0,15	25,35211268
China	0,11	8,80281690
EUA	0,08	0,00000000
Índia	0,16	28,87323944
Rússia	0,37	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 32 - Grau de proteção da atividade econômica - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,43	87,97374310
Brasil	1,15	48,24161851
China	2,03	0,00000000
EUA	0,21	100,00000000
Índia	0,68	73,80593932
Rússia	1,49	29,53870212

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 33 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (1999-2010)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,2	85,96590991
Brasil	4,24	74,53114000
China	11,05	0,00000000
EUA	1,92	100,00000000
Índia	6,77	46,84025118
Rússia	5,47	61,08859953

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 34 - Grau de desnacionalização econômica - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00004302%	100,00000000
Brasil	0,00002899%	57,9593593
China	0,00000964%	0,00000000
EUA	0,00002274%	39,2417228
Índia	0,00001227%	7,8714581
Rússia	0,00003044%	62,3131955

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 35 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00016634%	54,21385542
Brasil	0,00027689%	100,00000000
China	0,00003543%	0,00000000
EUA	0,00018278%	61,02581123
Índia	0,00005907%	9,78958919
Rússia	0,00010507%	28,84039317

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 36 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,66%	100,00000000
Brasil	1,16%	75,89588046
China	1,71%	49,04132601
EUA	2,73%	0,00000000
Índia	0,79%	93,90705211
Rússia	1,13%	77,33704334

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 37 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	70,17%	100,00000000
Brasil	13,06%	8,75020314
China	12,50%	7,85027075
EUA	7,59%	0,00000000
Índia	18,46%	17,36673677
Rússia	28,09%	32,76875394

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 38 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,23%	100,0000000
Brasil	12,59%	75,4404198
China	32,12%	0,0000000
EUA	22,61%	36,7542758
Índia	7,72%	94,2331786
Rússia	9,37%	87,8603658

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 39 - Desequilíbrio de estoque - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,07	8,48329379
Brasil	1,52	14,72029692
China	0,45	0,0000000
EUA	7,75	100,0000000
Índia	0,83	5,28525128
Rússia	0,95	6,80924422

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 40 - Dependência dos recursos do FMI - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,38%	100,0000000
Brasil	1,26%	52,91406787
China	1,45%	60,77513620
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	2,11%	88,46263627
Rússia	2,09%	87,65315788

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 41 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-7,52%	57,9224317
Brasil	-30,38%	0,0000000
China	-1,56%	73,0330576
EUA	9,07%	100,0000000
Índia	-4,48%	65,6330729
Rússia	-10,66%	49,9720150

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 42 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2010

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,87	32,54581981
Brasil	5,94	79,95356871
China	0,77	0,0000000
EUA	7,24	100,0000000
Índia	1,74	15,01373378
Rússia	6,61	90,18046123

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 43 - Grau de abertura comercial - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,70%	97,83150435
Brasil	11,58%	0,00000000
China	26,57%	90,97197970
EUA	13,56%	12,02557312
Índia	24,54%	78,66215976
Rússia	28,06%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 44 - Grau de integração na economia mundial - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-1,98	80,10144932
Brasil	-2,73	70,65341370
China	-8,31	0,00000000
EUA	-0,41	100,00000000
Índia	-3,97	54,91436345
Rússia	-3,01	67,07802728

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 45 - Índice de concentração das exportações - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,15	22,10884354
Brasil	0,17	30,27210884
China	0,1	5,44217687
EUA	0,08	0,00000000
Índia	0,18	34,01360544
Rússia	0,38	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 46 - Grau de proteção da atividade econômica - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,4	87,61038267
Brasil	1,14	40,51361534
China	1,78	0,00000000
EUA	0,2	100,00000000
Índia	0,54	78,44818281
Rússia	1,21	35,92334657

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 47 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2000-2011)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,43	83,10208311
Brasil	4,59	69,61504222
China	10,57	0,00000000
EUA	1,98	100,00000000
Índia	7,45	36,34632700
Rússia	5,19	62,64534590

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 48 - Grau de desnacionalização econômica - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003479%	100,00000000
Brasil	0,00002481%	60,6900690
China	0,00000941%	0,00000000
EUA	0,00002243%	51,2937610
Índia	0,00001132%	7,5105940
Rússia	0,00001999%	41,6772023

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 49 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001256%	48,21531118
Brasil	0,0002224%	100,00000000
China	0,0000354%	0,00000000
EUA	0,0001632%	68,34604202
Índia	0,0000462%	5,79672266
Rússia	0,0000713%	19,20778080

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 50 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,67%	100,00000000
Brasil	1,14%	77,38396947
China	1,78%	46,69403784
EUA	2,76%	0,00000000
Índia	0,76%	95,80904198
Rússia	1,02%	83,33389247

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 51 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	69,25%	100,00000000
Brasil	12,97%	8,61868007
China	10,94%	5,32658603
EUA	7,66%	0,00000000
Índia	20,48%	20,82150019
Rússia	28,06%	33,12984176

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 52 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,20%	100,0000000
Brasil	11,14%	79,6611730
China	30,48%	0,0000000
EUA	20,61%	40,6508612
Índia	7,87%	93,1358342
Rússia	8,39%	90,9891585

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 53 - Desequilíbrio de estoque - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,98	6,75201901
Brasil	1,38	12,81221813
China	0,52	0,0000000
EUA	7,23	100,0000000
Índia	0,75	3,34369223
Rússia	0,95	6,32615984

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 54 - Dependência dos recursos do FMI - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,21%	100,0000000
Brasil	1,10%	49,67509275
China	1,02%	46,09361236
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,83%	82,70632893
Rússia	1,60%	72,43519112

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 55 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,55%	46,0114993
Brasil	-23,89%	0,0000000
China	-3,50%	61,1723183
EUA	9,44%	100,0000000
Índia	-3,59%	60,8911493
Rússia	-10,53%	40,0779224

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 56 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2011

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,853035562	35,18069254
Brasil	6,77	97,87514635
China	0,66	0,0000000
EUA	6,9	100,0000000
Índia	1,76	17,66728098
Rússia	3,88	51,69017709

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 57 - Grau de abertura comercial - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,14%	100,00000000
Brasil	11,88%	0,00000000
China	25,49%	89,21066024
EUA	13,64%	11,57486212
Índia	24,53%	82,93287199
Rússia	26,91%	98,48096726

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 58 - Grau de integração na economia mundial - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-1,43	91,52761521
Brasil	-0,94	100
China	-6,79	0
EUA	-1,24	94,73369125
Índia	-4,43	40,27547313
Rússia	-2,97	65,20920617

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 59 - Índice de concentração das exportações - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,16	25,34246575
Brasil	0,15	20,20547945
China	0,1	3,76712329
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,17	28,42465753
Rússia	0,38	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 60 - Grau de proteção da atividade econômica - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,41	86,77437439
Brasil	1,2	35,57546932
China	1,74	0,00000000
EUA	0,21	100,00000000
Índia	0,52	79,75526998
Rússia	1,21	34,75070010

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 61 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2001-2012)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,28	86,96495400
Brasil	4,2	75,78172434
China	10,43	0,00000000
EUA	2,21	100,00000000
Índia	7,14	39,98401020
Rússia	5,4	61,24421909

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 62 - Grau de desnacionalização econômica - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003764%	100,00000000
Brasil	0,00002694%	61,6443160
China	0,00000975%	0,00000000
EUA	0,00002409%	51,4193979
Índia	0,00001231%	9,1774202
Rússia	0,00001984%	36,1870600

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 63 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001386%	50,49635648
Brasil	0,0002371%	100,00000000
China	0,0000382%	0,00000000
EUA	0,0001742%	68,39647644
Índia	0,0000507%	6,25775780
Rússia	0,0000743%	18,13222831

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 64 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,67%	100,00000000
Brasil	1,13%	77,15835012
China	1,91%	37,95059325
EUA	2,67%	0,00000000
Índia	0,73%	96,93547431
Rússia	1,03%	82,11011962

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 65 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	69,38%	100,00000000
Brasil	15,76%	12,53908295
China	10,88%	4,57851129
EUA	8,07%	0,00000000
Índia	29,88%	35,56591242
Rússia	33,62%	41,66841384

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 66 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,68%	100,0000000
Brasil	11,89%	78,4638291
China	30,85%	0,0000000
EUA	20,16%	44,2168413
Índia	7,70%	95,7911369
Rússia	9,06%	90,1776548

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 67 - Desequilíbrio de estoque - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,25	11,26646536
Brasil	1,57	16,19339575
China	0,53	0,0000000
EUA	6,98	100,0000000
Índia	0,88	5,52973075
Rússia	1	7,37506874

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 68 - Dependência dos recursos do FMI - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,85%	100,0000000
Brasil	1,01%	54,30943743
China	0,94%	50,44427512
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,56%	83,97085052
Rússia	1,47%	79,41066492

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 69 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-9,26%	42,8374845
Brasil	-22,80%	0,0000000
China	-0,91%	69,2422701
EUA	8,81%	100,0000000
Índia	-4,70%	57,2769304
Rússia	-11,47%	35,8363559

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 70 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2012

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	4,83	65,39273430
Brasil	4,07	54,01722461
China	0,45	0,0000000
EUA	7,15	100,0000000
Índia	1,68	18,43991578
Rússia	2,58	31,90812553

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 71 - Grau de abertura comercial - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	28,38%	100,00000000
Brasil	11,74%	0,00000000
China	24,60%	77,27946988
EUA	13,58%	11,03467121
Índia	25,43%	82,27799353
Rússia	25,85%	84,76927376

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 72 - Grau de integração na economia mundial - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-1,51	86,89363195
Brasil	-1,97	79,15385819
China	-6,68	0,00000000
EUA	-0,83	98,28120617
Índia	-4,07	43,87953536
Rússia	-0,73	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 73 - Índice de concentração das exportações - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,158	22,34042553
Brasil	0,16	21,98581560
China	0,1	2,83687943
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,18	31,56028369
Rússia	0,38	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 74 - Grau de proteção da atividade econômica - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,41	85,34407610
Brasil	1,08	45,27213712
China	1,83	0,00000000
EUA	0,16	100,00000000
Índia	0,53	77,84842647
Rússia	1,09	44,66823394

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 75 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2002-2013)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,08	89,73735759
Brasil	4,05	76,27511256
China	9,51	0,00000000
EUA	2,35	100,00000000
Índia	6,63	40,20868170
Rússia	5,05	62,24712870

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 76 - Grau de desnacionalização econômica - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003795%	100,00000000
Brasil	0,00002539%	55,0802774
China	0,00000999%	0,00000000
EUA	0,00002938%	69,3573416
Índia	0,00001220%	7,9188258
Rússia	0,00002057%	37,8361494

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 77 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001339%	50,60796146
Brasil	0,0002249%	100,00000000
China	0,0000406%	0,00000000
EUA	0,0002139%	94,04750417
Índia	0,0000484%	4,23265279
Rússia	0,0000796%	21,19594373

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 78 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,66%	100,00000000
Brasil	1,20%	73,88871191
China	2,00%	34,54349791
EUA	2,70%	0,00000000
Índia	0,71%	97,88508110
Rússia	1,03%	82,14581619

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 79 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	72,83%	100,00000000
Brasil	16,10%	12,83016093
China	11,00%	4,98714626
EUA	7,75%	0,00000000
Índia	29,76%	33,81938438
Rússia	35,54%	42,69993498

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 80 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,52%	100,0000000
Brasil	11,97%	78,2519947
China	31,57%	0,0000000
EUA	20,18%	45,4873938
Índia	8,87%	90,6246549
Rússia	10,61%	83,6902762

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 81 - Desequilíbrio de estoque - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,25	9,50369919
Brasil	1,73	16,99291752
China	0,63	0,0000000
EUA	7,13	100,0000000
Índia	0,91	4,36792157
Rússia	1,13	7,70577565

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 82 - Dependência dos recursos do FMI - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,94%	100,0000000
Brasil	0,92%	47,34129068
China	0,73%	37,44932371
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,43%	73,85924718
Rússia	1,31%	67,29768631

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 83 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,53%	22,46198443
Brasil	-13,43%	0,08889275
China	-3,33%	46,19878384
EUA	8,45%	100,00000000
Índia	-4,66%	40,14457808
Rússia	-13,45%	0,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 84 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2013

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,995953329	96,44459512
Brasil	7,14	98,62529904
China	0,48	0,00000000
EUA	7,24	100,00000000
Índia	2,26	26,34338566
Rússia	3,53	45,14614006

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 85 - Grau de abertura comercial - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	29,00%	100,00000000
Brasil	11,01%	0,00000000
China	23,51%	69,47769670
EUA	13,55%	14,08673128
Índia	22,97%	66,46414592
Rússia	27,11%	89,49604628

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 86 - Grau de integração na economia mundial - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-0,45	86,69750054
Brasil	0,46	100,00000000
China	-6,37	0,37021925
EUA	-1,25	75,08668017
Índia	-6,4	0,00000000
Rússia	0,19	96,17667025

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 87 - Índice de concentração das exportações - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,146	18,54545455
Brasil	0,15	20,00000000
China	0,1	2,18181818
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,18	29,09090909
Rússia	0,37	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 88 - Grau de proteção da atividade econômica - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,4227029081	82,90033263
Brasil	1,11	39,58235686
China	1,74	0,00000000
EUA	0,15	100,00000000
Índia	0,59	72,54299539
Rússia	0,9	52,82885265

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 89 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2003-2014)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	2,33	99,8515295
Brasil	3,2	74,4663408
China	5,52	6,0024549
EUA	2,33	100,0000000
Índia	5,73	0,0000000
Rússia	3,81	56,2513461

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 90 - Grau de desnacionalização econômica - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,000036439%	100,0000000
Brasil	0,000024490%	54,1974284
China	0,000010351%	0,0000000
EUA	0,000031092%	79,5040508
Índia	0,000012413%	7,9038761
Rússia	0,000014085%	14,3113077

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 91 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,000125769%	44,36005136
Brasil	0,000228296%	100,00000000
China	0,000044027%	0,00000000
EUA	0,000228072%	99,87856799
Índia	0,000052127%	4,39552883
Rússia	0,000051558%	4,08660011

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 92 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,71%	99,5893417
Brasil	1,27%	71,8232207
China	2,02%	34,4909187
EUA	2,72%	0,0000000
Índia	0,70%	100,0000000
Rússia	1,07%	81,6086145

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 93 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	64,01%	100,00000000
Brasil	19,71%	21,08901107
China	10,67%	4,98671806
EUA	7,87%	0,00000000
Índia	33,89%	46,34903636
Rússia	36,32%	50,67932780

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 94 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,66%	100,0000000
Brasil	12,37%	75,2044165
China	29,70%	0,0000000
EUA	20,47%	40,0595906
Índia	9,22%	88,8953345
Rússia	12,09%	76,4317357

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 95 - Desequilíbrio de estoque - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,35	9,70300540
Brasil	2,11	21,44090031
China	0,72	0,0000000
EUA	7,21	100,0000000
Índia	0,94	3,39107722
Rússia	0,99	4,05904560

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 96 - Dependência dos recursos do FMI - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,73%	100,0000000
Brasil	0,75%	43,35242500
China	0,57%	32,86845194
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,26%	72,71804895
Rússia	1,48%	85,55255559

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 97 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,53%	37,6883405
Brasil	-18,76%	0,0000000
China	0,54%	71,1337316
EUA	8,37%	100,0000000
Índia	-5,14%	50,2097266
Rússia	-12,08%	24,6161654

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 98 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2014

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	3,75	41,00992949
Brasil	5,49	63,22370750
China	0,54	0,00000000
EUA	7,45	88,26377006
Índia	2,71	27,65201512
Rússia	8,37	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 99 - Grau de abertura comercial - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,71%	93,90637309
Brasil	12,90%	2,70402375
China	21,35%	54,75230727
EUA	12,46%	0,00000000
Índia	19,81%	45,26546370
Rússia	28,70%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 100 - Grau de integração na economia mundial - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-0,45	58,09623028
Brasil	4,35	100,00000000
China	-6,11	8,69361994
EUA	-1,75	46,79273830
Índia	-7,11	0,00000000
Rússia	2,65	85,19170976

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 101 - Índice de concentração das exportações - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,146	22,37442922
Brasil	0,13	15,98173516
China	0,1	3,19634703
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,12	10,50228311
Rússia	0,32	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 102 - Grau de proteção da atividade econômica - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,4552160624	79,72366543
Brasil	1,42	18,24924547
China	1,7	0,00000000
EUA	0,14	100,00000000
Índia	0,72	62,88322050
Rússia	1,31	25,25821032

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 103 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2004-2015)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,65	100,00000000
Brasil	2,08	80,99572552
China	3,9	0,00000000
EUA	1,95	86,52160280
Índia	3,69	9,23191311
Rússia	1,96	86,32066136

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 104 - Grau de desnacionalização econômica - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003656%	100,00000000
Brasil	0,00002385%	50,2225518
China	0,00001103%	0,00000000
EUA	0,00003148%	80,1071875
Índia	0,00001343%	9,4255909
Rússia	0,00001927%	32,2816137

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 105 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00013156%	40,0165248
Brasil	0,00019225%	70,4197049
China	0,00005169%	0,0000000
EUA	0,00025129%	100,0000000
Índia	0,00006593%	7,1373135
Rússia	0,00006685%	7,5963560

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 106 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,73%	98,1675336
Brasil	1,37%	67,6283494
China	2,06%	34,8626972
EUA	2,79%	0,0000000
Índia	0,69%	100,0000000
Rússia	1,10%	80,5267674

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 107 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	64,71%	100,0000000
Brasil	22,33%	26,64960944
China	9,68%	4,75192115
EUA	6,93%	0,0000000
Índia	34,36%	47,46158706
Rússia	37,53%	52,96303435

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 108 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	7,41%	100,0000000
Brasil	14,49%	69,2381326
China	30,42%	0,0000000
EUA	21,38%	39,2804469
Índia	8,02%	97,3215577
Rússia	15,95%	62,8670220

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 109 - Desequilíbrio de estoque - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,33	10,56553169
Brasil	2,43	25,90610812
China	0,57	0,0000000
EUA	7,77	100,0000000
Índia	1,12	7,66652208
Rússia	1,25	9,54402216

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 110 - Dependência dos recursos do FMI - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,94%	100,0000000
Brasil	0,74%	38,01248030
China	0,73%	37,49394561
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,15%	59,44301221
Rússia	1,60%	82,44656389

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 111 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-8,17%	35,0525403
Brasil	-16,97%	0,0000000
China	-2,21%	58,8150115
EUA	8,12%	100,0000000
Índia	-5,45%	45,9065772
Rússia	-9,60%	29,3463655

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 112 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2015

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	15,24	100,0000000
Brasil	12,76	82,15301685
China	1,34	0
EUA	7,96	47,59986358
Índia	3,09	12,55273965
Rússia	10,96	69,17794668

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 113 - Grau de abertura comercial - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	28,16%	100,00000000
Brasil	12,47%	3,25063180
China	19,58%	47,14221944
EUA	11,94%	0,00000000
Índia	19,16%	44,51437839
Rússia	25,85%	85,80705962

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 114 - Grau de integração na economia mundial - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,26	34,21859354
Brasil	4,17	100,00000000
China	-5,89	87,98024196
EUA	-0,69	42,43948324
Índia	-7,28	0,00000000
Rússia	0,69	30,39824831

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 115 - Índice de concentração das exportações - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,15	25,37313433
Brasil	0,13	15,92039801
China	0,11	2,98507463
EUA	0,09	0,00000000
Índia	0,12	10,44776119
Rússia	0,3	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 116 - Grau de proteção da atividade econômica - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,52	76,44838873
Brasil	1,74	0,00000000
China	1,59	9,27463335
EUA	0,15	100,00000000
Índia	0,77	61,27681625
Rússia	1,42	20,44247911

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 117 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2005-2016)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,34	93,3095585
Brasil	1,63	75,3604974
China	2,84	0,0000000
EUA	1,74	68,9331761
Índia	2,78	3,5878653
Rússia	1,24	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 118 - Grau de desnacionalização econômica - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00004186%	100,0000000
Brasil	0,00003138%	64,8528246
China	0,00001205%	0,0000000
EUA	0,00003478%	76,2594873
Índia	0,00001387%	6,1091252
Rússia	0,00003085%	63,0710963

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 119 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001481%	37,8279354
Brasil	0,0002593%	86,4912047
China	0,0000616%	0,0000000
EUA	0,0002902%	100,0000000
Índia	0,0000740%	5,4092665
Rússia	0,0001185%	24,9049452

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 120 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,75%	96,3326771
Brasil	1,29%	71,7655608
China	2,10%	34,4896716
EUA	2,85%	0,0000000
Índia	0,67%	100,0000000
Rússia	1,10%	80,1915158

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 121 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	75,46%	100,0000000
Brasil	23,01%	22,40004539
China	10,16%	3,39553251
EUA	7,87%	0,0000000
Índia	35,56%	40,96591953
Rússia	35,51%	40,88524127

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 122 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,66%	100,0000000
Brasil	16,00%	60,3830558
China	30,24%	0,0000000
EUA	22,41%	33,2014500
Índia	7,66%	95,7394982
Rússia	15,75%	61,4619962

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 123 - Desequilíbrio de estoque - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,57	12,58395707
Brasil	2,49	25,08560578
China	0,64	0,0000000
EUA	8,04	100,0000000
Índia	1,06	5,60690664
Rússia	1,61	13,06802364

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 124 - Dependência dos recursos do FMI - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,67%	100,0000000
Brasil	0,71%	42,87655594
China	0,66%	39,88443381
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,17%	70,46435161
Rússia	1,42%	85,49712210

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 125 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-9,01%	36,2539523
Brasil	-19,12%	0,0000000
China	-2,50%	59,6039660
EUA	8,77%	100,0000000
Índia	-6,36%	45,7610028
Rússia	-10,68%	30,2540929

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 126 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2016

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,84	38,28874225
Brasil	10,65	74,56992907
China	0,76	0,00000000
EUA	8,73	60,09672900
Índia	5,06	32,41431207
Rússia	14,03	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 127 - Grau de abertura comercial - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,34%	100,0000000
Brasil	12,52%	1,70595564
China	19,69%	49,27956275
EUA	12,26%	0,00000000
Índia	18,79%	43,30733843
Rússia	26,09%	91,71530158

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 128 - Grau de integração na economia mundial - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-0,03	100,00000000
Brasil	-0,18	97,43571904
China	-5,83	0,00000000
EUA	-1,17	80,33937327
Índia	-5,63	3,37208401
Rússia	-0,59	90,34149498

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 129 - Índice de concentração das exportações - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,14	21,25603865
Brasil	0,148	25,12077295
China	0,09	0,00000000
EUA	0,09	0,48309179
Índia	0,12	12,56038647
Rússia	0,3	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 130 - Grau de proteção da atividade econômica - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,51	75,34923755
Brasil	1,59	0,00000000
China	1,46	8,71903710
EUA	0,16	100,00000000
Índia	0,73	59,53314476
Rússia	1,32	18,51146747

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 131 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2006-2017)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,32	93,3287801
Brasil	1,62	70,4158641
China	2,45	6,3153477
EUA	1,64	68,9428309
Índia	2,53	0,0000000
Rússia	1,23	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 132 - Grau de desnacionalização econômica - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00004099%	100,0000000
Brasil	0,00003019%	62,6220536
China	0,00001210%	0,0000000
EUA	0,00004008%	96,8489662
Índia	0,00001423%	7,3552944
Rússia	0,00002802%	55,1093191

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 133 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001501%	33,5339559
Brasil	0,0002480%	70,5103870
China	0,0000613%	0,0000000
EUA	0,0003260%	100,0000000
Índia	0,0000771%	5,9505698
Rússia	0,0001075%	17,4290110

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 134 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,76%	95,6891184
Brasil	1,12%	79,8401405
China	2,12%	35,2519574
EUA	2,91%	0,0000000
Índia	0,67%	100,0000000
Rússia	1,11%	80,1897756

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 135 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	64,75%	100,0000000
Brasil	23,43%	27,38126914
China	11,04%	5,60383830
EUA	7,85%	0,0000000
Índia	36,89%	51,05064150
Rússia	34,23%	46,37135255

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 136 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,68%	100,0000000
Brasil	14,31%	65,7793907
China	30,91%	0,0000000
EUA	19,26%	46,1706536
Índia	7,36%	93,3311392
Rússia	12,29%	73,7803582

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 137 - Desequilíbrio de estoque - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,68	13,50865144
Brasil	2,16	20,15243993
China	0,7	0,0000000
EUA	7,94	100,0000000
Índia	1,05	4,74194707
Rússia	1,26	7,77645141

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 138 - Dependência dos recursos do FMI - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,45%	93,3896292
Brasil	0,76%	48,6714287
China	0,58%	37,5362869
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,11%	71,2010249
Rússia	1,56%	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 139 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-10,16%	25,1027892
Brasil	-17,18%	0,0000000
China	-0,68%	59,0374154
EUA	10,77%	100,0000000
Índia	-5,40%	42,1495180
Rússia	-10,24%	24,8145309

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 140 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2017

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,018454314	42,39570102
Brasil	10,9	100,0000000
China	0,69	0,0000000
EUA	8,45	76,06363874
Índia	2,78	20,48843166
Rússia	5,93	51,29640900

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 141 - Grau de abertura comercial - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,56%	82,47303770
Brasil	14,63%	12,33711625
China	19,11%	36,62660760
EUA	12,36%	0,00000000
Índia	19,93%	41,05213505
Rússia	30,79%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 142 - Grau de integração na economia mundial - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-0,44	100,00000000
Brasil	-0,67	95,60487341
China	-5,63	0,00000000
EUA	-1,88	72,27612848
Índia	-5,33	5,69374851
Rússia	-1,65	76,63047429

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 143 - Índice de concentração das exportações - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,147	21,73913043
Brasil	0,17	32,17391304
China	0,09	0,00000000
EUA	0,09	0,86956522
Índia	0,14	18,26086957
Rússia	0,33	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 144 - Grau de proteção da atividade econômica - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,47	73,68236938
Brasil	1,39	0,00000000
China	1,24	12,37466083
EUA	0,14	100,00000000
Índia	0,62	61,74782997
Rússia	1,36	2,11085548

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 145 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2007-2018)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,19	100,0000000
Brasil	1,5	70,6159944
China	2,11	12,4290780
EUA	1,53	67,6682293
Índia	2,24	0,0000000
Rússia	1,3	89,5345863

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 146 - Grau de desnacionalização econômica - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003428%	93,77952483
Brasil	0,00002967%	74,60181603
China	0,00001172%	0,00000000
EUA	0,00003578%	100,00000000
Índia	0,00001429%	10,67495948
Rússia	0,00002462%	53,63322502

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 147 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00012441%	27,6830333
Brasil	0,00020790%	64,3736521
China	0,00006142%	0,0000000
EUA	0,00028897%	100,0000000
Índia	0,00007191%	4,6083469
Rússia	0,00008025%	8,2730659

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 148 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,69%	98,6237031
Brasil	1,17%	78,2609610
China	2,14%	36,9852191
EUA	3,01%	0,0000000
Índia	0,66%	100,0000000
Rússia	0,99%	85,7987756

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 149 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	55,41%	100,0000000
Brasil	22,89%	32,95406809
China	12,03%	10,55947328
EUA	6,91%	0,0000000
Índia	44,64%	77,78759122
Rússia	38,32%	64,77303249

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 150 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	5,27%	100,0000000
Brasil	14,74%	63,9479523
China	31,55%	0,0000000
EUA	18,47%	49,7504478
Índia	9,04%	85,6565828
Rússia	11,32%	76,9846811

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 151 - Desequilíbrio de estoque - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,62	12,54751274
Brasil	2,04	18,56471862
China	0,74	0,0000000
EUA	7,74	100,0000000
Índia	0,97	3,29101786
Rússia	0,94	2,85222966

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 152 - Dependência dos recursos do FMI - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,38%	83,4725822
Brasil	0,72%	43,6050192%
China	0,50%	30,0169203
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	1,06%	64,3193525
Rússia	1,65%	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 153 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-10,31%	35,4701163
Brasil	-21,50%	0,0000000
China	-2,31%	60,8306560
EUA	10,04%	100,0000000
Índia	-5,54%	50,6032671
Rússia	-7,94%	42,9897636

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 154 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2018

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	13,16	100,0000000
Brasil	11,89	89,78789279
China	0,73	0
EUA	8,46	62,17822627
Índia	4,23	28,13969206
Rússia	11,04	82,90380492

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 155 - Grau de abertura comercial - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	27,30%	93,14073969
Brasil	14,12%	13,58888011
China	18,41%	39,47550128
EUA	11,87%	0,00000000
Índia	18,66%	41,01087468
Rússia	28,43%	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 156 - Grau de integração na economia mundial - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,646577	100,00000000
Brasil	-0,25	84,10558721
China	-4,97	0,00000000
EUA	-1,3	65,38400693
Índia	-2,88	37,10714782
Rússia	-1,22	66,75868224

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 157 - Índice de concentração das exportações - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,151	25,45454545
Brasil	0,17	31,81818182
China	0,09	0,00000000
EUA	0,1	2,72727273
Índia	0,13	13,63636364
Rússia	0,32	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 158 - Grau de proteção da atividade econômica - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,53	25,79748015
Brasil	1,32	81,72394436
China	1,29	79,70413786
EUA	0,17	0,00000000
Índia	0,75	41,28336655
Rússia	1,58	100,00000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 159 - Taxa de crescimento de longo prazo do valor das exportações de bens (2008-2019)

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,03	87,4776372
Brasil	1,14	74,2301770
China	1,76	3,8049074
EUA	1,38	47,4958190
Índia	1,79	0,0000000
Rússia	0,92	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 160 - Grau de desnacionalização econômica - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,00003738%	84,79483188
Brasil	0,00003764%	85,65165034
China	0,00001239%	0,00000000
EUA	0,00004186%	100,00000000
Índia	0,00001506%	9,04428993
Rússia	0,00002913%	56,78214680

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 161 - Comprometimento da receita de comércio exterior com o capital produtivo externo - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,0001372%	24,6182267
Brasil	0,0002724%	72,1582237
China	0,0000673%	0,0000000
EUA	0,0003515%	100,0000000
Índia	0,0000782%	3,8474370
Rússia	0,0001024%	12,3559472

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 162 - Gastos com P&D como proporção do PIB - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	0,61%	100,0000000
Brasil	1,21%	76,6886884
China	2,24%	36,3035372
EUA	3,17%	0,0000000
Índia	0,62%	99,5964375
Rússia	1,04%	83,5512764

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 163 - Capacidade de absorção da tecnologia proveniente do exterior - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	56,82%	100,0000000
Brasil	23,13%	33,3997623
China	10,72%	8,8819845
EUA	6,23%	0,0000000
Índia	44,54%	75,7349439%
Rússia	39,17%	65,1125872

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 164 - Influência da tecnologia no padrão de comércio - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	4,89%	100,0000000
Brasil	14,07%	64,6174105
China	30,82%	0,0000000
EUA	18,67%	46,8486332
Índia	10,22%	79,4419492
Rússia	12,87%	69,2206361

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 165 - Desequilíbrio de estoque - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,8	13,70483666
Brasil	2,2	19,12429952
China	0,8	0,00000000
EUA	8,09	100,00000000
Índia	1,03	3,06870575
Rússia	1,01	2,81281047

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 166 - Dependência dos recursos do FMI - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	1,29%	80,1749351
Brasil	0,70%	43,4823685
China	0,46%	28,3170935
EUA	0,00%	0,0000000
Índia	0,98%	60,7520113
Rússia	1,61%	100,0000000

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 167 - Absorção da receita de exportação pelo serviço do passivo externo - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	-9,21%	40,5702865
Brasil	-22,13%	0,0000000
China	-1,49%	64,8101907
EUA	9,72%	100,0000000
Índia	-5,38%	52,5912080
Rússia	-11,11%	34,5940470

Fonte: elaborado pelo autor.

Tabela 168 - Comprometimento das receitas de comércio exterior com a dívida externa - 2019

Economia em análise	Indicador	Índice
África do Sul	6,71	41,47588362
Brasil	14,75	100,0000000
China	1,01	0,0000000
EUA	8,92	57,58925082
Índia	2,9	13,75040314
Rússia	7,52	47,39128154

Fonte: elaborado pelo autor.